UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

CAROLINA MURAD

***Nudes* como prática de expressão na contemporaneidade:
relatos na comunidade *Ousadia permitida* do Facebook.**

SÃO PAULO

2019

CAROLINA MURAD

***Nudes* como prática de expressão na contemporaneidade:
relatos na comunidade *Ousadia permitida* do Facebook.**

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Mestre
em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação
em Estudos Culturais.

Área de concentração:

Crítica da Cultura

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Cynthia Harumy Watanabe Correa

SÃO PAULO

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8 - 4936

Murad, Carolina

Nudes como prática de expressão na contemporaneidade: relatos na comunidade *Ousadia permitida* do *Facebook* / Carolina Murad ; orientadora, Cynthia Harumy Watanabe Correa. – 2019
130 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.
Versão original

1. Redes sociais. 2. *Facebook*. 3. Nudez. 4. Comunicação digital. 5. *Ousadia permitida* (*Facebook*). I. Correa, Cynthia Harumy Watanabe, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 303.4833

Nome: MURAD, Carolina

Título: *Nudes* como prática de expressão na contemporaneidade: relatos na comunidade
Ousadia permitida do *Facebook*.

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Mestre
em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação
em Estudos Culturais.

Area de concentração:
Crítica da cultura

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^a. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^ª. Dr^a. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^ª. Dr^a. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof^ª. Dr^a. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

RESUMO

MURAD, Carolina. **Nudes como prática de expressão na contemporaneidade:** relatos na comunidade *Ousadia permitida* do *Facebook*. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão original.

O modo de ser e existir na contemporaneidade é marcado pelo aumento de necessidades, como o desejo de ampliar a própria visibilidade, caracterizando a dissolução das fronteiras entre público e privado. Diante da conjuntura em que imperam as novas tecnologias de comunicação no ambiente digital, novos comportamentos são fomentados, quando fenômenos como o *nudes* passam a merecer atenção. Nesse contexto, esta pesquisa abordou a temática da divulgação de relatos íntimos em plataformas de redes sociais, precisamente o *Facebook*, considerando a fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno que se baseia na lógica da identificação. O objetivo geral da pesquisa foi investigar as interações comunicacionais no grupo *Ousadia permitida* que tem como prática a postagem de imagens e relatos íntimos. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e caráter descritivo-exploratório apoiada em revisão de literatura e pesquisa documental. Com relação ao trabalho de campo, a técnica da etnografia virtual foi adotada para a observação das interações no interior do grupo por um período de três meses. Por fim, foi aplicada uma enquête junto aos participantes e conduzidas entrevistas de tipo semiestruturada com administradores da comunidade *Ousadia permitida*. Como resultados da pesquisa, a comunidade estudada age como mecanismo para a construção de si pela postagem de *selfies* e *nudes*, as formas principais de interação. A intenção é alcançar visibilidade e aprovação do outro quando aglutinados em tribos no ciberespaço. A fundadora da comunidade, por sua vez, figura como a personificação desse sujeito contemporâneo em busca de um eu visível amado por seus pares, ao galgar seu espaço como celebridade.

Palavras-chave: Cultura digital. Comunicação. Comunidade. Relatos íntimos. *Nudes*. *Facebook*.

ABSTRACT

MURAD, Carolina. **Nudes as a practice of expression in the contemporary world:** reports in the *Ousadia permitida* Community on Facebook. 2019. 130 f. Dissertation (Master of Philosophy) – Postgraduate Program in Cultural Studies, School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Original version.

The way of being and existing in contemporaneity is marked by the increase of needs, such as the desire to expand one's visibility, characterizing the dissolution of the boundaries between public and private. Given the current situation of new communication technologies in the digital environment, new behaviors are encouraged, when phenomena such as nudes become worthy of attention. In this context, this research addressed the theme of the dissemination of confidential reports on social networking platforms, namely Facebook, considering the fragmentation of the identity of the postmodern subject that is based on the logic of identification. The general objective of the research was to investigate the communication interactions in the *Ousadia permitida* group that has as practice the posting of images and intimate reports. As for the methodological procedures, it is a research of qualitative nature and descriptive-exploratory character supported in the literature review and documentary research. About the field work, the technique of virtual ethnography was adopted to observe the interactions within the group for three months. Finally, a poll was applied to the participants and conducted semi-structured interviews with administrators of the *Ousadia permitida* community. As results of this research, the studied community acts as a mechanism for the construction of self by the posting of selfies and nudes, the chief forms of interaction. The intention is to achieve visibility and approval of the other when agglutinated in tribes in cyberspace. The founder of the community, in turn, figures as the personification of this contemporary subject in search of a visible self-loved by his peers, as he gains his space as a celebrity.

Keywords: Digital culture. Communication. Community. Intimate reports. Nudes. Facebook.

Agradecimentos

Educadores são semeadores e uma semente lançada, quando bem cultivada, dá frutos. Quando são os exemplos que nos movem na caminhada, não posso deixar de agradecer à minha avó Aparecida Noirma Ferrari Murad, exímia educadora. E à minha tia, Noirma Murad também educadora, que sempre me incentivou na vida acadêmica a quem sempre admirei quando ouvia os debates acalorados em casa que despertaram em mim o espírito curioso de pesquisadora desde a infância, inclusive pelo constante incentivo à leitura e diálogo. Enfim, à minha família pelas longas conversas e apoio.

À minha filha Manuela de apenas oito anos, que apesar da pouca idade sempre compreendeu o quanto é importante para mim concluir o mestrado, o que exigiu que ficássemos distante algumas vezes.

À minha orientadora Dr^a. Cynthia Harumy Watanabe Correa pela oportunidade, pelo acolhimento, pela dedicação, por me amparar em todas as angústias do início ao fim da pesquisa.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida e colaboraram na construção dos conhecimentos, os quais possibilitaram percorrer esse caminho. As sementes lançadas são ainda a possibilidade de traçar muitos outros caminhos.

Aos colegas da E.M.E.F. Padre Chico Falconi, em especial à Rose, Fabiana e Rosa por organizarem meu horário de modo a me proporcionar tempo, algo precioso nos dias de hoje.

Ao casal de administradores da comunidade estudada pela disposição, atenção e paciência com as minhas perguntas infundáveis.

Ao olimpo virtual na contemporaneidade que conecta as pessoas por um fio invisível promovendo os relacionamentos que se tecem pelo teclado e pelas lentes das câmeras, sem os quais não seria possível esse estudo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	<i>Post</i> ilustrativo de brincadeira interativa na página <i>Ousadia permitida</i> em 6 set. 2018.....	90
Figura 2-	<i>Post</i> ilustrativo de Enquete na página <i>Ousadia permitida</i> em 3 jun. 2018...	91
Figura 3-	<i>Post</i> ilustrativo de <i>meme</i> cumprimento na página <i>Ousadia permitida</i> em 9 mai.2018.....	91
Figura 4-	<i>Post</i> ilustrativo de <i>meme</i> mensagem na página <i>Ousadia permitida</i> em 23 ago. 2018.....	92
Figura 5-	<i>Post</i> ilustrativo de <i>meme</i> piada na página <i>Ousadia permitida</i> 29 jun. 2018.....	92
Figura 6-	Ilustração de <i>Post</i> Mensagem na página <i>Ousadia permitida</i> em 5 jul. 2018.....	93
Figura 7-	Interação em brincadeira interativa na página <i>Ousadia permitida</i> em 24 jul. 2018.....	96
Figura 8-	Interação por comentários na página <i>Ousadia permitida</i> em 28 jul. 2018...	96
Figura 9-	Brincadeira interativa sobre conectividade na página <i>Ousadia permitida</i> em 16 ago. 2018.....	97
Figura 10-	Participante comenta sobre arrependimento por relacionar-se no ambiente digital na página do <i>Ousadia permitida</i> em 03 jul. 2018.....	103
Figura 11-	Comentários com confidências e apoio entre os participantes na página <i>Ousadia permitida</i> em 23 ago. 2018.....	104
Figura 12-	<i>Post</i> de comemoração da fundação do grupo na pagina <i>Ousadia permitida</i> em 05 jul. 2018.....	110
Figura 13-	<i>Post</i> ilustrativo de mulheres fora do padrão na página do <i>Ousadia permitida</i> em 22 set. 2018.....	112
Figura 14-	Participante pergunta sobre as regras na página da <i>Ousadia permitida</i> em 30 out. 2018.....	114
Figura 15	Participante reclama de invasão de privacidade na página <i>Ousadia permitida</i> em 17 jan. 19.....	117
Figura 16-	Participante expulso por denunciar postagem na página <i>Ousadia permitida</i> em 17 jan. 19.....	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Listagem de postagens.....	94
Tabela 2-	Quantidade e tipos de engajamentos.....	94
Tabela 3-	As dez mais comentadas.....	95
Tabela 4-	As 10 mais curtidas.....	99
Tabela 5-	As dez mais <i>love</i>	99
Tabela 6-	As dez mais <i>wow</i>	100
Tabela 7-	As dez mais <i>hahaha</i>	101
Tabela 8-	Dois engajamentos do tipo <i>Angry</i>	101
Tabela 9-	Engajamentos do tipo <i>sad</i>	102

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	15
3 CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO	20
3.1 VISIBILIDADE E CONSTRUÇÃO DO EU.....	20
3.2 HERÓI DE SI E A VIDA COMO INFORMAÇÃO.....	31
4 CONTEMPORANEIDADE: O NEOTRIBALISMO.....	43
4.1 AUTENTICIDADE E SENTIMENTO COMUM.....	44
4.2 A PROFUNDIDADE DAS APARÊNCIAS E PROXEMIA.....	53
4.3 ERA DIGITAL: A IDENTIDADE FRAGMENTADA E CALDO CULTURAL...	64
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	84
5.1 A ENQUETE.....	86
5.2 AS POSTAGENS.....	89
5.3 ENGAJAMENTOS VIA COMENTÁRIOS.....	95
5.4 ENGAJAMENTOS VIA REAÇÕES.....	99
5.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	105
6 CONCLUSÕES.....	119
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICE A-ENTREVISTA COM ADMINISTRADORES	129
APÊNDICE B - ENQUETE APLICADA NA COMUNIDADE.....	130

1 INTRODUÇÃO

A cada dia crescem mais necessidades permeando o cotidiano das pessoas no sentido de ser e existir na contemporaneidade, como a necessidade de ampliar a própria visibilidade, acentuando a dissolução das fronteiras entre público e privado. Nesse panorama, convergem as novas tecnologias de comunicação com vistas a viabilizar alguns fenômenos de autopromoção. Anteriormente, o núcleo do indivíduo era fechado, uno e indivisível, mas agora passa a ser atravessado por subjetividades que abalam sua estrutura, bem como por potências de resistência que brotam e florescem em terreno propício e fecundo. Assim, por meio desta pesquisa, busca-se explorar os novos modos de ser e estar em um mundo conectado pela infoestrutura da rede internet, cuja relação se consolida a partir da condição econômica vigente da sociedade de consumo.

Devido às novas e diferentes formas de relações humanas que se estabelecem na atualidade baseadas no ambiente digital ou virtual, essa proposta de estudo visou compreender o fenômeno de se expressar na contemporaneidade por meio de *nudes* via plataformas de redes sociais. A ideia central foi desvendar os mecanismos que delineiam esse fenômeno em torno da exibição do corpo e debate de cunho íntimo no contexto da cultura digital, enfatizando a força do imaginário como elo, à medida que atrai e une os sujeitos participantes desses grupos.

O termo *nudes* se origina do inglês e significa “nus”. Em pouco tempo, a expressão “manda *nudes*” se popularizou sendo usada quando alguém solicita ao outro que envie *selfie* (autorretrato) sem vestimenta. Entretanto, a prática não se restringe mais às conversas reservadas em salas de *chat* ou às trocas de mensagens via o chamado *in box* (canais de bate-papo privados que comumente se limitam a algumas pessoas), pois hoje existem vários grupos sobre *nudes* disseminados pelos mais diferentes sistemas de comunicação.

Vale destacar que as formas de se relacionar em comunidades virtuais de natureza tribal e a divulgação de si nos dias de hoje são consequências de uma quebra de paradigmas caracterizada pela passagem da modernidade para a pós-modernidade (MAFFESOLI, 1998). Com o declínio da individualidade oriunda do iluminismo e das práticas burguesas, os livros dos escritores românticos vistos como janelas para o mundo e lidos na intimidade dos quartos passam a ser substituídos pelas janelas dos dispositivos eletrônicos, capazes de rastrear os comportamentos *on-line* como é o caso da atuação dos algoritmos. As janelas do ambiente digital, além de serem maiores em termos de número, de alcance e de velocidade, servem para adentrar e espreitar os lares e a intimidade do sujeito contemporâneo via *webcam*. A

intimidade passa a ser considerada extimidade (SIBILIA, 2016) que se volta para fora e para o outro, ao contrário da intimidade que era dirigida para o interior do indivíduo. Surge a ideia de panórgico em que a intimidade ocupa espaços públicos com o intuito de ser contemplada (MACHADO, 2003).

A própria atuação do *feed* de notícias da plataforma *Facebook* funciona por meio dos algoritmos que coletam dados dos usuários negociando as demandas que surgem (ARAÚJO, 2017). Nessa perspectiva, a plataforma consolidou a ideia de compartilhamento à medida que foi construindo noções acerca do que o *feed* de notícias consistia. Então, o que no início era entendido pelos usuários como invasão de privacidade passa, com o tempo, a ser compreendido como compartilhamento. Valor hoje incorporado às práticas nos meios digitais.

Em geral, os participantes adeptos à prática de postagem de *nudes* são bem-sucedidos em suas artimanhas, uma vez que o mecanismo de algoritmos utilizado para detectar rostos é empregado de forma similar na detecção de *nudes*. Assim, algumas vezes o sistema se torna ineficaz quando uma pequena parte do corpo está coberta. Já em 2014, a questão da nudez era discutida quanto a sua divulgação na rede social *Facebook*. Fotos de seios nus não eram permitidas, mas passaram a ser aceitas em situações de amamentação e mastectomia, ou seja, em contextos que não houvesse conotação sexual (LIMA, 2014). A discussão acerca do que pode ou não ser divulgado na plataforma, por ser considerado nudez, é recorrente nos últimos anos.

O *software* denominado *#IsItNude* funciona “[...] identificando a forma básica do corpo humano e conferindo quanto de „pele” ele encontra nessa imagem. Se a taxa for muito alta, a possibilidade de se tratar de um „nude” também é alta. Nesse caso, a foto é bloqueada.” (MÜLLER, 2015). Logo, algumas fotos com uma pequena parte do corpo coberta não são identificadas como nudez e podem driblar o *software* para serem postadas. Todavia, cabe aos moderadores de cada comunidade supervisionar as postagens para que não tenham fotos denunciadas.

Em 2017, o tema do acesso e divulgação da nudez continuou em voga. Os usuários passaram a escolher se queriam ou não ver conteúdo com nudez (PEREIRA, 2017). Diante da dificuldade em gerenciar os conteúdos, segundo Mark Zuckerberg, fundador do *Facebook*, muitos conteúdos são bloqueados inapropriadamente. Para resolver a situação tem sido discutida a possibilidade de o usuário decidir se quer ter acesso a esse tipo de material. Zuckerberg inclusive alega que faz parte da cultura de alguns países ter mais tolerância com a nudez. “Com uma comunidade de quase 2 bilhões de pessoas, é menos viável ter um único

conjunto de padrões para governar a comunidade inteira, então precisamos evoluir para uma governança mais localizada” (PEREIRA, 2017).

A notícia mais recente sobre o assunto é que a plataforma desenvolveu uma estratégia para tornar segura a troca de *nudes* entre os usuários, visando amenizar o problema da pornografia de vingança. Para que isso aconteça, é necessário que “[...] os usuários mandem seus *nudes* para o *Facebook* via *Messenger* para que, no caso de alguém repostar o conteúdo, o sistema possa identificar a imagem e bloqueá-la” (UOL, 2018). Portanto, as políticas de privacidade e termos de uso vêm se aprimorando e se adaptando para suprir as exigências dos novos modos de se relacionar, como a prática de divulgação e compartilhamento de *nudes*, quando reunidos em comunidades ou tribos pós-modernas. Essas mudanças ocorrem com frequência demonstrando as negociações entre usuários e a plataforma do *Facebook*, que visam a melhor interação e também uma maior conectividade (ARAÚJO, 2017).

Nesse contexto, o conceito de tribos pós-modernas (MAFFESOLI, 1998) que se refere à associação voluntária de integrantes por compartilharem interesses e afinidades colabora com o propósito de elucidar as formações sociais via ambiente digital. Em decorrência da rede social *Facebook* ser a líder mundial na atualidade contando com mais de 2 bilhões de usuários ativos mensalmente (SUMARES, 2017), esta dissertação foi desenvolvida a partir do estudo desta plataforma, com o objetivo geral de investigar as interações comunicacionais no grupo *Ousadia permitida* que tem como prática a postagem de imagens e relatos íntimos (OUSADIA PERMITIDA, 2018a). Como objetivos específicos, buscou-se: traçar um perfil dos participantes da comunidade, investigar as postagens líderes em geração de engajamento, e identificar as motivações para o compartilhamento de imagens visando suprir a necessidade de visibilidade.

Para alcançar os objetivos elencados, a pesquisa de natureza qualitativa e caráter descritivo-exploratório adotou como procedimentos metodológicos iniciais uma revisão de literatura de temas-chave, e uma pesquisa documental com foco em relatórios e dados estatísticos sobre o *Facebook* e a comunidade selecionada para exame. Com relação ao trabalho de campo, foi adotada a técnica da etnografia virtual (HINE, 2015) mediante a observação das interações no interior do grupo por um período de três meses. Além disso, foi aplicada uma enquete com os integrantes da comunidade e conduzidas entrevistas de tipo semiestruturada baseada em um roteiro-guia com a administradora A e com o administrador B da comunidade *Ousadia permitida*, visando obter informações essenciais para auxiliar e compreender o fenômeno em torno do debate de cunho íntimo *on-line*.

Apesar da abordagem sobre *nudes* receber atenção nas plataformas e serviços estruturados por redes e tecnologias digitais, uma consulta prévia ao banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) indica que o assunto é pouco estudado no país, até por ser um fenômeno recente. Na busca pelo termo *nudes*, foi localizada somente uma dissertação de mestrado na área de cultura contemporânea pela Universidade Federal do Mato Grosso, no ano de 2016, cujo tema é “„Manda *Nudes*?”: Imagens íntimas e as representações de gênero na mídia brasileira” (MACHADO, 2016, p.1). A análise enfoca a divulgação não consentida de imagens íntimas, ocupa-se ainda de avaliar os discursos de gênero presentes nas notícias sobre o vazamento de imagens íntimas pela mídia jornalística brasileira.

Quando pesquisada a expressão “*nudes* „imagens íntimas”” com aspas, três dissertações de mestrado pareceram à primeira vista cobrir temas pertinentes à proposta desta pesquisa. A dissertação “Esse nu tem endereço: o caráter humilhante da nudez e da sexualidade feminina em duas escolas públicas” (PETROSILLO, 2016, p.1), do Programa de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, argumenta sobre a questão da “pornografia de vingança”, em que há exposição pública de imagens íntimas sem o consentimento da pessoa, embora tenha permitido ser filmada ou fotografada. Portanto, a divulgação das imagens visa humilhar a pessoa e para tal faz-se uso de violência de gênero.

A dissertação do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, de título “O Discurso jurídico sobre pornografia de vingança no Brasil” (SILVA, 2016^a, p.1), ocupa-se novamente da divulgação de imagens com fins vexatórios, porém pelo viés dos discursos no judiciário brasileiro, quando a violência de gênero se repete. Por fim, a pesquisa do mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco intitulada “Constelações visuais: o imaginário das fotografias e comunidades na rede” (SILVA, 2016b, p.1) aborda questões próximas ao tema discutido aqui. O estudo enfatiza a publicização de imagens íntimas pela plataforma *Instagram*, relacionando o autorretrato digital ao analógico. Procura desvendar as novas práticas de construção do eu como marca nas redes sociais, mas não abrange a questão da nudez. Diante da aparente carência de trabalhos sobre o fenômeno do *nudes* a partir das interações nas comunidades em redes sociais, tornou-se fundamental o desenvolvimento de novas investigações acerca do objeto.

No que diz respeito ao conteúdo disponível no banco de periódicos da CAPES, ao buscar pelas palavras-chave “imagens íntimas”, dois textos discorrem acerca de imagens divulgadas via mídias digitais das autoras Sibília e Diogo, mas nenhum trata da intimidade

como nudez. Em um dos artigos de título “Vitrines da intimidade na *internet*: Imagens para guardar ou para mostrar?” (SIBILIA; DIOGO, 2011, p. 127), a questão das imagens dos álbuns de família analógicos que hoje ocupam cada vez mais o ciberespaço é explorada. No outro artigo “Vídeos de família: entre os baús do passado e as telas do presente” (SIBILIA; DIOGO, 2013, p.313), o foco recai nas imagens em vídeos. Portanto, novamente, nenhuma pesquisa sobre o fenômeno de *nudes* foi localizada.

Quanto à organização desta dissertação de mestrado, além deste texto introdutório, são apresentados os procedimentos metodológicos e dois capítulos teóricos. O primeiro abrange o tema da construção do sujeito contemporâneo, realça a necessidade de visibilidade que se efetua no contexto dos meios digitais (SIBILIA, 2016), além da teoria de Ehrenberg (2010) a respeito do herói sobrevivente em busca de lugar de destaque procurando desempenhar sua melhor performance.

No segundo capítulo, aborda-se o processo de aglutinação em tribos na pós-modernidade e a importância da aparência para a compreensão dos grupos. (MAFFESOLI, 1996, 1998). São discutidas também as teorias de autorrealização e autoconstrução (TAYLOR, 2011), sendo a troca dialógica fundamental nesses processos, pois, o sujeito em sua condição de ser social só pode construir a si com base no reconhecimento do outro pela comunicação. Já que as práticas comunicacionais observadas ocorrem via *Facebook*, foram ainda tratadas as relações a partir das estruturas sociotécnicas (ARAÚJO, 2017), em que as forças humanas e técnicas atuam para estruturar a conectividade. Na sequência, são descritos o tópico de análise e discussão dos resultados, as considerações finais e as referências.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para estudar o fenômeno de compartilhamento de imagens e relatos íntimos, bem como a relação construída entre os participantes de comunidades de *nudes* mediante práticas comunicacionais via plataformas de redes sociais, serão considerados os preceitos da sociologia compreensiva (MAFFESOLI, 1996, 1998). Ela busca apreender os fenômenos da contemporaneidade sem a pretensão de categorizá-los de maneira rígida, ou seja, sem desconsiderar suas peculiaridades, como o fato de estarem em construção. A sociologia compreensiva faz uma crítica ao racionalismo dos séculos precedentes por sua inaptidão para investigar os fenômenos recentes.

Estando saturado o pensamento dialético, tal como se propôs no século XIX, somos então convidados a cercar com precisão o particular e suas diversas modulações, a fim de induzir [...] categorias mais gerais. Por isso, a lógica compreensiva vai se apoiar sobre uma „fenomenologia das pequenas imagens“, sobre um estudo da „fisionomia social“, e, certamente, sobre as sensações ou sentimentos que essas não deixam de suscitar. (MAFFESOLI, 1996, p. 132).

Nessa perspectiva, apresenta-se uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter descritivo-exploratório (GIL, 2011), isto é, desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral acerca de determinado tema pouco explorado. Como procedimentos de investigação, inicialmente realizou-se uma revisão de literatura de temas-chave em associação a uma análise documental com ênfase em documentos oficiais, matérias jornalísticas e relatórios sobre o uso de redes sociais, principalmente, sobre o *Facebook*. Conforme Moreira (2005, p. 271), “[...] a análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”, complementado outros mecanismos de obtenção de dados, por exemplo, a entrevista e o questionário.

No que diz respeito ao trabalho de campo, foi necessário acompanhar e observar o comportamento da comunidade selecionada como objeto de estudo por um período de três meses, a partir do emprego da técnica da netnografia (ROCHA; MONTARDO, 2005; AMARAL; NATAL; VIANA, 2008), isto é, a etnografia virtual aplicada aos grupos sociais estabelecidos no ciberespaço. Ao avaliar que o uso das tecnologias interfere e modifica os modos de se relacionar, a adoção da netnografia se torna indispensável, pois apresenta ferramentas capitais para o entendimento dos novos modos de ser e estar no mundo contemporâneo. Consequentemente, o método da observação figura como uma das

possibilidades para examinar o imaginário social e seus atores (ROCHA; MONTARDO, 2005).

Desse modo, as estratégias etnográficas para tratar a Internet inserida na vida cotidiana devem prestar muita atenção às circunstâncias específicas em que os relatos são produzidos (HINE, 2015). O etnógrafo questiona ativamente as implicações de várias formas de engajamento e reflete sobre porque escolhas específicas fazem sentido e quais as suas consequências. A etnografia para a Internet envolve o desenvolvimento de uma consciência aguda da textura social da experiência vivida enquanto se move entre a mídia e entre as situações, conclui a autora.

A observação é imprescindível para identificar as práticas recorrentes que dão tom ao ambiente no qual os participantes estão inseridos (o meio digital), pois são os costumes por sua natureza repetidora que dão forma ao todo social. “Na (re)formulação das variáveis contemporâneas, se manifestam as cristalizações sociais, tecnológicas, políticas e econômicas, que constituem as formas „formantes” que influenciam o fundo e o imaginário da atualidade”. (ROCHA; MONTARDO, 2005, p. 11). Por ser um fenômeno que ganha contorno via redes sociais, a plataforma *Facebook*, líder em quantidade de participantes em âmbito mundial, foi escolhida para a investigação.

A partir de uma observação preliminar de comunidades voltadas ao tema, o grupo fechado *Ousadia permitida* (2018a), que conta com 1.577 participantes em 05 abr. 2019, foi eleito como objeto de estudo por estar entre os mais populares na categoria *nudes* do *Facebook*. Trata-se de um grupo bastante ativo e com postagens diárias. Logo, para atender os objetivos propostos, houve a necessidade de acompanhar o cotidiano da comunidade *Ousadia permitida* do *Facebook* durante três meses, de julho a setembro de 2018, por meio da etnografia virtual, um dos métodos qualitativos que amplia o leque epistemológico dos estudos em comunicação e cibercultura (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008), ou da etnografia para a Internet (HINE, 2015).

Portanto, esse método se torna mais adequado para o objeto de estudo em questão, ao considerar as condutas e as práticas comunicacionais em vigor no ambiente digital. Sendo assim, é possível conceber como se processam as relações sociais no que se refere à produção de conteúdo, aos hábitos de consumo midiático e à interação entre os integrantes. O uso dessa técnica ainda pode ser vantajoso em decorrência da facilidade de acesso aos dados a serem trabalhados, além de ser menos oneroso, menos subjetivo e menos invasivo. Por outro lado, a ausência de contato físico pode vir a deixar algumas lacunas e nuances no ar pela

incapacidade de serem captadas exclusivamente pelo texto publicado ou imagem postada, como é o caso do gestual espontâneo, representando uma limitação da técnica empregada.

Todavia, ao utilizar-se da etnografia, a pesquisadora passa a fazer parte do ambiente a ser examinado e cabe a ela decidir como é procedida a observação comportamental dos sujeitos no ciberespaço. De acordo com Hine (2015), a etnografia fornece uma maneira distinta e muito útil de examinar a Internet, o que permite desenvolver uma compreensão profunda sobre as texturas da experiência social que surgem à medida que as pessoas se envolvem com as várias tecnologias que compõem a Internet contemporânea.

Nesta pesquisa, foi adotada a postura de observação sem participação ativa para evitar interferências. Foi, portanto, estipulado um tempo de observação diário, período em que ocorreu a compilação de postagens diárias, quantidade e tipos de reações e de comentários para a análise da interação social.

As 748 postagens coletadas foram divididas nas seguintes categorias: *Selfie* e *Selfie/nudes*; Enquete; *Meme/cumprimento*, *Meme/mensagem* e *Meme/piada*; Brincadeira interativa; *Post* mensagem, *Post* foto/cumprimento, *Post* fotos; Sala secreta; e vídeo/aleatórios, vídeo/mensagem, vídeo/cumprimento, vídeo/piada. Os *memes* foram divididos em três tipos, pois tinham objetivos diferentes, assim como os vídeos, que foram classificados em quatro variedades.

O termo *meme* vem da teoria criada pelo biólogo Richard Dawkins em sua obra “O gene egoísta”. O termo vem do grego *mimeme*, que se refere à imitação e foi reduzido pelo autor para se assemelhar à palavra gene. No livro, ele estrutura a ideia de “evolução cultural” em que os comportamentos humanos se baseiam na imitação, de modo similar como os genes são propagados na espécie humana.

Exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Tal como os genes se propagam no pool gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no pool de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação. (DAWKINS¹, 2007, p. 330 apud NEVES; PAVAN, 2018, p. 14).

A ideia de que os *memes* se propagam e transmitem ideias e conceitos a fim de comunicar é uma analogia aos genes que se propagam e transmitem na reprodução humana as características físicas. Na atualidade, o termo foi incorporado pelos usuários em rede ao conceito de transmissão de conteúdo, por meio do compartilhamento nas plataformas digitais.

¹ DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

De mensagem simples, informal e sem muita preocupação com a estética, os *memes* tem por sua estrutura simplificada a possibilidade de viralizar. Trata-se de mensagem pronta e simplificada comumente permeada por teor humorístico, portanto, de rápido entendimento. Nesse caso, as postagens que tinham a intenção de saudação foram denominadas de *Meme/cumprimento*. Já os *Meme/mensagem* traziam algum conteúdo a ser comunicado. Por fim, os chamados de *Meme/piada* exibiam conteúdo irreverente.

As postagens com autorretrato foram denominadas de *Selfie* quando não continham grande parte do corpo descoberta ou quando não enfatizavam as partes íntimas. Do contrário, foram consideradas *Selfies/nudes*. As postagens chamadas de Brincadeira interativa são aquelas que encorajam o participante a interagir com outros usuários. Já as classificadas como Enquete se referem àquelas que lançam perguntas para que os participantes exponham sua opinião.

Os nomeados de *Post* mensagem representam as mensagens em formato de texto publicadas pelos participantes na comunidade, neles são dispensadas as imagens. Por sua vez, os vídeos têm, majoritariamente, semelhanças com os *memes*, porém, empregando a linguagem audiovisual. Os vídeos foram divididos de acordo com os parâmetros dos *memes* em: vídeo/cumprimento para os que saudavam o grupo; vídeo/mensagem para os que queriam comunicar alguma ideia, e quando a mensagem era do tipo irreverente denominou-se então vídeo/piada. A exceção ficou para os chamados de vídeo/aleatórios.

As postagens que mencionavam assuntos concernentes à Sala secreta receberam o mesmo nome: Sala secreta. A categoria *Post* fotos remete às imagens feitas pelos participantes. Trata-se de imagens aleatórias que não se enquadram em *selfies* e nem em *memes*. A categoria denominada *Post* foto/cumprimento abrange montagens realizadas pelos administradores A e B para parabenizar ou cumprimentar os participantes no grupo.

No que diz respeito ao aspecto da interação, foram identificados 11.794 engajamentos entre comentários e reações. Os comentários apareceram em maior número, seguidos de reações como *Like* (curtidas), *Love* (amei), *Wow* (uau), *Hahaha* (risos), *Sad* (triste) e *Angry* (raiva). Quando agrupadas somente as reações, foram registrados 5.258 engajamentos.

Quanto ao trabalho de campo, uma enquete foi lançada *on-line* para captar informações e impressões por parte dos integrantes do grupo (APÊNDICE B), sendo respondida por 30 pessoas. As perguntas visaram orientar as questões suscitadas na pesquisa, bem como indicar pistas sobre o estar juntos no interior da comunidade, ou seja, como operava a ética do grupo e quais as temáticas discutidas. Vale destacar que, para a realização

desta pesquisa, foi solicitada a permissão da fundadora do grupo, que autorizou o desenvolvimento da dissertação de mestrado com esse enfoque.

Além disso, foram conduzidas entrevistas com abordagem em profundidade e com questões semiestruturadas, baseadas em um roteiro-guia, via ferramentas de bate papo ou *e-mail* com o casal fundador da comunidade *Ousadia permitida* (APÊNDICE A), com a proposta de obter informações centrais para auxiliar a compreender o debate de cunho íntimo *on-line*. “A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. (DUARTE, 2005, p. 62). Os entrevistados foram identificados ao longo do capítulo de análise como administradora A e administrador B. Vale ressaltar que a comunidade conta com seis administradores, os quais também são moderadores.

Nos capítulos sequenciais, são apresentadas as perspectivas teóricas que fundamentaram este estudo.

3 CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

A seguir, serão abordados temas acerca da necessidade de visibilidade própria do sujeito contemporâneo que se depara com os abalos das fronteiras entre público e privado, conceitos ilustrados por Sibilia (2015, 2016). Os mecanismos estruturados na atual sociedade por meio do sistema socioeconômico vigente, que opera pela concorrência e busca de visibilidade, também são escopo de debate. Nesse sentido, algumas tendências se estabelecem com vistas a conduzir comportamentos humanos, como a construção de si, o crescente interesse nas autobiografias e assuntos privados, bem como a divulgação nos meios digitais.

São trabalhadas ainda ideias acerca do indivíduo como gestor de si nos meios digitais. Discute-se a ideia de indivíduo como herói de si em busca de sua melhor performance frente aos desafios do esporte-aventura (EHRENBERG, 2010). A pressão exercida sobre as pessoas para que construam uma imagem de sucesso perante a sociedade é debatida, principalmente, no que concerne ao panorama da cultura digital.

3.1 VISIBILIDADE E CONSTRUÇÃO DO EU

Os canais interativos de internet hoje são utilizados, com graus crescentes de frequência e intensidade, para que cada um possa criar e manter a sua obra mais preciosa: um *eu* visível. (SIBILIA, 2016, p. 305).

Atualmente, o uso de redes sociais se faz mais presente e necessário, porque é também a partir desses mecanismos que se opera a construção do eu, ou melhor, de si, não mais como indivíduo. A construção do sujeito na contemporaneidade é atravessada por múltiplas identidades, bem como pela necessidade de atuação e interação via plataformas de redes sociais. Aliás, não se trata apenas de necessidade, parece ser quase uma obrigação cotidiana a atual exposição de si visando os aplausos do público. Dessa forma, observa-se que a construção de si se faz pela ideia projetada no outro e no que ele deseja ver para aplaudir, portanto, o olhar do outro contribui para essa prática.

As novas formas de ser engendradas pelo sistema socioeconômico permitem que o sujeito contemporâneo se estabeleça no mundo por meio de diferentes e intercambiantes identidades. Segundo Hall (2006, p. 13): “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. Por conseguinte, nesse mar fecundo de identidades alimentadas muitas vezes pelo global, o sujeito contemporâneo sobrevive permutando identidades,

autocriando-se e, concomitantemente, expondo-se via redes sociais. Hoje, os novos recursos tecnológicos de interconectividade ininterruptos são a força motriz do estabelecimento de relacionamentos, isso sem levar em conta que se vive numa sociedade regida pela opticalidade, imperando a visibilidade.

Conforme Sibilia (2016, p. 304), no contexto pós-moderno em que há necessidade de autopromoção, de exposição e visibilidade do eu, ocorre uma mudança de paradigma, quando surge “[...] uma subjetividade que deseja ser amada e apreciada por seus pares, não exatamente por seus superiores nas antiquadas hierarquias das instituições disciplinares”. Fica manifesta mais uma vez a necessidade não só da exposição do eu, como a aprovação da sua imagem, que é forjada nos novos canais de comunicação. Nas plataformas de redes sociais, a legitimação daquele que fala só é possível quando o outro - o público- o promove por meio de curtidas, visualizações e publicação de comentários. Dessa forma, não basta compartilhar, é preciso ser aceito, sentir-se parte do grupo, estabelecendo uma relação de pertença.

Ainda para Sibilia (2016), se nos séculos que precederam o século vigente imperava a unidade do eu estável e interior, uma vez que as subjetividades introdirigidas² construídas na intimidade ou entre as paredes da sociedade disciplinar davam certa garantia de não visibilidade, com o advento das mídias sociais, dissolvem-se as paredes de concreto e agora emergem de maneira constante as subjetividades alterdirigidas, produzidas na extimidade. O termo extimidade se refere ao atual e frequente uso do exibicionismo, o que era intimidade passa a ser extimidade, sedenta por olhares alheios e buscando ver-se no espelho contemporâneo narcísico: o olhar dos outros. Além disso, o sujeito contemporâneo clama por seu direito à celebridade e, para isso, mede seu sucesso com base no número de visualizações do eu exposto nas vitrines das redes sociais, quando se sente parte do grupo, parte do mundo, principalmente quando ovacionado, sentindo-se acolhido. Assim, as personalidades outrora românticas, introdirigidas produzidas na intimidade, agora dão lugar às novas personalidades alterdirigidas que buscam a legitimação alheia produzida na extimidade. Hoje é comum se observar nas mesas em praças de alimentação pessoas fotografarem as refeições e compartilharem entre amigos. Ao compartilhar imagens dos hábitos cotidianos, o sujeito contemporâneo tem intenção de elaborar e divulgar ideias acerca de si.

Ainda conforme Sibilia (2016, p. 312): “[...] agora só acontece aquilo que é exibido numa tela: tudo quanto faz parte do mundo só se torna mais real – ou realmente real – se aparecer projetado como um relato audiovisual”. Diante do exposto, é preciso autocriar-se e

² Termo utilizado pelo sociólogo americano David Riesman para se referir a “[...] um tipo de subjetividade igualmente voltada para dentro de si, que teve vigência no ápice da era moderna.” (SIBILIA, 2016, p. 98).

para isso existe à disposição desses autores narradores uma infinidade de personalidades para serem apropriadas. Nessa autocriação, o autor e protagonista de si não só é curador das personalidades que deseja apropriar-se, como é editor do que deseja exhibir, sempre com vistas a alcançar o maior número de visualizações e a aprovação do público, os outros. Diversos estilos estão à disposição nas mídias, basta selecioná-los e vestir, substituir e descartá-los, conforme necessitar o criador de si mesmo.

Conforme Ehrenberg (2010), em busca da promoção e construção de si o sujeito contemporâneo é impulsionado a ser um empreendedor de si mesmo como ocorre no esporte, há uma busca desmensurada pelo lugar de destaque, bem como pela originalidade. Nesse percurso em que impera a autonomia: “A nova mitologia esportiva [...] *forja o indivíduo*, um indivíduo heroico que assume riscos, em vez de buscar proteger – se deles por meio das instituições Estado-providência; que busca agir sobre si mesmo, em vez de ser comandado pelos outros”. (EHRENBURG, 2010, p. 25).

Para esse autor, as ideias que alimentam o modo como opera o esporte funciona de maneira similar no que se refere às novas formas de ser na contemporaneidade, uma vez que a autonomia e a oportunidade de competição são ferramentas para a busca do sucesso na construção de si. Além do mais, no esporte, é propagada a ideia de que pela concorrência pode-se administrar as desigualdades. No rumo dessas ideias, na atualidade, assume-se riscos tornando possível a promoção social e profissional. Agora por meio das ferramentas existentes no esporte-aventura, o indivíduo deverá ser capaz de galgar sua posição na sociedade. Portanto, por meio da concorrência, que é tida como justa, as desigualdades são administradas.

Aliada ao esporte, a aventura é considerada por Ehrenberg (2010) como possibilidade de busca da originalidade e destaque ou visibilidade. Assim, o futuro não é pré-determinado, mas cabe ao atleta aventureiro estruturá-lo com vistas a alcançar o sucesso com base em seu esforço, autonomia e originalidade perante os concorrentes. Nesse sentido, surge um indivíduo sem passado, sem origens que se embasa apenas em si mesmo, ou seja, no seu potencial para traçar seu destino e forjar sua própria imagem.

A ideia de esporte-aventura se estabelece aliada às ideias de flexibilidade e instabilidade que estão ligadas à aventura, pois é preciso reinventar-se diante das mudanças e desafios. Quanto ao esporte, as ideias vinculadas a esse conceito são de competição e concorrência, já que pelo progresso e esforço individual deve haver uma classificação. Nesse caso, predomina a ideia de herói sobrevivente, ou seja, aquele que não se rendeu diante dos

desafios e que pela competição mostrou-se o melhor, mais preparado, alcançando o lugar do campeão.

Diante disso, o sujeito contemporâneo, que se aventura e compete está então sujeito à instabilidade. Cada vez mais fica evidente o que Debord (2017, p. 71) prenunciava no século precedente: “O que o espetáculo oferece como perpétuo é fundado na mudança, e deve mudar com sua base.” Desse modo, é imprescindível atualizar-se, utilizando-se do eu mutante, vestindo as diversas opções de personalidades exibidas nos catálogos midiáticos como convém, sempre em prol da visibilidade. Nada é pior para o sujeito contemporâneo do que passar despercebido, pois seria como não existir: o que não está exposto não é; ao se expor, passa a existir. Portanto, no decorrer dos séculos, surgem não só novas noções de tempo e espaço, como forjam-se outras formas de ser e estar no mundo colocando em conflito os limites entre público e privado. Em certa medida, cada qual é jogado à própria sorte para forjar seu espaço e visibilidade no mundo.

De acordo com Sibilia (2016), a distinção entre público e privado é recente, além de ser uma convenção inerente à nossa cultura. A ideia de privacidade veio se construindo desde o fim do século XVIII que coincide com o movimento romântico nas artes. Nesse contexto, firmava-se o mundo burguês, no qual a intimidade era relatada por meio das escritas confessionais dos diários íntimos e das cartas, sendo que a produção de escritos só era possível nos momentos de introspecção e na clausura das paredes dos quartos burgueses.

Nas artes visuais, o movimento romântico do período em que se estabelece a noção de privado caminha na direção dessa tendência. Logo, cabia ao artista adentrar o mundo interior para criar. Ele se enclausurava em seu ateliê a fim de criar lidando com sua natureza interna e indomável. “[...] O mundo „interior“ do artista era o conteúdo da esfera romântica. A noção de mundo interior, especificamente seu cerne visionário e onírico, alimentou as primeiras obras românticas.” (FARTHING, 2011, p. 266). Para esses mestres da pintura, a natureza tinha força arrebatadora incapaz de ser dominada e, nesse contexto, a natureza humana se manifestava no silêncio, solidão e introspecção, o momento propício para a criação. Nas artes literárias, surgem os romances que influenciaram vigorosamente a produção de subjetividades modernas. “Eis a condenação perpétua que paira sobre o *homo psychologicus* ou as subjetividades introdirigidas, fecundas na intimidade do silêncio e na solidão do quarto burguês: buscar-se, rastejar dentro de si um sentido fatalmente perdido.” (SIBILIA, 2016, p.102). Nesse modo de ser e estar no mundo, os romances eram produzidos a partir de um mergulho profundo nas subjetividades com tudo o que elas costumam conter quanto às suas singularidades.

Nesse cenário, começava a se constituir o que o filósofo francês Foucault denominou sociedade disciplinar, sendo necessário enclausurar para disciplinar. Tal fenômeno ocorria em escolas, hospitais, fábricas, quartéis e todo aparato surgido à época para que houvesse um tipo de controle social que harmonizasse com o sistema econômico vigente: o capitalismo na era industrial. Segundo Foucault (2014, p. 139): “A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço.” E assim como o espaço, o tempo foi fracionado com vistas a fazer obedecer, mediante o uso exaustivo do relógio como agente fundamental para a sociedade que almeja disciplinar. Foucault (2014) expõe diversos trechos de documentos sobre regulamentos e estatutos, ou seja, documentos que ditavam normas de condutas em fábricas e escolas, chamados de dispositivos disciplinares, por serem espaços destinados a confinar e disciplinar. O autor esclarece que o relógio visava gerir o tempo das pessoas, bem como controlar suas atividades. Nessa conjuntura, o sujeito era apartado de suas condições naturais para ser doutrinado pela sociedade disciplinar e, por outro lado, mantido na privacidade dos quartos como refúgio e espaço destinado ao seu eu interior, à sua natureza, ao *homo psychologicus*.

Nas palavras de Sibilía (2016), os romances escritos à época do denominado refúgio impresso foram muito criticados, pois eram tidos como viciantes e como fuga do mundo real e dos afazeres considerados de fato importantes naquele momento histórico, isso sem mencionar a distinção entre alta e baixa cultura. De qualquer forma, por meio desses livros, toda a sorte de personagens, lidos na privacidade dos quartos burgueses, constituiu um catálogo de personalidades a serem apropriadas pelas gerações à época.

O indivíduo burguês dos séculos XIX e XX, enclausurado no silêncio e na solidão de seu lar e seu quarto privado, numa tentativa de se proteger do desamparo do ambiente urbano, converte-se no herói solitário do romance moderno. (SIBILIA, 2016, p. 101).

Ao que parece, esse indivíduo queria buscar na privacidade do quarto o encontro com o seu eu, ou seja, consigo mesmo, era então o espaço de escape dos dispositivos disciplinares, o momento em que em sua privacidade poderia emergir sua interioridade, portanto, o seu eu verdadeiro. Contudo, o seu interior verdadeiro era espelho das obras que lia e se identificava.

Por sua vez, hoje, as fronteiras que definiam o público e o privado já não são tão rígidas, visto que é latente no sujeito contemporâneo a vontade de exposição do eu que antes era produzida e gerida nos escritos de cunho íntimo entre as paredes da antiga sociedade disciplinar, como demonstra Sibilía (2016). No panorama atual, o sujeito contemporâneo continua a apropriar-se dessas práticas, por exemplo, em *blogs*, no entanto, agora deseja

avidamente a visibilidade de sua intimidade. Portanto, a intimidade se torna extimidade, segundo a autora. Dessa forma, há o uso crescente da escrita confessional, bem como do interesse nesses relatos, tendo em seu poder técnicas apoiadas em novos paradigmas, com mudanças expressivas principalmente com relação ao tempo e espaço.

Os acessórios analógicos do século anterior dão lugar às telas dos computadores e celulares. Como aconteceu com o pintor que precisava estar no seu ateliê para pintar, pois não dispunha de tintas prontas e precisava confeccioná-las; com o tempo, quando foi possível o acesso a tubos de tintas, pôde sair para pintar ao ar livre. Observa-se que um processo semelhante ocorreu com a escrita. O ato de escrever também saiu das quatro paredes do quarto ou escritório em que se confinava para tomar lugar, ou melhor, para tomar qualquer lugar desde que conectada à rede *Wi-Fi* (sem fios). Ademais, se antes era preciso levar uma carta ao correio ou esperar que ela chegasse para ser lida, hoje as escritas a respeito de si, a autocriação aqui mencionada se dissipa por outras telas, outros espaços, rapidamente e em tempo real. Assim como a tinta já não precisa mais ser confeccionada e nem comprada em loja, o pigmento hoje requer um clique para que a superfície digital seja preenchida. Cada pigmento, por exemplo, é formado por um código numérico para se referir a um determinado tom ou nuance cromática, as cores passam a ser informações, as cores agora digitalizam-se.

Conforme Sibília (2016), juntamente com as novas práticas em que o intro abre passagem para o alter, a culpa cede lugar à vergonha, se antes o sujeito sentia no seu interior a culpa, hoje nas vitrines das mídias sociais pode sentir vergonha e humilhação, são as novas formas de existir na atualidade.

Os novos canais inaugurados na internet na virada do século, como os blogs e as redes sociais não fazem mais do que reforçar essa dinâmica: a passagem da *introdireção* para a *alterdireção*, algo que se percebe tanto nos processos de construção das subjetividades como nos tipos de sociabilidades que elas propiciam [...]. Enquanto a culpa se afrouxa como o principal articulador daquelas subjetividades mais antiquadas – e, também, como mecanismo de controle social num contexto em que a moral e a lei costumavam coincidir e estavam internalizadas no âmago de cada um – a vergonha passa a desempenhar um papel cada vez mais temível numa sociedade assombrada pela constante ameaça do *bullying* generalizado. (SIBILIA, 2016, p. 314-315).

A autora se refere à transformação dos modos de ser em que diversas lutas políticas, filosóficas, artísticas e socioculturais reivindicaram as liberdades individuais, bem como o contato com o outro em lugar do *homo psychologicus* que se interessava em cultivar a personalidade interior. Nesse sentido, surge um mercado de aparências que visa à auto exposição via mídias sociais.

Aquilo que se mostra é exatamente o que se é, uma vez que as personalidades forjadas pelos construtores de si também forjam certa imagem para ser apreciada pelos espectadores. Aliás, há até quem se beneficie com a humilhação haja vista a urgente necessidade de visibilidade. No ciberespaço, é possível encontrar incontáveis vídeos de pessoas em situações vexatórias, como os vídeos que exibem uma compilação de pessoas caindo, tropeçando e muitas vezes se machucando, entretanto, apresentam um alto número de visualizações. “Como diria Guy Debord: na sociedade do espetáculo, até a humilhação pode se converter em mercadoria.” (SIBILIA, 2016, p. 327-328). Nessa conjuntura, não ser visto é sucumbir. Consequentemente, é dado a qualquer um a possibilidade de fama e sucesso.

As mudanças a respeito das noções de tempo e espaço não representam novidades, afinal vêm sendo discutidas há séculos. Já o esmaecimento das fronteiras que dividiam o público e o privado é concebido como um tema recente, sendo debatido com intensidade nos dias de hoje, dado que o fenômeno adquire atenção no cerne das novas formas de relacionar-se e existir no mundo à luz das tecnologias digitais. Isso sem contar que a noção de privacidade foi constituída há poucos séculos, como citado.

A contemporaneidade é marcada pela derrubada dos muros de concreto, as ditas paredes analógicas, dando lugar a novas fronteiras não tão fixas como as anteriores. Constroem-se, portanto, os muros digitais: os *sites* (sítios virtuais) ou as comunidades e grupos virtuais. Tal desmantelamento propiciou o abalo dessas fronteiras reformulando concepções sobre público e privado. Para Sibilia (2016), os diários íntimos escritos pelos processos analógicos também foram modificados em sua estrutura quando trazidos para o ambiente digital, como no caso dos *blogs*. De fato, o teor de confissões íntimas parece permanecer, à medida que o aparato digital propiciou algumas novidades, como a interação quase imediata com os leitores e a divulgação desses escritos em escala maior. “Os relatos autobiográficos da internet se mostram abertamente ao mundo inteiro, enquanto os outros eram zelosamente preservados no cerne da intimidade individual.” (SIBILIA, 2016, p. 90).

Na contemporaneidade, são elaboradas nas luminosas telas dos computadores e aparelhos celulares as subjetividades que impregnam os sujeitos em massa, distribuídos por todo globo terrestre. As histórias íntimas de vida do eu real são descortinadas a cada clique, julgadas e comentadas. Então, ressurgem a antiga prática introspectiva de exploração de si numa nova roupagem, veste-se agora das facilidades e complexidades dos recursos digitais. As novas possibilidades de hoje eram inimagináveis para os indivíduos daqueles séculos quando guardavam suas intimidades em diários secretos, sendo assim, a ideia de divulgação da intimidade vigente neste século poderia assustá-los. “Agora, porém, boa parte dos riscos

envolvidos nessa superexposição em tela gigante parece ter se dissolvido, junto com a solidez dos muros que costumavam separar a esfera pública e o âmbito privado.” (SIBILIA, 2016, p.264). A discrepância mais notável está no desejo ardente de aparição, de visibilidade e de aplausos. Um exemplo é o sucesso ainda em ascensão dos *reality shows*, Sibilía (2016) conta, no livro *O show do eu*, que a seleção dos candidatos na edição do programa *Big Brother Brasil* de 2007 foi cem vezes mais disputada que o cobijado vestibular para vagas de medicina nas melhores universidades do país.

A crescente popularidade dos *reality shows* revela o quanto a ideia do esporte-aventura de Ehrenberg (2010) está em voga nas práticas atuais de comportamento. Trata-se de um formato de entretenimento que exige originalidade dos participantes, inclusive são realizadas com frequência provas de resistência como forma de concorrência entre eles. Nestas, busca-se a quebra de recordes, ou seja, busca-se pelo ineditismo em que a autonomia possibilita a ascensão, além de maior visibilidade para alcançar o sucesso. Nesse sentido, são exigidas pela ação individual a capacidade de assumir riscos, bem como a flexibilidade diante das constantes mudanças, ou seja, da imprevisibilidade do futuro. Assim, nesse cenário instável, sobrevive aquele que melhor se destaca por suas habilidades como autonomia, adaptação e originalidade.

As janelas para o mundo, como eram chamados os não tão antigos aparelhos de TV, hoje se multiplicaram com o advento da internet. Ademais, a possibilidade de navegar por um exorbitante número de janelas quando se acessa ambientes digitais parece não ser suficiente, à medida que cresce um inevitável desejo de abrir e exibir a própria janela, a da vida pessoal, para o mundo.

O furor confessional instaurado recentemente, segundo Sibilía (2016), é herança da técnica da confissão que surgiu no âmbito eclesiástico no início do século XII, e com o passar do tempo foi tomando outras esferas da sociedade ocidental. Ao fazerem uso da mencionada técnica, “[...] os indivíduos costumam experimentar uma espécie de libertação.” (SIBILIA, 2016, p.106). No entanto, ao falarem de si como tática que gera alívio e emancipação, isto é, utilizando a técnica confessional, estariam esses indivíduos dando à sociedade industrial a chave mágica que permitiria aperfeiçoar os mecanismos de sujeição.

Assim sendo, a autora prossegue indicando algumas pistas dos novos mecanismos possíveis graças aos recursos da era digital aliados ao resgate ou manutenção do antigo hábito de escrita confessional. Há na rede relatos de todos os tipos, alguns com objetivo de denúncia, como é o caso de pessoas que relatam abusos sofridos no lar. Diante disso, o que antes ficava entre o núcleo familiar agora é divulgado para todos os usuários da rede, que não são poucos.

Mas por que divulgar tantos outros relatos com a intenção exclusiva de exposição? Para Sibilia (2016, p. 115), apesar de persistirem algumas práticas culturais, os sentidos modificam.

[...] as novas práticas dão conta de um desejo de evasão da própria intimidade, uma vontade de se exhibir e falar de si. Em termos Foucaultianos: um desejo de exercer a técnica da confissão, a fim de saciar os vorazes dispositivos que têm „vontade de saber”.

A intimidade, então, transforma-se em extimidade colocada à disposição daqueles que desejam sobre ela saber, como um novo paradigma da sociedade contemporânea, sendo gerados outros modos de ser distantes daquele indivíduo introspectivo que viveu na era industrial. É perceptível no sujeito contemporâneo a necessidade de exposição e afrouxamento do âmbito privado como ação voluntária de saciar a vontade do público, o qual quer espreitar as vidas alheias para apropriar-se ou não dos modos de ser e estar expostos nas vitrines midiáticas.

Nos dias de hoje, tudo pode ser monitorado via internet ou redes de telefonia celular, embora existam na atualidade alguns mecanismos e leis de proteção aos dados do consumidor. Assim, o mercado, sempre em vigília, fica à espreita detectando prováveis nichos de público para criar necessidades. É nesse contexto que surgem no mercado de segurança, já estabelecido na sociedade contemporânea, novos produtos que se alimentam do medo de invasão. Por um lado, o sujeito quer se exhibir e, por outro, proteger-se, e há produtos para saciar todas essas necessidades. Para Araújo (2017), apesar da instabilidade dos algoritmos, pois se trata de um mecanismo sujeito a panes e falhas, é possível, em certa medida, detectar públicos potenciais de consumo. O que não significa controle total sobre a vida dos usuários conectados em rede, haja vista a fluidez com que as relações se estabelecem nesses meios, bem como a instabilidade dos mecanismos tecnológicos, como é o caso dos algoritmos, como será visto no próximo capítulo.

Na atualidade, até os novos projetos arquitetônicos almejam dar outra aparência ao espaço privado, para tanto, são eliminadas, ao máximo, as informações sobre os moradores tornando o ambiente impessoal. São os novos paradigmas antitéticos se comparados aos antigos lares tomados por bibelôs e toda espécie de objetos pessoais que delatavam os gostos, interesses e intimidade dos moradores. Nesse ambiente, agora livre de informações e registros sobre os habitantes, prevalece uma aura *clean*, valorizando uma espécie de assepsia. Aparentemente, os gostos e interesses migram para ocupar outros lugares: as redes digitais.

Sibilia (2016, p. 118), ao falar do movimento minimalista nos projetos arquitetônicos ao final do século XX, destaca certa: “Espécie de anorexia da decoração, esse estilo gera ambientes vazios, claros e muito limpos, dos quais exala uma pureza inumana.” Não há objetos expostos a não ser os aparelhos tecnológicos, como televisores e computadores com suas telas cada vez mais planas operando como janelas para o mundo. Já os olhos de vidro da *webcam* operam como os olhos do mundo adentrando os novos lares, quase sempre muito bem-vindos e outras vezes sequer notados. A privacidade dos protagonistas da antiga era disciplinar passa a ser dividida na interconectividade da era digital. Enquanto sujeitos, estão à disposição para interagir, atuando simultaneamente como emissores, receptores e produtores de conteúdo perante as janelas de um novo cenário.

Nesse ambiente, a vida real é performada na visibilidade. Prevalece um constante apelo para desvendar o real que é geralmente associado à ideia do privado, ou seja, aquilo que ainda não tinha recebido visibilidade. Nesse rumo, cresce a produção de biografias escritas pelos autores narradores de si ou por outros. De qualquer forma, a ideia costuma consistir em revelar o que acontece na vida real, procurando revelar a vida como ela é.

Ao que parece, a escavação da privacidade para exibição se faz com vistas a revelar o real. Sibilia (2016) expõe diversos exemplos, como o caso da ex- prostituta Raquel Pacheco de codinome Bruna Surfistinha, que revelou em livro os acontecimentos de sua vida quando atuava na profissão. Em consequência da popularidade do livro *O doce veneno do escorpião*: diário de uma garota de programa, surge o filme sobre a vida da autora e também um segundo livro: *O que aprendi com Bruna Surfistinha: lições de uma vida nada fácil*, agora assinado pela autora com o verdadeiro nome. Raquel Pacheco em parceria com um ex-cliente, que traiu e abandonou a mulher e se tornou seu namorado, passaram a gerir a sua marca: Bruna Surfistinha, que “[...] continua sendo o produto mais importante dessa grife [...]” (SIBILIA, 2016, p. 258). A esposa traída, então, aproveitou o momento para galgar seu espaço e lançou o livro: *Depois do escorpião: uma história de amor, sexo e traição*.

Diante do ocorrido, a editora de Raquel Pacheco resolveu acrescentar ao segundo livro um capítulo para o ex- cliente relatar a sua versão sobre a história. Diversos canais de comunicação tiveram interesse no assunto que alcançava visibilidade e foram inúmeros os convites para que os protagonistas explorassem ainda mais o assunto. Outras autobiografias como de Bill Clinton, Victória Beckham (ex-integrante do grupo *Spice Girls*), e filmes autobiográficos são relatados por Sibilia (2016). No campo das artes visuais, a autora aborda o crescente sucesso de obras baseadas em autorretrato que costumam revelar o cotidiano dos artistas e de pessoas que se permitem fotografar ou ter sua privacidade convertida em

extimidade pelas mãos dos artistas contemporâneos. Outras vezes, a privacidade é invadida e divulgada sem permissão dos anônimos que nem ficam sabendo do ocorrido. Sendo assim, o interesse do público tem recaído sobre os assuntos privados que parecem ser atravessados pela ideia de realidade, isto quer dizer que a credibilidade do real está naquilo que está por trás dos bastidores e, ao final, passa a ser mais real quando ganha visibilidade.

Ehrenberg (2010) também evidencia essa tendência no que se refere ao autocriar-se: “Antes as pessoas imitavam Marilyn Monroe ou Brigitte Bardot; hoje, o que é bom é imitar a si mesmo. Imitar-se, em vez de imitar, significa forjar ou emprestar- e isso já não é contraditório no julgamento social- não importa qual identidade.” (EHRENBURG, 2010, p. 54). Desse modo, o que interessa é ser, já que a existência não prescinde das instituições, pois estas já não falam mais em nome do sujeito contemporâneo. Portanto, é de responsabilidade de cada um produzir sua existência no mundo. No rastro dessas ideias, o autor expõe dois exemplos similares: Bernard Tapie, empresário francês, também político, ator, apresentador de TV, e Stéphanie de Mônaco, filha do príncipe Rainier III e da princesa Grace.

Bernard Tapie é tido como um homem que vem de baixo, que construiu a sua personalidade em torno da noção de uma pessoa comum que alcançou sucesso. Embasado no discurso da meritocracia, a pessoa em que Bernard Tapie se tornou foi só possível por sua vontade de vencer na vida. O segundo exemplo é Stéphanie de Mônaco, tida como a mulher que vem de cima, mas que não se ancora na linhagem real escapando dos padrões da realeza para alcançar visibilidade. Ela se constrói como uma mulher comum, procura escapar de sua condição social, obtendo visibilidade e, logo, sucesso. São ambos modelos de originalidade e heróis de si. Nessa perspectiva, pode-se incluir Bruna Surfistinha, que também abandona seu passado e constrói a si mesma almejando e conquistando visibilidade.

Nota-se que o processo de construção do eu se baseia na ideia de indivíduo, uma vez que forja seu eu com base em si mesmo: “Essa ficção é aquela do indivíduo puro, que não tem outra referência e outra origem que não si mesmo, que é *apenas* filho de suas próprias obras. É o sonho igualitário e é o desejo mesmo de ser sujeito.” (EHRENBURG, 2010, p. 72). Embora haja a fantasia de construção de si como indivíduo, tendo como suporte apenas a autorreferência, há também a ideia de sujeitar-se aos riscos e desafios na empreitada vista como igualitária para a autoconstrução. A construção de si baseia-se, portanto, no que se é e faz com base na relação com os outros. O que difere o eu e os outros é a visibilidade de cada qual tida como possível para todos em livre concorrência.

Há um apelo à originalidade, segundo Ehrenberg (2010), na atualidade é preciso: “[...] encontrar em si mesmo as próprias referências, sendo, ao mesmo tempo, a questão e a

resposta, puro indivíduo. Nessa situação, o outro figura como padrão de medida, polo de uma relação de concorrência, de confronto ou competição.” (EHRENBURG, 2010, p. 167). Por consequência, forjar o eu com base em si próprio ou na originalidade significa existir, deixar uma marca no mundo.

3.2 HERÓI DE SI EA VIDA COMO INFORMAÇÃO

À época da sociedade disciplinar de Foucault (2014), cada indivíduo estava inserido em uma hierarquia de maneira rígida, no interior das classes todos eram tidos como semelhantes, entretanto, não eram iguais, e a cada um era dado um lugar definido. A disciplina ocupou-se de adequar os indivíduos às urgências do tempo industrial. A origem ou passado dos indivíduos eram fatores determinantes de sua existência no presente e no futuro, como também interferia no lugar que ocupava na hierarquia. Todavia, de acordo com os conceitos de esporte-aventura apresentados por Ehrenberg (2010), o espírito de empresa se disseminou na contemporaneidade, sendo a autonomia da pessoa constantemente estimulada. “[...] O esporte- aventura e o espírito de empresa constituem uma maneira de exercer o poder, fundada sobre a estimulação da autonomia.” (EHRENBURG, 2010, p. 79). Hoje, não é mais exigida obediência e sim autogoverno, logo, as responsabilidades ficam a cargo de cada sujeito. De maneira similar, não é mais cobrado que se executem tarefas mecânicas, mas sim que haja participação, que haja iniciativa, em outras palavras, cobra-se que os sujeitos sejam empreendedores de suas próprias tarefas.

Agora a vida profissional se mescla à vida pessoal, pois nessa nova lógica, o sucesso depende da capacidade de assumir riscos, do esforço pessoal de cada um, já que há autonomia. Diante disso, abre-se concorrência para que vença o melhor. As empresas pedem atitude participativa por parte dos funcionários e tomam medidas para que não fiquem desmotivados, buscam mobilizar as equipes e cada integrante que as constituem. Diante dessa nova postura empresarial, os conceitos acerca do esporte-aventura e consumo unem-se às ideias de concorrência e realização pessoal, tornando-se “[...] indistinta a clara separação entre as normas da vida privada e aquelas da vida profissional. Enquanto que as primeiras se profissionalizam, as segundas se tornam um lugar potencial para o desenvolvimento pessoal.” (EHRENBURG, 2010, p. 93). Nesse contexto, agora é dada ao sujeito a oportunidade de revelar suas capacidades pessoais para provar sua competência profissional em busca da realização pessoal. Aliada às ideias do esporte estão a concorrência e a classificação, quanto à aventura, esta compactua com as noções acerca do desafio, imprevisibilidade e, portanto,

necessidade de flexibilidade ao assumir riscos e tomar a iniciativa assertiva em meio a incertezas. Baseado no exposto, a melhor performance terá lugar de destaque e compensação, entretanto é tida como justa, uma vez que foi galgada por esforço pessoal.

Por exemplo, hoje, as pessoas são assimiladas como informações em certa medida, para exemplificar existe um *site* chamado *my life* (2018), nele basta digitar o primeiro nome, o sobrenome e a cidade da pessoa a ser pesquisada para se obter a pontuação sobre a reputação da pessoa. Assim, não se está diante de mais um serviço de segurança para consumo, tudo gira em torno de vigilância e julgamento de conduta das pessoas. Nesse *site*, fica evidente a ideia de concorrência do esporte-aventura de que fala Ehrenberg (2010), uma vez que predomina uma classificação por meio de pontuação e as pessoas concorrem entre si. O herói de si é também avaliado, como é de se esperar na era digital, por meio de informações distribuídas no ciberespaço.

Esse novo modo de ser e estar no mundo requer uma contínua formação ou atualização. Dessa forma, as pessoas são interpeladas frequentemente por serviços que prometem o mais novo, o melhor, porém, o que muitos não sabem ou não percebem é que esses atraentes apelos são certamente metas inalcançáveis, pois surgem ininterruptamente novas necessidades humanas, numa espécie de ditadura do novo. A sociedade de controle (DELEUZE, 2014) impõe o novo intermitentemente com vistas a satisfazer o sistema econômico vigente, o qual consolida novas ambiências culturais em que o consumo é uma constante. Nesse panorama, cada qual busca seu lugar na sociedade extraíndo de si o seu melhor, buscando superar sua melhor performance, reinventando-se com frequência. Com a meta de colaborar para que haja a melhor performance, passa-se a se utilizar drogas lícitas. A tal fenômeno, Ehrenberg (2010) denominou de indivíduo sob perfusão. Assim, o medicamento visa dar conforto psicológico no momento em que a responsabilidade pela construção do eu pesa demasiadamente para o sujeito contemporâneo. “O medicamento de conforto (e o clínico geral), para uns, e a psicoterapia, para outros (que podem ser também os mesmos) são as próteses do indivíduo sob perfusão.” (EHRENBURG, 2010, p. 153). Na construção do eu o que se busca é o melhor de si tanto profissionalmente como na vida pessoal. A reinvenção é constante, busca atualização contínua e exige estado de vigília em grande medida.

Parafraseando Deleuze (2014, p. 220): “O Homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo.”. É nesse sentido que a necessidade de flexibilidade diante das constantes mudanças forja o herói sobrevivente na contemporaneidade, segundo Ehrenberg (2010). A

ideia de que o sucesso é uma atitude diante da vida em que cada qual se torna o empreendedor de si mesmo em busca do sucesso. A conduta ideal hoje exigida é a do empreendedor como herói.

A heroização do empreendedor tem, não há dúvida, um aspecto institucional, mas seu impacto vai além, pois é o sentido mesmo da palavra que mudou. Ela não designa mais uma acumulação, ainda que sempre se trate de acumular, mas uma maneira de se conduzir: o fato *de empreender qualquer coisa*. (EHRENBURG, 2010, p. 48).

Em geral, é propagada a ideia de que tudo é possível desde que se tenha vontade de ganhar. Nesse cenário, o herói empreendedor, a quem é dada autonomia, governa a si mesmo, assume riscos. Se é capaz de ter flexibilidade diante do futuro instável, será capaz de vencer, de alcançar o sucesso e ao fim ganhar visibilidade.

Antes, tinha-se como foco a produção, agora tem-se como escopo o produto como serviço, dessa forma, o objetivo maior é vender serviços e comprar ações, quando a fábrica cede lugar à empresa. Então, estabelece-se o *marketing* como ferramenta norteadora das práticas na sociedade contemporânea, desenvolvem-se serviços para os mais variados segmentos, em quase todos os setores da vida. Para tudo se faz necessário consultar um especialista, seja no âmbito da saúde, da educação, enfim, todos os setores da vida são tomados pelos serviços permanentemente à disposição, expostos nas vitrines racionalizadas e organizadas pelo *marketing*. Os algoritmos colaboram no processo ajudando as empresas a aperfeiçoarem os serviços, por meio dos dados coletados dos usuários nas plataformas digitais.

O serviço de vendas tornou-se o centro ou a „alma“ da empresa [...]. O Marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça imprudente dos nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. (DELEUZE, 1992, p. 221).

Se vencer é uma atitude diante da vida ou uma mentalidade, Ehrenberg (2010, p. 67) conta que surgem consultores, seminários e livros que “[...] propõem remodelar a personalidade em uma estratégia de imagem para se fazer recrutar, subir na hierarquia, melhorar suas *performances* comunicacionais, ser melhor em sua pele etc.”. Depara-se com a importância da capacidade de rápida adaptação e renovação diante dos desafios, tem-se então a necessidade de formação contínua. A dívida aqui se refere à questão de dar o seu melhor, como forjar sua melhor imagem. O controle da mente permite melhor desempenho, e funciona também para os que não conseguem alcançar o padrão desejado, atuando como apoio e

conforto psicológico. Estão à venda todo tipo de produtos e serviços afim de suprir as necessidades dos sujeitos e do mercado.

A função primeira do *marketing* é despertar o desejo e criar a necessidade. Assim, constroem-se melhores formas de vender mais, estimula-se o consumo, os sujeitos são cerceados pelas novas necessidades, cerceados em nome do desejo, endividados na busca intermitente do novo que não hesita em renovar-se. Com o propósito de fazer brotar o constante desejo no sujeito contemporâneo, o *marketing* o submete ao escrutínio visando revelar os modos mais eficazes para a venda de serviços. A segmentação do público consumidor não para de crescer. Hoje, é possível obter diversos aplicativos que visam o encontro entre pessoas por meio de interação *online*, inclusive existem aplicativos destinados a diversos públicos: homossexuais homens ou mulheres, heterossexuais, heterossexuais cristãos, transgêneros, entre outros. Segundo Germano (2019), aplicativos como *Feeld*, *3rder*, *3fun*, *Ysos*, *S'wingapp* foram desenvolvidos para encontrar pessoas dispostas a fazerem *ménage à trois* e funcionam de maneira semelhante aos aplicativos de relacionamento entre duas pessoas. Existe a possibilidade de segmentação por nacionalidade, japoneses, indianos, brasileiros etc.

A fixidez da era disciplinar dá lugar ao mutável e movediço, assim, fronteiras se dissolvem e o novo não para de se reinventar. Com os novos paradigmas da sociedade contemporânea, a noção de lugar também se modifica, a presença física se mescla e se confunde com a presença digital. Isso ocorre em salas de espera ou em transportes públicos, sendo possível notar as pessoas apartadas uma das outras, apesar da proximidade física, cada qual imersa no mundo digital por meio de seus aparelhos celulares. Portanto, muitas vezes próximas de outras pessoas fisicamente distantes, a usar os aplicativos que permitem os chamados bate-papos.

Os relacionamentos que se tecem constantemente na internet, construídos em torno de toneladas de palavras e imagens, costumam prescindir do contato imediato com os corpos físicos dos interlocutores. Mas isso não impede que nessas trocas sejam criados fortes laços afetivos, como é obvio. (SIBILIA, 2016, p. 90).

Apesar da imaterialidade que impossibilita o contato físico, as relações que se tecem acontecem de fato e, ao contrário do que se costumar dizer, uma experiência significativa pode acontecer por meio da imaterialidade, ou seja, via meios digitais. Ao retomar o ponto de que na contemporaneidade a palavra visibilidade significa existir, o contato físico pode ficar em segundo plano.

Segundo Sibilia (2015), nessa árdua tarefa da busca constante pelo novo e pela atualização, por conseguinte, até o corpo se torna obsoleto exigindo *upgrade* permanentemente. Estudos acerca do DNA aliados à tecnociência e à bioprogramação estão nesse contexto a serviço do sujeito contemporâneo. A sociedade afasta-se da era de lógica mecânica rumo à era da lógica digital, sempre seduzidos pelas promessas de reciclagem, do novo, da possibilidade de reprogramação. Afim de amenizar o mal-estar gerado pela ansiedade, tessituras que prometem colaborar na construção de si ou maneiras de lidar com a imprevisibilidade não param de se configurar. Contudo, de forma antagônica, nessa investidura do novo, o que acaba por produzir parece ser mais ansiedade, pois a busca por segurança se estabelece de forma utópica num horizonte inalcançável. Esse constante devir inerente aos tempos atuais configura uma geração ansiosa sempre à espreita do novo, inserida numa dinâmica de aquisição e descarte.

Em conformidade com a nova configuração tecnológica em que impera a digitalização, os corpos são pensados como sistemas de processamentos de dados que, de posse da tecnociência, agora são passíveis de manipulação com vistas à melhoria de desempenho, assim como de bem-estar. Sibilia (2015), no livro *O homem pós orgânico*, apresenta conceitos acerca do sujeito contemporâneo que transcende a sua própria natureza por meio dessa diferente maneira de ser e estar no mundo vinculado às tecnologias digitais, como o próprio título enuncia. Ainda conforme a autora, as mudanças de paradigmas, discorridas nas páginas anteriores deste estudo, relacionam-se ao que o sociólogo e epistemólogo português Hermínio Martins denominou de vocação prometeica e vocação fáustica. A autora toma de empréstimo tal conceito para explicar a transição da era moderna para a contemporânea, ou em termos deleuzianos, das sociedades disciplinares para a sociedade de controle. Entretanto, vale frisar que os elementos que constituem ambas não estabelecem uma dicotomia, uma vez que podem coexistir num período histórico, sendo: “duas linhas em perpétua tensão.” (SIBILIA, 2015, p. 50).

Numa alusão ao titã Prometeu que roubou o fogo dos deuses e entregou aos homens, o que resultou num severo castigo das deidades por sua ambição, a vocação prometeica acredita que há mistérios que escapam à razão humana e teme ser castigada. Dessa forma, alguns territórios são impenetráveis e pertencem exclusivamente aos domínios divinos. Por outro lado, o personagem mítico Fausto compactua com o demônio e acaba acometido por uma paixão violenta pelo progresso que o cega em busca do conhecimento.

Logo, os preceitos de vocação fáustica, assim como o personagem mítico de fausto, querem ter domínio de todos os âmbitos, ao serem impulsionados por uma ambição

insaciável de conhecimento. A vocação fáustica nada teme, quer ter controle total da vida e da natureza. Nesse sentido, a tecnociência carrega em seu cerne os princípios de vocação fáustica, como é o caso de estudos que visam reprogramar o DNA das pessoas de modo a limpar características indesejáveis, ou eliminar possíveis doenças. O que era para os adeptos da vocação prometeica um âmbito das forças divinas e, por isso, impenetrável, já para os da vocação fáustica adentrar tal território é seu objetivo maior, ou seja, ter total domínio sobre a vida.

Por conseguinte, enquanto o primeiro, de cunho prometeico, se ocupa de desvendar o conhecimento atuando de forma limitada, o outro, de cunho fáustico, visa colocar o conhecimento a trabalho de seus objetivos, dominando diversos fenômenos para que atendam às exigências de suas ambições. Assim, ter o conhecimento não basta, pois, este tem de servir a algum fim. Portanto, exercer o conhecimento com vistas a manipular o futuro excede as contingências de cunho prometeico. Conceitos como imortalidade, eternidade e novidade estão solidamente enraizados na ideologia de vocação fáustica. Contudo, vale frisar que se vive uma era em que a vocação fáustica e prometeica coexistem, visto que os elementos que constituem uma não apagam os que constituem a outra.

Esta estrutura se refere aos ideais na contemporaneidade, os quais querem, então, ultrapassar as barreiras biológicas inerentes à natureza e ao corpo humano, percebendo o orgânico como uma barreira a ser eliminada. Para elucidar tamanha ambição, pode-se mencionar o projeto genoma que criou vida em laboratório, tal intento jamais seria possível em conformidade com os ideais de vocação prometeica que teme o poder e o controle da natureza. Ainda conforme Sibilia (2015), a vocação fáustica não se limita a criar vida, mas intenta torná-la eterna, incluindo a busca pela eterna juventude, quando o velho é costumeiramente desvalorizado. Tais assuntos estão em voga na atualidade, diversas séries abordam como seria a vida quando a tecnologia pudesse controlar a vida. No entanto, trata-se apenas de ficção científica, muito do que é abordado ainda não é possível.

Nesse cenário, produtos e serviços passam a ter papel fundamental movimentando a economia. Estudos que aliam a informática e a biologia não param de crescer, é o caso da união da genética e da informática. A vida passa a ser vista como informação, sendo passível de reprogramação. Assim, orgânico e tecnológico se configuram em duas vertentes em tensão, o corpo procura resistir à digitalização e às obediências dos novos ditames tecnológicos, e por outro lado:

[...] o sonho ainda persiste nesse imaginário: a ideia de abandonar o corpo - ou pelo menos *este* corpo - para adentrar um mundo de etérea perfeição digital, povoado de nuvens e avatares. Um mundo ainda adjetivado como "virtual", que tem a luz elétrica

como matéria-prima e se atreve a ignorar as limitações que constroem os toscos corpos vivos. (SIBILIA, 2015, p. 95).

Para inflamar mais o debate sobre a tecnociência a favor da vida e bem-estar, conforme a autora, a sociedade no panorama da dinâmica digitalizante adota do consumismo e idolatria da boa forma física vem construindo discursos acerca da inadequação como característica intrínseca à materialidade, como é o caso do corpo físico. Portanto, o desenvolvimento da tecnociência de vocação fáustica, que visa transformar os corpos e controlar o futuro em prol do bem-estar, ganha cada vez mais adeptos. Diante do exposto, está-se diante do *upgrade* tecnocientífico, que tende a aperfeiçoar a matéria e prever o futuro, antecipando-se quanto às eventuais desgraças. Assim, o corpo físico, analógico enquanto matéria, é desprezado em detrimento da imagem – pixel ou o corpo digitalizado inserido nas normas tecnocientíficas de assepsia e perfeição. O erro ou imperfeito passa a ser não tolerado, nesse fluxo caminham as ideias de envelhecimento e finitude. É possível que o corpo digital ou o contato pelo digital passe a ter mais valor que o contato físico, pois a vida e as relações como informação, assim como o corpo físico transformado em *pixel*, tornam-se desprovidos dos indesejáveis fardos de natureza prometeica, como o envelhecimento, a imperfeição, o espontâneo não controlado. Nesse sentido, procura-se o melhor ângulo para as fotos ou se utiliza de programas de edição de imagens, e para as relações baseadas em conversas nos espaços *on-line* de bate-papos, escolhem-se as melhores palavras, faz-se uso do corretor de ortografia, e nem por isso as relações e os grupos deixam de existir como experiência vivida.

“Cada vez é mais comum se relacionar com os outros por meio da internet, por exemplo, prescindindo do encontro físico dos corpos para criar laços afetivos, inclusive relacionamentos sexuais.” (SIBILIA, 2015, p. 70). A sexualidade está mais presente nas plataformas digitais, as relações se estabelecem nos novos meios muitas vezes sem necessidade de contato físico. Práticas de exposição da intimidade tornam-se frequentes, a partir do compartilhamento de imagens do corpo, relatos de acontecimentos do cotidiano dos indivíduos, confissões de emoções etc. Ademais, os processos de interação social no ambiente virtual ganham evidência por meio de ferramentas para que as pessoas possam expressar diferentes emoções quando visualizam uma postagem, como acontece no *Facebook*.

As noções tradicionais de tempo e espaço são desafiadas e reajustadas às demandas da cultura digital. Nesse contexto, surge o chamado tempo real para agrupar as ideias que se referem ao tempo linear e à materialidade espacial. Com isso, não significa que as experiências sucedidas no espaço digital não sejam legítimas, pelo contrário, vigora uma tendência de reconhecimento sobre essas práticas na atualidade. Ademais, o valor do

presenteísmo (MAFFESOLI, 1996) é reforçado na atualidade pela cultura digital, quando o aqui e agora se concretiza em tempo real.

Por exemplo, a prática de *sexting* é corriqueira na atualidade, termo que se refere ao “envio de conteúdo erótico pessoal por qualquer meio eletrônico, incluindo mensageiros instantâneos e e-mails.” (Hamann, 2009). O termo é fruto da junção das palavras sexo (*sex*) e *texting*, resultando em *sexting*, pois a expressão surgiu quando a troca de mensagens de teor sexual ainda era realizada majoritariamente com o uso de texto. Tal prática se faz cada vez mais comum na cultura digital. As câmeras digitais nos aparelhos móveis de comunicação favorecem tal conduta, as redes sociais, por sua vez, promovem o compartilhamento e a prática se aperfeiçoa. O corpo como informação, ou seja, em formato de *pixels*, faz-se presente no espaço digital, no qual experiências sexuais acontecem entre as pessoas. Consequentemente, a prática de *sexting* se torna comum e muitas vezes inicia por meio da troca de *nudes*. Assim, as pessoas parecem estar à procura da promoção de visibilidade, auxiliando na construção do seu eu, com base em postagens sejam de imagens de seus corpos ou divulgando suas ideias, buscando sua melhor performance, estabelecendo vínculos com outros, em tempo real.

Seguindo as ideias de Ehrenberg (2010), já que a todos é dada a possibilidade de sucesso, vence aquele que melhor se destaca, ou seja, que desempenha a melhor performance. Nesse sentido, devido à concorrência e à instabilidade do futuro, dada a aventura no esporte, o lugar no *podium* é alternado com frequência, salienta-se aqui a efemeridade presente nos tempos atuais. A melhor performance então pode ser alcançada pelo esforço. Em plataformas digitais como as redes sociais, recorre-se à edição como um dos recursos para destacar a melhor performance e ampliar a visibilidade. Logo, a edição requer escolhas autônomas, requer assumir riscos e, nesse caminho, vence o herói de si mesmo, que alcança a maior visibilidade aliada à ideia de originalidade, quando vence o melhor. Cada pessoa tem a oportunidade de fabricar a própria identidade. E, ainda, cada um é empreendedor de si.

Ser bem-sucedido, hoje, é poder inventar o seu próprio modelo, desenhar sua unicidade, ainda que idêntica a de outros. Ser bem sucedido é tornar-se si mesmo tornando-se alguém. Ser si mesmo, ser alguém: injunções banais e, no entanto, misteriosas que deveriam situar-se em registros aparentemente separados, até opostos, da identidade pessoal e da visibilidade social, da esfera privada e da esfera pública- como se sabe que se é si mesmo? Diante de quem se reconhece que se é alguém? Essas duas questões entram hoje numa relação inédita que assimila, numa mesma retórica a conquista de sua identidade pessoal à da ascensão pública, a busca da autenticidade à da visibilidade. Dinâmica dupla de exteriorização do íntimo- isso seria sua „publicização” – e de incorporação do social – isso seria sua „privatização” – que forma a trama da ambição contemporânea. (EHRENBURG, 2010, p. 50).

No rastro dessas ideias, Ehrenberg (2010) aborda a questão da empresarização da vida quando a sobrevivência se faz pela concorrência, para tanto, utiliza-se até de medicamentos para se obter a melhor performance. “A obsessão de ganhar, de vencer, de ser alguém, e o consumo em massa de medicamentos psicotrópicos estão estreitamente ligados, pois uma nova cultura da conquista é, necessariamente, uma cultura da ansiedade, que é a face de sombra dela.” (EHRENBURG, 2010, p. 139). Diante disso, o uso dos medicamentos deve colaborar para enfrentar a realidade e encarar o peso da realidade de ser o herói de si mesmo, portanto, as drogas que forjam os estados de consciência já não são usadas para estados de prazer, e sim para alívio da carga de responsabilidades e para enfrentar a competição desmedida. Quantos lugares há no *podium* para que se possa ocupar?

No esporte, a dopagem, segundo o autor, é uma atitude injusta, pois pressupõe-se que a vitória é manipulada quando isso ocorre. Porém, o mesmo não é válido para a concorrência profissional. Produtos e serviços que visam melhorar as performances são frequentemente aceitos em nome do melhor desempenho tanto no nível profissional quanto pessoal.

A responsabilidade antes atribuída às hierarquias agora é entregue aos indivíduos em nome da autonomia, no entanto, várias vezes diante de crises, as pessoas não têm condições de resolver tais conflitos, o que gera sentimento de impotência. Isto quer dizer que, apesar de ser propagada a ideia de autonomia e individualidade, em situações problemáticas, aos indivíduos não é dada a possibilidade de agir para encontrar soluções.

Desde então, a única capacidade de assumir riscos e a ausência de regras do jogo claramente definida não deixam mais lugar ao erro. Exprima-se, assumo-se, seja autônomo, realize-se, seja você mesmo, veja todos os líderes etc., todos esses *slogans* são cada vez mais ansiogênicos quando não permitem aos indivíduos realizar a aprendizagem do governo de si. (EHRENBURG, 2010, p. 164).

Nesse caminho, uma infinidade de imagens compartilhadas via internet é visualizada, julgada e, em seguida, descartada. Portanto, o descarte se dá tão rapidamente quanto o consumo por meio do olhar. Ao que parece, as imagens que se destacam, ou seja, as que têm a melhor performance terão sucesso e maior visibilidade. Nesse sentido, cada qual é empreendedor de si, no qual o fracasso é tido como vergonha e a dopagem pode ser um meio de tanto melhorar as performances, como de amenizar sofrimentos.

Os discursos de Sibilia (2015, 2016) e Ehrenberg (2010) acerca das concepções de personalidades que se estruturam nas ideias de público e privado, bem como de visibilidade e sucesso, entrelaçam-se dando consistência ao cenário estabelecido na contemporaneidade. A construção de si nos meios digitais se faz por meio dessa concorrência em que cada qual é

empresário de sua própria imagem. Nas palavras de Sibilia (2016, p. 325), sobre as redes sociais, “Em todos esses canais, o que conta é se mostrar e se saber vender. [...] É preciso ter muita habilidade na hora de exibir um *eu* autêntico e real - ou, pelo menos, que assim pareça”. Muitos jovens alcançam o sucesso por meio de canais como o *Youtube*, ganham visibilidade e fama, tornando-se celebridades do momento.

Atualmente, no cenário em que qualquer um é capaz de ter sucesso, o herói vencedor é aquele que não se ampara no passado, numa possível herança ou filiação e não tem raízes, assim, o que importa é a construção do seu lugar e a história no aqui e agora. Há ênfase na mobilidade social que depende da vontade de vencer, da capacidade de flexibilidade ante os desafios e incerteza, inovando, e sendo original. Para tanto, é preciso fazer uso da autonomia que lhe é ofertada. Nesse caso, para o herói, nem seu passado importa, nem seu futuro está determinado, ele conta com seu próprio esforço para alcançar o sucesso, ele forja seu destino. Trata-se daquele que vem de baixo, que ganha popularidade, é tido como herói; a hereditariedade se torna ilegítima enquanto que se legitima a meritocracia.

Para Ehrenberg (2010, p.55), o outro é visto como igual, e não como o superior que exerce autoridade:

A mitologia da autorrealização de massa que predomina desde o último decênio é semelhante a um sistema de heroização de si mesmo em que se deve fazer o esforço de ser si mesmo seu próprio modelo de conduta. Essa identidade de um modelo de conduta personalizado que vai do mesmo ao mesmo, não dá mais lugar a um discurso sobre a sociedade de massa, em que cada um é indiferenciado, anônimo, já que igual, uniforme, já que semelhante. Pelo contrário, vamos sempre do mesmo ao mesmo, mas pela diferença, pela singularização. *É uma outra maneira de viver a semelhança.*

Logo, há certa pressão para que as pessoas se definam como algo ou alguém que se encaixe em determinado modelo original e singular, para tal, recorre-se às redes sociais no ciberespaço, onde é possível a construção de si e a possibilidade de satisfazer a busca por singularidade e originalidade. Entretanto, os termos modelo e originalidade são incompatíveis, mas na contemporaneidade há um apelo “[...] por traz das mensagens publicitárias de ênfase na criatividade, há uma espécie de *slogan* esquizofrênico „seja diferente: seja igual”” (VILLAÇA; GÓES, 2014, p. 22). Portanto, mais um paradoxo entre tantos outros na sociedade contemporânea que, além de contraditória, é regida pela efemeridade, como é a usual apropriação de estilos citada por Sibilia (2016, p. 313): “De fato, para saciar essa demanda de personalidades alterdirigidas, as mídias atuais oferecem um farto catálogo de estilos que cada um pode escolher e emular: é possível copiá-los, usá-los, logo descartá-los para substituí-los por outros sempre renovados”. Trata-se, então, da flexibilidade frente à

aventura em que vive o sujeito contemporâneo, que deve assumir riscos frente à imprevisibilidade dos eventos, aqui são destacadas a efemeridade e a fluidez da atualidade. E apesar da ideia de cópia, a originalidade propicia lugar de destaque.

Para a autora, na contemporaneidade, o eu parece se orientar e se constituir amparado pelo meio em que está inserido, apoiado no uso constante das tecnologias de imagem e vídeo, como se a vida fosse um eterno *reality show*. Nesse contexto, os sujeitos denominados artistas de si almejam “[...] se tornar um personagem o mais aurático e atraente possível.” (SIBILIA, 2016, p. 336). Assim, a imagem de si que se constrói é de fundamental relevância para que os sujeitos participem da dinâmica vigente na atualidade. Tal processo se dá nesse complexo jogo de identidades fragmentadas e atravessadas por inúmeros estilos direcionados para julgamento dos olhares dos outros que, na maioria das vezes, efetua-se pelos meios digitais. Estes, por sua vez, são ferramentas que permitem que essa atual demanda se concretize, propiciando visibilidade dessas personalidades alterdirigidas que se perfazem pela imagem que os artistas de si, como nomeia a autora, constroem.

Na imaterialidade das redes sociais se forjam personalidades e heróis empreendedores de suas imagens. Hoje, pelas câmeras, as pessoas passaram a se projetar via internet, quando “[...] qualquer um realmente *pode*- e habitualmente *quer*, talvez inclusive *deva*-se mostrar como um personagem audiovisual.” (SIBILIA, 2016, p. 319). Por meio das imagens, é forjada a personalidade com vistas a inscrever marcas no mundo, cada qual almeja deixar sua digital, em outras palavras ocupar seu lugar. Os elementos que se apresentam pelos luminosos *pixels* aos olhares, informam, revelam, forjam histórias e personalidades.

O uso da imagem é de extrema importância, pois ela sempre exerceu fascínio na humanidade, visto que os homens se expressavam por meio delas desde as origens na pré-história. Gombrich (2012), historiador da arte faz uma interessante comparação ao falar do poder da imagem para os povos ditos primitivos e para os povos da atualidade. Os povos primitivos em cerimônias especiais usavam máscaras com feições de animais, e com o uso delas se sentiam transformados pela força do animal. No entanto, os povos na atualidade se organizam socialmente de forma diferente, tendo como ideia de poder outras forças que não a dos animais. Portanto, a imagem é ferramenta que alimenta o imaginário humano desde os primórdios e parece ser inerente ao ser, no que confere ao forjar-se. Assim, os primitivos se viam fortalecidos pelas imagens das máscaras, enquanto na atualidade também se sofre a influência das imagens, como ilustra a analogia feita pelo autor, a seguir:

Suponha-se que recortamos do jornal de hoje o retrato do nosso campeão favorito - será que sentiríamos prazer em apanhar uma agulha e furar-lhe os olhos? Isso nos deixaria tão indiferente quanto praticar tais furos em qualquer outra parte do jornal? Suponho que não. Embora eu saiba, bem no íntimo dos meus pensamentos, que o que fizer ao retrato não causará a mínima diferença ao meu amigo ou herói, sinto, não obstante, uma vaga relutância em causar danos à sua imagem. (GOMBRICH, 2012, p. 40).

Diante disso, tanto na época dos homens primitivos quanto na sociedade atual, há forte influência pelo poder da imagem. Nesse sentido, nota-se que é de essencial importância para a humanidade deixar sua marca no mundo. Inserido nessa dinâmica, o sujeito contemporâneo quer deixar sua assinatura no mundo e, com os aparatos tecnológicos disponíveis, pode produzir, consumir e legitimar imagens através de curtidas ou comentários cotidianamente. Ainda é possível que esse sujeito, escopo deste estudo, de posse das novas técnicas inerentes à era digital, empregue as tecnologias com vistas a suprir a sede de inscrever suas marcas no mundo como fazia aquele ser primitivo, fazendo isso pelo uso de imagens. Ou, conforme Sibilia (2016, p. 339), esse sujeito quer marcar sua existência: “Se ninguém nos vê, neste contexto cada vez mais dominado pela lógica da visibilidade, poderíamos pensar que simplesmente não fomos. Ou pior ainda: que não existimos.”

Para Taylor (2011), a autoconstrução também se ampara na ideia de artista que se formou nos séculos XVIII e XIX. Surge a ideia de que a arte não deve mais ser imitação da vida (*mimeses*), mas deve ser, então, criação, originalidade, autenticidade. Sobre a concepção de artista como criador na atual sociedade, o autor diz que: “[...] se tornou um paradigma para nós, no qual descubro a mim mesmo através do meu trabalho como artista, através daquilo que crio.” (TAYLOR, 2011, p.69). Logo, a autodescoberta se faz como trabalho criativo do artista que antes era imitador, porém, agora necessita ser original e criativo.

4 CONTEMPORANEIDADE: O NEOTRIBALISMO

Na sequência, serão argumentados os conceitos acerca de uma tendência de organização social: o neotribalismo estabelecido de maneira orgânica. Expõe-se aqui a maneira como se estrutura a rede tribal pós-moderna. O sentimento comum é fator determinante para a existência das tribos, pois funciona como fator de agregação. Considera-se o papel dos meios de comunicação como propulsor da atual configuração social, assim como fica a cargo da globalização colaborar nesse processo. O período empático próprio da pós-modernidade toma o lugar do anterior: período racional. Nesse contexto, a alteridade agora é acolhida, ou seja, a agregação prevalece em lugar da segregação, negam-se os modelos e padrões por meio do dispêndio de forças em prol da autopreservação da tribo. A questão da aparência é crucial para compreender a rede das tribos, pois ela pode revelar como se efetua tal estrutura. O capítulo disserta ainda sobre o conceito de autenticidade de Taylor (2011). A questão da necessidade de autorrealização dos indivíduos, o que reforça uma subjetividade atomista, bem como a necessidade humana da troca dialógica e pelo reconhecimento em que se perfaz a identidade. Explora-se, também, as problemáticas que tais adventos da modernidade implicam como: o afrouxamento dos laços sociais no corpo social, a apatia política e a escassez de debate acerca de um ideal moral para a vida em sociedade.

No segundo bloco que compõe o capítulo, aprofunda-se os conceitos de proximidade e aparência que têm função de comunicar, em que o invólucro se efetiva como motor da erótica social. Isto quer dizer que o autor elabora o pensamento de como o conjunto social erige a forma a partir da comunicação, sendo a forma também formadora. A imagem social, portanto, emana e comunica afim de agregar em tribos formando as nebulosas afetuais próprias de períodos empáticos. A identidade então desliza de sua lógica de fixidez para a lógica de identificação, configurando modos de ser e estar no mundo agora instáveis, já que o presenteísmo é parte desse contexto.

No último bloco, serão tratados temas sobre a forma como se organiza a plataforma digital *Facebook*, levando em conta a TAR, teoria ator – rede, que considera as relações no ciberespaço pela ótica sociotécnica, isto quer dizer que leva em conta as ações humanas e não humanas. Nestas ações, é possível perceber como ocorrem negociações no espaço digital e cai por terra a noção de algoritmo que detém o poder de controlar as ações no espaço digital. Procura-se compreender a fluidez das relações e acontecimentos a partir das teorias defendidas por Araújo (2017). Por fim, as tecnologias do imaginário de Machado (2003)

relatam a queda da modernidade e a ascensão da pós-modernidade permeada pelo digital. O autor ainda se apropria das teorias de Maffesoli (1996, 1998), recorrendo à ideia do neotribalismo oriundo do período empático para explicar como as tecnologias do imaginário atraem as pessoas para que bebam dessa bacia semântica, produto do imaginário. Nesse sentido, o autor desconstrói a noção de controle a partir do conceito de panórgico em referência ao panóptico de Foucault, avaliando a compreensão de público e privado na contemporaneidade.

4.1 AUTENTICIDADE E SENTIMENTO COMUM

Na sociedade contemporânea, assiste-se à união de grupos em comunidades, fenômeno chamado por Maffesoli (1998) de neotribalismo. Para compreendê-lo, o autor recorre aos novos modos de ser e estar no mundo para a criação da nominada ambiência ou nebulosa afetual, que fornece subsídios para a formação de grupos que, por sua vez, não se unem via instituições sociais, mas por compartilharem um sentimento em comum: o querer estar juntos. Os microgrupos que se estabelecem por um constante vaivém são denominados de tribos.

No livro *O tempo das tribos*, o autor vai de encontro ao que está dado pela comunidade científica, isto é, não pretende manter a tradição de compartimentação disciplinar, pois o próprio objeto estudado exige tal transgressão, e em lugar disso sugere a perspectiva holística. Afinal, o novo fenômeno pede novas ferramentas, um outro modo de compreensão, pois se analisado por ferramentas antiquadas e inadequadas não seria passível de entendimento. Assim, faz uso da tradição compreensiva não se propondo a buscar a verdade que a seu ver é “relativa, tributária da situação” (MAFFESOLI, 1998, p. 7), ou ainda a chamada sociologia formista, cujo objetivo é constatar as configurações existentes na sociedade sem julgar ou criticar. Longe de querer apreender a verdade do objeto de estudo de modo a esgotá-lo, visa descrevê-lo evitando a ilusão das contingências fronteiriças em terreno movediço. Trata-se da mobilidade de fronteiras que escapa com agilidade dos moldes que impõem certa rigidez. Portanto, a meta é compreender o fenômeno em lugar de determiná-lo e discriminá-lo.

A respeito das uniões em sociedade, o autor argumenta seu caráter de oposição e resistência: “É assim, por minha parte, que compreendo a *Potência* da socialidade que através da abstenção, do silêncio e da astúcia se opõe ao *Poder* do econômico-político.” (MAFFESOLI, 1998, p. 5). Logo, a força vital que mantém a sociedade é possível por meio

da socialidade que pulsa sem submeter-se aos domínios das instituições, como uma força de vontades próprias que quer manter-se viva.

Dessa forma, as massas que constituem a atual sociedade não se apoiam na lógica identitária como o fazia o proletariado e as classes na modernidade. É, nessa conjuntura, que o indivíduo moderno é chamado a dissolver-se num processo de desindividualização, abandonando os grupos contratuais para agregar-se a tribos afetuais. Além disso, é notável que na sociedade contemporânea perdure uma dinâmica de acomodação da alteridade, enquanto que na modernidade o paradigma se estruturava numa perspectiva ativista baseada na universalidade.

Ocorre um deslocamento e tensão do social para a socialidade. As pessoas que compõem os grupos nas massas já não obedecem às normas rígidas das instituições tradicionais, em que as funções exercidas pelos indivíduos eram determinadas. As pessoas agora exercem papéis em lugar das funções que lhe eram inerentes quando ligadas a organizações econômico-políticas. A sociedade não mais se estrutura de maneira mecânica, e sim de forma complexa e orgânica.

Para falar de pós-modernidade, muito se recorre ao individualismo e ao fim do espaço privado, entretanto, como vem sendo discorrido nesse estudo, a dissolução deste espaço vem trazer à tona novamente o espaço público, agora com nova roupagem em posse de novas ferramentas, configurando outros sentimentos e agrupamentos. Desse modo, o indivíduo construído no iluminismo não poderia mais existir na atualidade, já que a socialidade como força que alimenta a estrutura social dissolve a ideia de individualidade que impossibilitava o domínio de si e de sua trajetória, este era um caminho imbuído de intenção com um determinado propósito final dentro das instituições. Para corroborar tal ideia, o autor se apropria do termo *persona*: “[...] máscara que pode ser mutável que se integra sobretudo numa variedade de cenas, de situações que só valem se representadas em conjunto.” (MAFFESOLI, 1998, p. 15). As personas então constituem as tribos.

Assim sendo, os elementos que constituem a ideia de indivíduo fechado em si são deslocados para compor a ideia de pessoa que se concretiza na relação com o outro e, nessa circunstância, a ideia de identidade se torna inadequada por seu caráter invariável, imperturbável. A individuação, inerente aos períodos racionais, opõem-se aos períodos empáticos em que os grupos tomados por sentimento coletivo dão concretude ao todo social, denominado, então, de neotribalismo. Neste, as personas visam integrarem-se, rompendo com o conceito de segregação oriundo do individualismo. Taylor (2011) aprofunda neste conceito e admite a necessidade da dissolução do individualismo através da troca dialógica para que

haja fuga do que ele chama de subjetividade atomista, surgida na modernidade e enaltecida na contemporaneidade. Contudo, essa dissolução é viável sem perder a autenticidade, ou seja, é possível ser original e fiel a si mesmo na busca que se faz ponderando níveis de liberdade.

Maffesoli (1998) aposta na ideia do neotribalismo, no qual o sentimento coletivo que associa em tribos e transcende o individual propicia a aura que dá tom a uma determinada época. Assim, o sentimento coletivo está intrinsecamente ligado à aura. Tal aura composta de sentimentos comuns não deve ser compreendida como convergência de sentimentos, como prática individual ou interior, pelo contrário, estrutura-se como abertura para o outro, incorporando sentimentos variados, valendo-se de máscaras diversas. O autor parece clamar para uma compreensão da dissolução que enfrenta o antigo paradigma burguês amparado pela racionalidade, centrado no indivíduo, em seu interior, e em contrapartida solicita o enfoque das novas formas de aglutinação embasadas no coletivismo, ou seja, em consonância com as forças que atualmente constituem a contemporaneidade.

Nas novas formas de organização via comunidades nas redes digitais tal fenômeno é notável. Internautas se unem em torno de um sentimento, por ideias compatíveis criando a ambiência emocional ou aura elucidada pelo autor. Daí a ideia de visibilidade do espetáculo cotidiano, do desnudar-se, no sentido da quebra do indivíduo enquanto núcleo fechado, para se tornar visível e, enfim, saciar o desejo de aprovação e aplausos do outro que, por sua vez, integra a nebulosa afetiva de interesses e afinidades. O eu está para além do indivíduo, estende-se sujeitando-se ao outro. Assim, surge o indivíduo que se perde ao se abrir para o outro, integrando o coletivo.

Similarmente, Taylor (2011) considera o individualismo como um mal-estar na contemporaneidade e vê sua superação por meio da troca dialógica. A construção da subjetividade não pode ser isolada, já que o reconhecimento se faz nas trocas pelas linguagens nas interações sociais. A autenticidade deve ser autofidelidade, porém, a autocriação se faz pela necessidade de reconhecimento do outro, sem o qual a construção de si seria autoestultificante.

Na esteira das ideias de instabilidade suscitadas nesta pesquisa, e em consonância com as noções de Maffesoli (1998), que traz à luz a ideia de sentimento comum, elemento que opera como elo pessoa-grupo, o autor elucida a concepção de inconstância de forma surpreendente ao indagar o sentimento, pois, para ele, o que há de mais instável e abstrato que o próprio sentimento? Portanto, de acordo com essa força instável que baliza os modos de ser e estar no mundo contemporâneo, impera o sentimento com sua natureza instável para configurar o todo social, unindo em tribos os que compartilham interesses. A ideia de persona

como máscara modula de maneira tão instável quanto o sentimento, aliás, este sentimento de pertença é que dá forma à persona a ser incorporada.

Ao que parece, caminha-se em terreno sólido no qual brota o incerto, ou seja, permanência e incerteza caminham lado a lado, nas palavras do autor: “[...] a comunidade „esgota” sua energia na sua própria criação. O ritual, na sua repetitividade, é o indício mais seguro desse esgotamento” (MAFFESOLI, 1998, p. 25). Assim, a prática como elemento estável, terreno sólido, propicia o incerto que são as personas adotadas pelas identidades fragmentadas que assumem papéis diversos. É no sentido do coletivo que o grupo inscreve sua marca no território em que está fixado, isto é, a partir de práticas costumeiras. Os papéis assumidos pelos que constituem o grupo se articulam de maneira intercambiante no desejo de estar junto sem qualquer outro fim.

Diante do exposto, nas tribos não há apenas a partilha de sentimento, mas, sobretudo, de um território, simbólico ou físico, dessa forma a ética de grupo entendida como empática, e não moralista, permeia e dá sustentação ao grupo estabelecido no território. A referida ética não pode ser entendida como moral imposta, uma vez que o foco está na união por afinidade, ou seja, regida pela lógica da fusão por sentimento comum, e é nesse sentido que a ética opera. Sendo assim, não havendo afinidade ou empatia o sujeito não se agrega, são os sentimentos vividos em conjunto que elaboram uma moralidade diferente: a experiência ética.

O tribalismo imbuído das comunidades emocionais visa estar junto e, por fim, opera em oposição às instituições, visto que estas, incrustadas na sociedade, visam à história futura, isto é, uma finalidade. Já a comunidade parece investida de um certo hedonismo que quer apenas compartilhar sentimento em agrupamento. Em outras palavras, a comunidade basta em si, vale-se, então, do presenteísmo. Na cultura digital, a ideia de compartilhamento em tempo real colabora nessa perspectiva. O espaço em que se formam as tribos são os espaços onde é possível a socialidade, o espaço evoca as personas que constituem a tribo.

Portanto, a experiência ética através da empatia dá corpo à comunidade emocional, e por esta é modulada; trata-se do sentir caracterizado pela estesia ou sensibilidade, o qual o autor intitula de aura estética, que é responsável por constituir a relação ética. Portanto, a experiência ética é construída pelo sentimento em comum, ou seja, pela aura estética de uma tribo. As diversas formas de agrupamentos fazem oposição às instituições, uma vez que por serem constituídas de natureza orgânica e complexa fogem à racionalidade própria das organizações societárias. Para o autor, a perspectiva contratual e mecânica, inerente às instituições, tem sua existência sujeita à aderência por vontade e intenção dos sujeitos que a constituem. Já a abordagem sensível e orgânica existe por um sentimento comum a todos, e

nesse sentido tem maior garantia de existência na sociedade contemporânea. Em outras palavras, quando Maffesoli (1998) discorre que a paixão social é um dado incontornável inerente à nebulosa afetual, significa que não há coerção ou intenção para agregar como costuma ser nas instituições.

No fluxo dessas ideias, o imaginário coletivo afeta, no sentido de contaminar, mais que a coerção exercida pelas racionalidades das organizações sociais. O sentir conjunto denominado de aura estética regula a ética - experiência ética - que opera como elo estruturador do grupo que, por sua vez, é permeado pelos costumes.

No livro *A ética da autenticidade*, Taylor (2011) comenta acerca dos três mal-estares que acompanham a contemporaneidade: o individualismo que sugere a possibilidade de fuga das antigas morais impostas, assim tem-se o enfraquecimento dos horizontes morais, no sentido de que cada qual deva forjar-se em prol de si mesmo em detrimento das morais que poderiam reger o coletivo; a ênfase dada à razão instrumental, ou seja, grande valorização em relação à maneira como são calculados os meios para se chegar a um resultado, em suma, são os determinismos e, nesse contexto, são buscadas soluções tecnológicas para tratar riscos, a relação custo- benefício é o que prevalece; e a vida política enfraquecida como resultado dos dois primeiros, quando se tem a perda da liberdade.

Taylor (2011) não propõe solução ou resposta objetiva quanto aos problemas que expõe, deixando claro que se trata de discussão mais complexa. No entanto, coloca algumas problemáticas que se desdobram a partir dos mal-estares expostos. O autor ainda indica que essas ideias se tecem em contraponto à sociedade anterior estabelecida com base em estruturas mais rijas. Antes era necessário obedecer a uma ordem hierárquica, que ao cair em descrédito na modernidade deu origem à liberdade. O que restringia a liberdade individual era a necessidade de obediência às ordens superiores. Estas, por sua vez, davam sentido ao mundo e às relações, portanto, a obrigatoriedade de seguir tais ordens não permitia um forjar-se original, autêntico. Com a queda dessa hierarquia surge o indivíduo atomizado, buscando a autorrealização fechado em si mesmo.

O individualismo desdobra-se para a autorrealização. Diante da ênfase dada ao *self*, as questões que o transcendem, como as que se concentram nas questões políticas, religiosas ou históricas são ignoradas, ou relegadas a segundo plano. Quando Taylor (2011) recorre ao conceito de desencantamento do mundo em que há perda de significado no que concerne ao coletivo.

Nesse sentido, a moral se torna subjetiva, assim, o que se sucede é um descrédito quanto às ordens morais e à vida social que eram antes, nas sociedades tradicionais,

referências para a vida em sociedade. Segue, então, o que o autor denomina relativismo suave, em que cada qual tem o dever de ser si mesmo e, em decorrência disso, os debates acerca dos ideais que poderiam orientar a vida em coletivo são desarticulados. “Parece verdadeiro que a cultura da autorrealização levou muitas pessoas a perderem de vista as preocupações que as transcendem.” (TAYLOR, 2011, p. 24). O autor manifesta a ideia de apatia política e, assim, o que se tem é a vida política enfraquecida. Ou o que Maffesoli chamou de autorreferência popular, quando: “[...] a massa não mais apresenta interação com os governantes, ou ainda, quando a *potência* se dissocia completamente do poder, assistimos à morte do universo político e à entrada na ordem da *socialidade*.” (1998, p. 68). Mas, aqui, a subjetividade atomista já está superada, pois a dissolução do indivíduo se faz ao integrar-se às tribos.

Para Taylor (2011), há uma moralidade subjetiva que coloca em descrédito as ordens morais, as forças externas. Então, são banidos do debate os ideais de conduta para uma boa vida no todo social já que se privilegia a autorrealização, ao sugerir que cada qual deva ter a liberdade de escolher para si o melhor caminho, sua própria opinião. O padrão moral está intrinsecamente ligado ao padrão de desejos. Nessa direção, quase nada se discute para fugir de imposições, portanto, silencia-se em favor da liberdade de escolha individual e do hedonismo contemporâneo que enaltece o presenteísmo.

A razão instrumental vem corroborar a liberdade individual de escolha valendo-se da tecnologia para saciar tal demanda, como é o caso de serviços que estão cada vez mais segmentados visando atender cada nicho de público e seus interesses em particular. A ciência e o mundo estão à disposição para atender os desejos das pessoas. Nesse sentido, o respeito à subjetividade também silencia os debates a respeito da vida boa para o coletivo. A esse fenômeno, o autor intitula de cultura da autenticidade em que impera o liberalismo da neutralidade, sendo preciso respeitar as opiniões e condutas, nada mais se discute para não perturbar a escolha de cada um. Ou seja, faz-se necessário respeitar os meios que conduzem à autorrealização que, por sua vez, leva à autenticidade em que é possível cada um fechar-se na sua unicidade original. Assim, um ideal moral acerca da autenticidade se vê enfraquecido na contemporaneidade, na qual o individualismo se afirma em nome da autorrealização.

Ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir. Ao articular isso eu também me defino. [...] Essa é a compressão por trás do ideal moderno de autenticidade e dos objetivos da autorrealização e autossatisfação nos quais são usualmente expressos. Esse é o pano de fundo que confere força moral à cultura da autenticidade, incluindo suas normas mais degradadas, absurdas ou triviais. É o que dá sentido à ideia de „fazer suas próprias coisas” ou „encontrar sua própria realização”. (TAYLOR, 2011, p. 39).

Portanto, as motivações não costumam se apoiar em ideais morais. “O que estou sugerindo é uma posição distinta tanto dos incentivadores quanto dos críticos da cultura contemporânea [...], penso que a autenticidade deveria ser levada a sério como um ideal moral.” (TAYLOR, 2011, p. 32). No entanto, a moral que obedecia às condutas que levariam ao bem eram antes conduzidas por forças exteriores, como as divinas ou sociais, agora passa a ser gestada dentro de cada qual, ou seja, a fonte da moral está localizada no interior de cada pessoa; é dessa forma que a noção de moral se estrutura na contemporaneidade. Diante disso, a liberdade individual é enaltecida, pois não tem como base forças exteriores, a liberdade não aceita imposições, ela se estrutura dentro de cada pessoa. Entretanto, como solução, ele propõe que pela troca dialógica pode-se encontrar no individualismo um ideal moral ou um padrão do que se deve desejar.

Todavia, para Maffesoli (1998), os sujeitos quando organizados em tribos passam pela desindividualização em prol do laço social que une por sentimento em comum, em suma, o querer estar junto. Assim, o sujeito abdica da ideia de indivíduo impenetrável e indivisível para agregar à uma certa tribo. Nesse sentido, a autorrealização parece se fazer quando esse sujeito de identidade fragmentada se integra a tribos diversas e diversificadas, visando satisfazer os desejos fragmentados e diversificados que compõem a si mesmo. A própria tribo tem em seu cerne a ética regida pelo sentimento comum, que, como dito, não obedece à moral exterior.

Isto posto, as pessoas se definem com base nas trocas com o outro, condição a que Taylor (2011) denomina dialógica, uma vez que se perfaz em diálogo. Logo, a ideia de indivíduo como átomo fica abalada já que para forjar a si é preciso antes elaborar a si com base no exterior, naquilo que é significativo tanto para si como para o outro, eis aqui a ideia de reconhecimento. Portanto, para forjar-se há identificação com e no outro. Pela troca dialógica, as preferências são acolhidas no interior de cada um. “A autoescolha como ideal faz sentido apenas porque algumas questões são mais significativas que outras.” (TAYLOR, 2011, p. 48).

Assim, não é qualquer escolha que produz a autenticidade, ela está intrinsicamente ligada ao valor que é conferido as coisas escolhidas, isto quer dizer que horizontes são dados. A autenticidade, portanto, deve se estabelecer com base em demandas que transcendem o *self*, do contrário, “[...] esse autoencarceramento é autoestultificante; destrói a condição na qual o ideal pode ser realizado.” (TAYLOR, 2011, p. 49). Os laços com os outros não podem ser negados porque na troca dialógica é que as personalidades se constituem e, além disso, a

necessidade de reconhecimento é fator crucial no relacionar-se. E para Maffesoli (1998), é no reconhecimento que surgem as tribos.

Com a queda das hierarquias sociais, os lugares em sociedade não são mais pré-determinados, o que impulsionou a cultura da autenticidade em grande medida, já que os modos de ser e estar não são determinados socialmente, devendo ser gestados interiormente. Com o avanço da democracia, as pessoas passam a ser reconhecidas em termos igualitários socialmente. Diante disso, a relação com o outro se faz necessária, pois nesse processo a autodescoberta e autoconfirmação saciam a cultura da autenticidade.

Na cultura contemporânea da autorrealização, é dada ênfase à ideia de que todos têm o direito e a capacidade de serem eles próprios, assim, é vedado o direito de crítica ao outro. Aos relacionamentos íntimos e, principalmente, os amorosos se costuma disseminar a ideia de que através deles é possível a autodescoberta e a autorrealização. Logo, o que se entende por vida boa não está:

[...] em alguma esfera superior, mas no que quero chamar de „vida ordinária”, isto é, a vida de produção e da família, do trabalho e do amor. Não obstante, ela ainda reflete outra coisa que importa aqui: o reconhecimento de que nossa identidade exige reconhecimento dos outros. (TAYLOR, 2011, p.52).

A vida profissional e pessoal se mesclam em busca do forjar a si mesmo que seja autêntico. A identidade antes era tida como honra, no antigo regime, em que cada um tinha seu lugar pré-determinado na hierarquia e, portanto, tem-se aqui um sistema de desigualdade. Na modernidade, a maneira como se constitui a identidade se modifica. A honra que determinava os lugares de cada qual dá lugar à ideia de dignidade, que é compatível com o sistema democrático no qual o reconhecimento igualitário é fundamental.

Sendo assim, na cultura da autenticidade, surgem alguns embates, pois, concomitantemente ao universalismo da igualdade que reconhece direitos iguais a todos, surge a política da diferença que se embasa no princípio da equidade, que ao reconhecer as diferenças requer tratamentos diferenciados respeitando as peculiaridades. Ambas se chocam em seus princípios, o universalismo da igualdade critica a política da diferença por julgá-la discriminatória, e esta última critica a primeira por ter princípio homogeneizador não respeitando as diferenças. Entretanto, apesar de se projetarem por vieses diferentes, ambas se apoiam em políticas de inclusão. Esta ocorre incluindo por direitos iguais, a política de igualdade, ou pelas particularidades, a política da diferença.

Taylor (2011) propõe, então, a ética da autenticidade como caminho de superação, que tem por princípio a criação da identidade pela originalidade como dever moral de ser fiel a si

mesmo, ao mesmo tempo em que tem como dever a moral de reconhecimento com e do outro. Portanto, o autor sugere um ponto intermediário em que haja possibilidade de manter a liberdade individual sem deixar de reconhecer o outro, inclusive para a formação de si. Nesse contexto, a liberdade e as diferenças podem ser respeitadas, promovendo meios para que os debates possam ser novamente articulados. Nesse sentido, sob a perspectiva de Maffesoli (1998), as pessoas integram às tribos por afinidade.

Isto posto, Taylor (2011) faz uma crítica às doutrinas de desconstrução que costumam enfatizar a natureza criativa, mas ignoram que a autoconstrução se faz pela dialogicidade, ou seja, no reconhecimento com outro e com os “horizonte de significados (visto que de outro modo, a criação perde o pano de fundo que pode salvá-la da insignificância).” (TAYLOR, 2011, p. 73). Em suma, a autocriação não opera aleatoriamente ou de forma atomizada no indivíduo, como não há também total cerceamento em autocriar-se. A criação de si atua pela dialogicidade com o mundo e, a partir disso, há escolha por afinidade.

Com relação às ideias de controle total que a razão instrumental operaria para com a sociedade contemporânea, Taylor (2011) propõe uma posição intermediária. Quanto à tecnologia, o autor traz a reflexão acerca das diferentes maneiras de viver a tecnologia e, portanto, segundo ele, vê-la como uma jaula de ferro não parece uma afirmação sustentável, inclusive é demasiado simplista.

Seja como fruto do Iluminismo em que a razão é enaltecida, isto quer dizer, a ideologia que reforça a razão desengajada das emoções que empurra o sujeito para o atomicismo, para Taylor (2011), o pensamento carece da emoção, do simbolismo cultural e dadialogicidade. E, assim, na cultura contemporânea é mais fácil:

[...] pensar em nós como razão essencialmente desengajada. Isso explica porque tantas pessoas acham pouco problemático que devêssemos conceber o pensamento humano no modelo do computador digital. Essa autoimagem é realçada pelo sentimento de poder que acompanha uma apreensão desengajada das coisas. (TAYLOR, 2011, p. 103).

A demasiada importância concedida à razão faz isolar o sentimento, como se este não tivesse força, sendo dominado pelo primeiro. A ideia de sentimento se enfraquece, e ideias acerca da humanidade como puro intelecto ganham destaque, e passam a se popularizar. Por conseguinte, há vários fatores operando em favor da razão instrumental, da razão desengajada. Entretanto, no cerne de sua constituição moral, há meios de resistência, uma delas é a propagada ideia do dever moral da ciência, ou seja, a ideia de que a ciência pode trabalhar em favor da vida a fim de aniquilar sofrimentos humanos, por exemplo. O debate enfurecido

contra ou a favor da tecnologia enfraquece outras formas de abordá-la ou até de empregá-la a favor da humanidade. Trata-se aqui dos serviços de vocação fáustica a que se referia Sibilia (2015), tratado no capítulo anterior, serviços que propagam com frequência a ideia de vida como informação e que utilizam também amiúde analogias entre o ser humano e a máquina.

O autor propõe reconhecer a importância da tecnologia e empregá-la sob a ética do cuidado. “Tecnologia a serviço de uma ética da benevolência para com pessoas de carne e osso.” (TAYLOR, 2011, p. 106). Torna-se evidente que a problemática central quanto ao dever moral da tecnologia fica exclusiva do debate, e o escopo recai sobre a questão de como a tecnologia procura ter controle das massas cerceando as liberdades ou em nome do progresso mundial, isto quer dizer que enquanto uns a enaltecem, outros querem dizimá-la.

Apesar da sociedade moderna empurrar a humanidade para o atomismo e instrumentalismo, no campo ideológico, conforme o autor, ainda existem vários pontos de resistência quanto a isso. A consciência comum acerca de um tema é o que daria cabo da fragmentação, a fim de gerar uma resistência efetiva quanto à razão instrumental, já que “[...] os mecanismos de inevitabilidade funcionam apenas quando as pessoas estão divididas e fragmentadas. A situação se altera quando surge uma consciência comum.” (TAYLOR, 2011, p. 101). No Brasil, foi possível assistir uma situação em que a tecnologia trabalhou em favor de uma causa. Os estudantes da escola Fernão Dias Paes em São Paulo conseguiram, via plataformas digitais, mobilizar um grande número de pessoas em prol da causa: Não fechem minha escola. Quando a Secretária da Educação de São Paulo anunciou em 2015 o fechamento de 94 escolas públicas. Os estudantes, nessa ocasião, por meio das redes sociais começaram a divulgar o problema que vinham enfrentando quanto ao fechamento das escolas, em protesto eles ocuparam a escola e incentivaram outras unidades escolares a fazerem o mesmo. Como resultado, ao longo de alguns dias o número de escolas ocupadas excedia uma centena. Nesse contexto, o que Taylor quer revelar é uma alternativa de uso e abordagem das tecnologias e, no entanto, os discursos que vigoram estão comumente contra ou a favor delas.

4.2 A PROFUNDIDADE DAS APARÊNCIAS E PROXEMIA

A tecnologia colabora para a criação das tribos nos meios digitais como ocorre nas redes sociais, são as práticas no interior do grupo que funcionam como laço social do qual fala Maffesoli (1998). No caso do espaço digital, as postagens fazem esse papel, são os costumes que alimentam o imaginário coletivo e dão corpo à aura estética fazendo o grupo existir. Sobre o costume:

Trata-se quase de um código genético que limita e delimita a maneira de estar com os outros muito mais do que poderia fazê-lo a situação econômica ou política. É neste sentido que, depois da estética (o sentir comum), e da ética (o laço coletivo), o costume é, seguramente, uma maneira de caracterizar a vida quotidiana dos grupos contemporâneos. (MAFFESOLI, 1998, p. 31).

Num espaço público imbuído de carga simbólica operam os costumes que esculpem fortemente o imaginário coletivo, uma vez que são estes que concretizam e atualizam a experiência ética. Tal conceito trazido para a realidade digital desperta a reflexão sobre as postagens que, enquanto costumes rituais, inundam as redes dando formas às auras estéticas pelos sentimentos que emanam. Em consequência, dão vida aos grupos, estabelecendo a experiência ética em que o laço coletivo se efetiva pela empatia.

Em suma, a dinâmica da comunidade emocional proposta por Maffesoli (1998) se dá na tríade: aura estética composta pelo sentimento compartilhado que agrega, e a partir daí a experiência ética se estrutura criando os laços que sedimentam o grupo, que é, então, permeado pelos costumes que concebem a permanência e a existência da comunidade. Para dar corpo ao grupo, hoje não se recorre somente ao espaço físico, mas, sobretudo, ao ciberespaço, pois é neste que o cotidiano se efetua quando se trata de tribos no espaço digital, porém, ainda é preciso entender melhor como se aglutinam.

Para compreender a pós-modernidade, é necessário dirigir o pensamento a outras vias que o próprio objeto estudado exige. Nesse contexto, Maffesoli (1996) faz uma crítica ao racionalismo científico que impera. Este dificulta a análise das atuais conjunturas, pois estas requerem modos distintos de pensamento. O autor adota a fenomenologia compreensiva por ser mais adequada para estudar uma cultura nascente, que é por natureza instável e de estrutura orgânica, fugindo dos moldes da racionalidade. Trata-se de uma crítica ao ideal do século XVIII, que resiste ainda hoje, de que a verdade das coisas está por trás do que aparentam ser. Aqui a crítica de Maffesoli (1996) é enfatizada por Taylor (2011) no que diz respeito à demasiada importância dada à razão instrumental, ou seja, à razão desengajada em que o sentimento é desvalorizado. Tal ideal se refere a necessidades de olhar mais de perto, de perceber para além do que se vê. O autor critica a obsessão pela busca da verdade, de que tudo o que é aparente pode ser ilusório e, para sanar tal engodo, deve-se buscar a verdade que está por detrás das ilusões: “Tão poderoso é o fantasma da autenticidade, tão enraizada está a preocupação intelectual de procurar a verdade além do que se vê.” (MAFFESOLI, 1996, p. 125).

Desse modo, o autor atribui novo valor às imagens sociais e discorre acerca da forma. De como ela se estrutura e como dá corpo ao conjunto social, como numa obra de arte é

possível desvelar um sentimento que emana da imagem pelas formas ali representadas. Acontece que as imagens que se dispõem não podem ser compreendidas como um veredicto, já que na contemporaneidade a dinâmica e o movimento se fazem presentes de maneira nunca vista. Portanto, as imagens que se formam e formam o todo social obedecem aos desígnios da contemporaneidade, marcados pelas ideias de presenteísmo e movimentos que resultam em *status* instável, movediço e fugidio.

As imagens sociais tomam forma no estar junto e pelos costumes praticados em grupo que dão coesão e contorno ao grupo. Para falar de forma, o autor se apropria do neologismo: formismo. Nesse contexto, a forma é formadora e está estreitamente ligada à força interior do grupo que, por sua vez, promove a forma exterior. A imagem não é una e imutável, ela se difrata, dá forma e é fonte formadora. Em contraponto às ideias pela busca da verdade para além da aparência, Maffesoli (1996) fala sobre a importância do que está no exterior a partir da analogia da pele, que é a detentora da aparência dos corpos e passível de modificações, até pelo passar do tempo que independe do querer.

Logo, “[...] o formismo permite apreender, ao mesmo tempo, o aspecto aleatório e, concomitantemente, a coerência profunda da existência social.” (MAFFESOLI, 1996, p. 128). A pele, que é vulnerável aos fatores externos a ela, também tem em seu interior forças que lhe modificam. O corpo social tem natureza orgânica, cambiável, mutante, vulnerável aos fatores externos e próprios dele mesmo, como é o caso da pele. O que aparece ou o que é externo tem papel crucial no funcionamento do corpo social, sendo tão importante quanto o que há dentro.

Por conseguinte, o mundo das imagens é tido como fonte da força vital dos conjuntos sociais que não se estruturam apenas por forças exteriores e dominantes, mas por força imanente, tem lógica interna. Assim, a ideia de forma formadora reside na concepção de que “[...] existe um ambiente geral que serve de agente revelador das imagens particulares que constituem a vida cotidiana [...]” (MAFFESOLI, 1996, p. 130). Em outras palavras, são os costumes e as práticas rotineiras que resultam em imagens da vida cotidiana, imagens que compartilhadas dão tom ao aspecto geral do social e do cotidiano particular.

De tal modo, os objetos materiais, o mundo natural, e os imateriais, do mundo das representações, em interação resultam na forma que se apresenta por meio do conjunto social. Dessa maneira, captar as formas que se dão pela aparência mostra-se como uma maneira eficaz de compreender a sociedade, e por isso o autor se utiliza da metáfora da pele e propõe: a sociologia da pele. Por forma, entende-se o conjunto de contornos que se metamorfoseiam, não no sentido continente, mas no sentido de como se expõe, pela estética, aparência ou

plasticidade. Daí a importância de observar o comportamento das tribos em ambiente digital, detectando e compreendendo os costumes como forma formadora.

A imagem é o meio de agregação entre as tribos nas megalópoles contemporâneas que preenche o cotidiano mediante o compartilhamento via mídias, pela moda, pelo turismo e lazer. É nessa perspectiva que o autor chama a atenção para a profundidade que se estabelece na aparência. Como a argila ao ser modelada ao receber cada toque com mais ou menos pressão, ela deixa de ser aquilo que era há poucos instantes. Para além dos contornos que recebe ao ser modelada, a argila sofre outras mutações próprias de suas estruturas internas, resseca ou racha, por exemplo. Assim, o cotidiano tratado como banalidade muitas vezes é o que dá forma, constitui o efêmero em constante devir, constância que se traduz em eternidade, ou nas palavras do autor: dinamismo estático. O cotidiano por sua repetição inscreve sua marca na dinâmica social (MAFFESOLI, 1996).

As formas que se constituem no devir pela força das práticas do cotidiano vão sofrendo mutações, eclodem e dão tom a uma época, entretanto, novas formas se reestruturam a partir das anteriores. Portanto, alguns enunciados sobrevivem e se metamorfoseiam. São as contaminações que se dão pela comunicação e proximidade. A ênfase na forma é tratada pelo autor como uma forma de compreensão do todo social, observando-o pelo que ele é sem intenção de julgamentos, ou seja, subverter o olhar para que ele possa “[...] apreciar cada coisa a partir de sua própria lógica.” (MAFFESOLI, 1996, p. 143). Para cada cultura há uma lógica própria, uma *autopoiese*.

As imagens são fundadoras e por meio delas os grupos se estruturam para dar corpo ao espírito de uma época (Zeitgeist) que, por fim, emana sua forma por imagens de si mesmo. Nessa conjuntura, toda a sorte de objetos materiais é vista como projeção do mundo imaginal, e por isso emana o imaterial que provém do mundo das representações. No espaço onde se efetuam as práticas cotidianas de caráter litúrgico, ritual, modula-se a forma que partilhada constitui a sociedade, logo, a forma tem função agregadora. O corpo individual e social nas suas diversas aparências dá suporte para a concatenação de toda a vida social. O imaterial - o mundo das representações - irá modelar a materialidade que, por sua vez, inscreve-se nos modos de ser e estar no mundo. Disso, pode-se compreender que o imaterial se difrata no material e vice-versa.

O corpo como aparência se torna um dado que se deixa ver e comunica, dá forma, cria um imaginário social. A estética, sempre entendida como o sentir em comum, emana do corpo como dado comunicacional e serve de cimento social, com função erótica no sentido do desejo de agregar. Assim, a estética traz a pessoa para um ambiente comum, práticas comuns,

para que ela possa perder-se no todo social. E, nesse caso, o indivíduo fruto da modernidade, uno, estável e homogêneo, deixa de fazer sentido na pós-modernidade.

[...] os jogos da aparência inscrevem-se num vasto sistema simbólico, cujos efeitos sociais estão longe de ser desprezíveis. Pode-se até pensar que o ambiente comunicacional, cada vez mais predominante na pós-modernidade, seja apenas a modulação atual desse sistema simbólico [...]. O corpo em espetáculo sendo causa e efeito de comunicação. (MAFFESOLI, 1996, p. 165).

O ambiente comunicacional em destaque hoje é o digital, nele atua a forma formadora que ao propagar-se via redes torna-se visível. Nessa circunstância, a visibilidade dá possibilidade de comunicar. O que se torna visível por proximidade afeta no sentido de gerar contaminações, quando o sentir em conjunto ou a estética tem a habilidade de agregar em tribos. Todavia, é a partir da aparência que todo o processo é desencadeado, o corpo em espetáculo se torna visível, comunica, gera sentimento comum aos que têm contato ou estão próximos daquilo que se mostra e, por fim, agrega. Em síntese, a forma, a aparência, é formadora possibilitando outras formações por agregação. A aparência é, portanto, fator de agregação social ou nas palavras do autor “[...] o „invólucro” é o elemento motor da erótica social.” (MAFFESOLI, 1996, p. 166).

A vida social só é possível imersa em simbolismo que, por sua vez, efetua-se pela aparência - a visibilidade manifesta do querer estar junto. Assim, muitas vezes os grupos criam para si sistemas simbólicos que fazem sentido apenas aos que pertencem ao conjunto, como é o caso de símbolos gráficos, ou imagens pictóricas que representam a aglutinação de pessoas em torno de um sistema simbólico, e de práticas que se concretizam pela estética. A cruz faz referência ao cristianismo, por exemplo. Em torno desse símbolo gráfico comungam uma variedade de valores. Entretanto, aliadas aos símbolos gráficos ou imagens pictóricas estão também as práticas cotidianas, que a partir da execução ritualística se faz ver. A visibilidade dos modos de ser agrega por contaminação ao propagar-se e comunicar, proxemia.

Com base nessa linha de pensamento, observa-se que a moda é reflexo de um dado período, já que através de características imagéticas delata os costumes de uma época. Logo, no desdobrar de acontecimentos o que há de permanente é a mudança. A contemporaneidade detentora de forma mutante embasada no presenteísmo dilacera o indivíduo da modernidade. Acerca dos grupos, Maffesoli (1996, p. 171) resume: “[...] não são eles justamente essas reuniões proxêmicas, afetuais, que através de um vestuário comum lembram que formam um conjunto onde tudo (todos) junto cria (criam) corpo?”. O corpo aqui pode ser entendido no

processo a seguir: nas redes sociais a aparência de determinada comunidade passa a ser reconhecida por meio da visibilidade efetuada pelas práticas, postagens, imagens que vão engendrar a forma, que também é formadora.

Quando a ideia de corpo, o todo, prevalece, então, a ideia de indivíduo perde força e, de maneira similar, o comunitário toma lugar das instituições. Em lugar das funções do indivíduo vem o corpo atuar por meio de práticas, tais quais: o vestir-se, uso de vestimentas, ou despir-se, o *nudes*, que encontra sua fonte nas imagens propagadas pelo coletivo. Cada revestimento do sujeito, ou aparência encenada, refere-se aos costumes e a um modo de ser e estar no mundo. Na alteridade se forjam as diversas maneiras de existir refletidas na aparência. A partir do contato com essas variadas formas é que o sujeito encontra abrigo no grupo, quando se reconhece e é reconhecido, encontrando parceiros e aliados. Sendo assim, a aparência tem papel fundamental no que diz respeito ao sentimento de pertença, tendo função erótica no sentido de atração e agregação social.

A pessoa que se agrega às tribos o faz vestindo a máscara que melhor lhe representa em distintos momentos, conforme os grupos. Trata-se de um relativismo próprio da contemporaneidade. “No caso, esse relativismo permite dizer que há um „corporeísmo” ambiente, e, no interior desse, cristalizações particulares, pontuais.” (MAFFESOLI, 1996, p. 180). Nesse sentido, as formas que a pessoa incorpora são intercambiantes, apontando idiossincrasias da contemporaneidade. A alteridade como originalidade e autenticidade, abordada por Taylor (2011), é acomodada no interior das tribos.

Para se referir à identidade, Maffesoli (1996) sinaliza a necessidade de pensá-la nos tempos atuais não mais como unidade no indivíduo, mas sim apreendê-la a partir de uma lógica de identificação que opera nas pessoas. Tal identificação se dá no contexto da denominada nebulosa, que faz referência à convergência de um misto de elementos que não se define nitidamente, mas se une por convergência. Desse modo, à medida que o indivíduo cede lugar à pessoa, a identidade que emanava de um grupo agora é entendida como nebulosa, pois: “[...] consciente desse caráter lábil e, portanto, da dificuldade de captá-lo, que pretendo propor aqui uma descrição provisória, e que, à imagem de seu objeto, apresentar-se-á em forma de uma nebulosa.” (MAFFESOLI, 1996, p. 302). Na esteira dessas ideias, a identidade desliza à identificação. O caráter fugidio desta era induz às descrições provisórias. A fixidez só toma forma no que concerne ao estabelecimento de um fluxo constante de mudanças, isto é, o dinamismo estático.

A busca de normas para delimitar o comportamento humano, inerente ao racionalismo, instaurou a identidade para o indivíduo. O racionalismo tendo a mania de fixar fronteiras em

todas as coisas da vida e do mundo elaborou uma espécie de bolha que abrigava a identidade, nela colocou tudo que pudesse dar ideia de coerência e fixidez. No entanto, a construção do eu é frágil, pois na mobilidade e inconstância própria da contemporaneidade facilmente se elide, até porque se constrói nas experiências e situações do cotidiano. O eu se constrói pelo outro, nas relações cotidianas, ou seja, por todos os elementos que no processo de identificação infiltra-se no eu. O sentimento de pertença intrínseco aos variados grupos vai erigir o eu com toda a alteridade que possa suscitar.

O presenteísmo contribui para tornar o eu mutante, já que a sucessão de presentes ainda promove outras formações do eu. Em outras palavras, o eu vai tomando formas na sucessão de instantes, por isso seu caráter orgânico. Nesse panorama, a ideia de identidade se torna uma ilusão. No processo que se engendra a ideia de pertença nasce a concepção de pessoa imbuída de papéis a encenar: “Coisas que induzem um jogo de máscaras de acessos imprevisíveis e de atualidade evidente.” (MAFFESOLI, 1996, p. 310).

A pessoa, construída na e pela comunicação, vai incorporando as máscaras e participa das tribos. Hedonismo é característico da pessoa, pois dela disparam a imaginação, o sentimento, os sentidos, ou seja, potencialidades outras além da razão. O indivíduo fecha-se em si, a pessoa é aberta ao outro no desejo de fusão. O conjunto como resultado da fusão das pessoas constitui a tribo. No processo comunicacional se desencadeiam as diversas identificações que permitem à pessoa se apropriar das diferentes máscaras.

O eu social, para Maffesoli (1998), não se estrutura mais via instituição – indivíduo – sociabilidade, mas sim como tribo – pessoa – socialidade. O coletivo toma o lugar da unidade, a identidade é fragmentada e várias vozes falam *na* e *pela* pessoa. Hibridismo, polimorfo, fragmentado, movediço e fluidez são as palavras que descrevem o que se assiste na pós-modernidade. Essa mobilidade, soltura que dá meios de liberdade, reflete o desprendimento e descompromisso com os poderes.

A pintura impressionista pode ser uma boa analogia de pessoa apresentada pelo autor. Na obra “O nascer do sol” de Monet (1840–1926), pode-se apreciar uma paisagem, ao fundo o céu e o sol, um barquinho com uma figura humana solitária em meio à água. O conjunto de pinceladas sobrepostas mescla unidades cromáticas e o que se obtêm são outras unicidades cromáticas agora híbridas que, ao final, dão visibilidade à paisagem. As pinceladas dão unicidade visual, porém, o esverdeado da água nada mais é que o hibridismo das cores azuis e amarelo. As cores misturadas podem ser comparadas às personas que abrigam a pessoa, trata-se da identidade fragmentada. As pinceladas, também, transmitem sensação de movimento pela maneira como estão dispostas no espaço bidimensional. Essas sensações suscitadas pela

pintura impressionista, esse quase azul, quase verde, em movimento podem muito bem representar o cenário contemporâneo composto pelas pessoas em tribos.

A aparência pode dizer sobre uma época. Como no caso o impressionismo, que surgiu após a era industrial, uma época em que a noção de tempo sofria mudanças significativas. A ideia de movimento a partir das pinceladas que acomodam os traços pictóricos na tela remetem a esse modo de ser que se estabelecia, quando a forma é formadora. A obra do pintor delatava como era o modo de ser daquela época, que vinha se modificando no que se referia à movimentação no espaço, por exemplo, com o advento dos trens a vapor naquele século. Já as obras renascentistas, com suas pinceladas precisas, delatam a necessidade de racionalidade e precisão próprias da época. Por sua vez, a arte contemporânea traz inúmeras obras efêmeras como a da intervenção urbana “Monumento mínimo” da artista Néle Azevedo (1950-), em que pequenas esculturas de gelo em forma humanóide são distribuídas em espaços públicos. Fotografias da obra são formas de registrar a obra, e a efemeridade desta arte denuncia a fugacidade da contemporaneidade. Isto mostra como a forma, o material e o mundo natural que são as artes de época revelam o mundo das representações, o imaterial, o imaginário, conferindo forma ao conjunto social, a presença da forma formadora.

Sobre a acepção contemporânea, “[...] a complexidade remete ao processo interativo dos diversos elementos de um conjunto uns sobre os outros, interação que culmina numa organicidade performática.” (MAFFESOLI, 1996, p. 315). Aqui, a performance se trata da sucessão de presentes em que a comunicação e a interação imperam, evidenciando a importância do fator tempo.

Nesse contexto, talvez a ideia de inclusão esteja em voga, pois a alteridade é aceita, inclui-se ao invés de excluir, e as redes sociais têm papel crucial nesse fenômeno, ao se destacarem como as ferramentas de comunicar mais utilizadas na atualidade. Nelas, as pessoas podem vivenciar suas potencialidades usando máscaras em sua força total, quando se pode viver o lado sombra, antes recluso, como era denominado na modernidade e que agora no pós-moderno vem à tona e é amplamente aceito. Transitando entre as tribos digitais o que impera é o prazer de estar juntos. A estética -sentimento comum- opera pela proximidade nas redes digitais. A ideia de função que imperava na modernidade cede lugar à noção de pertencimento, ao sentir prazer pelo simples fato de estar junto. Hedonismo é uma idiossincrasia da era digital. No rastro das ideias propostas, estabelece-se a passagem do hábito de poupar e acumular bens materiais como tarefa penosa inerente à modernidade para outro hábito: o prazer de consumir, no dispêndio de serviços na pós-modernidade. As redes

sociais, o aqui e agora, isto quer dizer, o tempo real propõe essa lógica nas comunidades nos meios digitais, por exemplo.

Dos grupos emanam um ideal de identificação, um imaginário que atrai: “As figuras idealizadas suscitam um mecanismo de atração, uma estética, tendo como função ética a fascinação que elas exercem, como uma fonte luminosa suscita o que se chama laço social, bem incompreensível sem isso.” (MAFFESOLI, 1996, p. 328). Como resultado, a imagem, o imaginário e as ideais que emanam do grupo são os meios que geram identificação pela comunicação, de modo que as pessoas se disponham a formar tribos, estruturando a sociedade. Muitas vezes um polo idealizado, como celebridades e personalidades conhecidas, fará esse papel. O objetivo final é o estar junto pela identificação, em torno de um herói que suscita um ideal com o qual as pessoas concordam num determinado território simbólico a proteger ou apoderar-se. O chefe, herói ou guru é necessário, mas é relegado a segundo plano quando a aglutinação predomina.

O espaço simbólico onde as pessoas em tribo se aglutinam é pleno de carga emocional, fazendo alusão a um tempo no qual experiências foram vivenciadas. É nesse sentido que o espaço é reconhecido como marca de um tempo, de uma tribo, com tudo que dele emana. Inclusive simboliza um fragmento do eu que pertence àquele espaço e que comunga ou algum dia comungou junto a tantos outros fragmentos. A fusão pela identificação quer congelar o tempo, tornar eterno em lembrança, tornar anódina a efemeridade valendo-se da nostalgia. Aqui não se despreza o antigo.

A fim de manter a perdurância societal, ou seja, a resistência das massas constituída pelos diversos grupos, Maffesoli (1998) denomina potência essa força que resiste e que se opõe aos mecanismos que querem controlá-la. Apoiando-se na dicotomia de dois períodos, óptico e tátil, sendo o segundo aquele em que se está imerso, o autor desenvolve algumas ideias que merecem atenção. O período óptico se refere ao momento em que se procurava um distanciamento, no qual eram elaboradas teorias. No entanto, o atual período denominado tátil se estrutura com base na proxemia, quando há um deslocamento do global para o local. Portanto, as referidas organizações em tribos escapam ao poder que lhe é exterior e, em contrapartida, têm em seu poder a potência subterrânea, que move e possibilita a sobrevivência das comunidades em multiplicidade. Nesse contexto, há uma crise de poderes: “[...] é esta oposição entre o poder extrínseco e a potência intrínseca que precisamos pensar com rigor, e que é a tradução sociológica da dicotomia estética (óptica-tátil).” (MAFFESOLI, 1998, p. 47). O distanciamento se desloca para a aproximação. Trata-se da potência subterrânea ou intrínseca de que fala o autor, algo que os poderes exteriores são

incapazes de abalar. A força intrínseca opera como força mantenedora, dito de outro modo, é a vitalidade dos grupos. É a perdurância societal que não os deixa sucumbir. Logo, em lugar da saturação do político surgem as formações em tribos como resistência.

A alteridade acolhida pela contemporaneidade é a chamada “harmonia conflitual” que corrobora para a “perdurância societal”. As tribos se organizam contra o que está dado, desafiando os poderes, mantendo sua força vital pela potência intrínseca que as protege. Afinal, há dentro do grupo um modo de ser que não pode ser gerido por forças exteriores a ele, eis aqui a resistência de caráter intransponível para a infelicidade daqueles que desejam submeter tais tribos aos seus domínios. Ademais, a natureza da potência subterrânea surpreende tais poderes ao se reinventar escapando às capturas, num eterno devir que visa à autopreservação. E, assim, orgânica, escapa a delimitações, discriminações, e na sua imperfeição não aceita sentença que a defina, que como a própria expressão diz de- finir, dar fim, exterminar, e isto é tudo que a potência subterrânea propõe com êxito, impossibilitar.

A proximidade das tribos se perfaz pela ritualização dos costumes, idiossincrasias que possibilitam a sua manutenção. Na perspectiva mística proposta pelo autor, a efervescência tribal encontra sua força ao perder-se no grande todo, daí seu caráter fugidio. O tribalismo, fundado no espírito de religião (re-ligare) e no localismo (proxemia e natureza), permite imunizar tais comunidades das influências do controle tecnológico que procuram impor regras, como é o caso de algoritmos que bloqueiam a postagem de nudez nas redes sociais e, então, os usuários ignoram tal regra driblando o mecanismo. Acontece que a ênfase é dada ao sentimento partilhado, em prejuízo das regras ditadas, a depender da aceitação ou não das subjetividades que integrarão os costumes das tribos, ou seja, é necessário o aval da tribo para aderirem ou não aos ditames que vem da força extrínseca. É nesse sentido que se denomina o todo de divino social, por sua natureza em que detém suas próprias diretrizes com vistas a conservar-se, lembrando que não está ao alcance dos poderes delimitá-lo.

Na harmonia conflitual em que a alteridade se acomoda, é possível aferir que este fenômeno precede a estruturação social em instituições, precede a civilização, pois a reunião de pessoas em grupos é natural desde a antiguidade da humanidade. A massa tem sua vida interna composta de “eus” sobrepostos, compartilhando experiências que promovem a perda do eu uno e não divisível – o indivíduo- no grande todo. Nessa conjuntura, a civilização ou as convenções com pretensão de classificá-la e segregá-la à luz do *modus operandi* nascido no iluminismo não têm êxito, pois são mecanismos insuficientes, uma vez que atualmente prevalece a era das tribos, e nessa lógica a massa é autossuficiente na multiplicidade de nós (os muitos “eus”), que convivem em proximidade, em harmonia conflitual. “Nesses

momentos cria-se uma „alma coletiva” na qual as atitudes, as identidades, e as individualidades se apagam.” (MAFFESOLI, 1998, p. 93). Eis aqui a dissolução da subjetividade atomista, preocupação maior de Taylor (2011).

No rumo da heterogeneidade que compõe a harmonia conflitual das tribos, dentro de cada sujeito pode haver uma infinidade de papéis que passam a ser incorporados pela pessoa enquanto persona (MAFFESOLI, 1998). Entretanto, um determinado modo de ser que parece individual está efetivamente inserido no sistema simbólico de determinada agregação social conformando uma memória coletiva, ou o espírito de um tempo, trazendo à luz o eu que é certamente constituído de nós. A partir dessa premissa, é possível compreender a existência de práticas semelhantes por toda a superfície terrestre num dado espaço de tempo. Em outras palavras, trata-se do espírito de um tempo ou a nebulosa afetual que envolve as massas, quando a sociabilidade dá espaço à socialidade. Nessa ambiência da massa ou a nebulosa afetual, o indivíduo sob a perspectiva social que exercia sua função num grupo estável, dá lugar à persona que encarna diferentes papéis nas diversas tribos que, por ventura, participa, ilustrando o afrouxamento de fronteiras.

A partir das personas incorporadas são elaboradas as imagens, aparências que, assim como os costumes, configuram laços com função de agregar às tribos, nesse cenário a nebulosa afetual ou aura estética toma forma. Esse jogo teatral se estabelece de forma a reafirmar a comunidade, é o que se assiste na contemporaneidade por meio do culto aos corpos, e da emergência significativa das aparências inerentes ao espetáculo em que o sujeito se inscreve como ator e espectador. “O retorno da imagem e do sensível, em nossas sociedades, remete certamente a uma lógica do tocar.” (MAFFESOLI, 1998, p. 108). Estão em jogo os sentidos num retorno à sensibilidade, ao tátil, retorno porque, como dito, ainda resiste em certa medida o conceito de razão instrumental ou desengajada (TAYLOR, 2011), e que vem sendo abalada na virada do século. No caso do aparato digital o toque se dá por meio das telas quase onipresentes na sociedade: o que está à mostra toca no sentido de afetar. A imagem que transpassa a retina atua como fator aglutinador das novas tribos como as comunidades estabelecidas via mídias sociais. De tal modo, a imagem “verbaliza” bem como os costumes, isto quer dizer que a comunicação liga as pessoas dentro da tribo. Em oposição à lógica racionalista precedente, em que apenas a comunicação verbal ligava os indivíduos, agora o *habitus* verbal ou de cunho imagético enraizado no cotidiano da atualidade exerce função idêntica. O toque existe, então, como informação digital quando se faz no ciberespaço.

Aqui pode se valer da metáfora do tecido social para falar do fenômeno das redes que não se encaixa no princípio da centralidade, não se submete, portanto, a um polo unificado.

Para além disso, vale frisar que tal tecido é maleável, a rede constituída pelas tribos não é rígida, quando a fixidez dá lugar ao maleável e permeável. Diante disso, o estar junto é priorizado em detrimento de qualquer objetivo esboçado pelo grupo, é o estar junto o objetivo maior. O autor se refere ao mito dionisíaco para designar esse querer extravagante que ultrapassa as especificidades intrínsecas à individualidade.

Nesse sentido, o grupo é absoluto em si, característica peculiar da sociedade pós-moderna, há, então, um recolhimento dentro dos grupos tornando as relações interiores mais arraigadas. De caráter confusional, no sentido de fusão, há um caldo cultural, de *personas* em entrecruzamento que transcendem a individualidade, em síntese, peculiaridades da harmonia conflitual. A efervescência nessa miscelânea de peculiaridades vai de encontro com a lógica de seriedade e segregação. Assim: “[...] a polifonia contemporânea dá conta de uma pluralidade de deuses em ação no construir de uma nova „cultura”” (MAFFESOLI, 1998, p. 158).

Pela analogia da máscara, entende-se que a pessoa poderá participar de diversas tribos, incorporando quantas *personas* lhe convier, pois a era das tribos é também a era das alteridades que são pela harmonia conflitual acomodadas, assim, a heterogeneidade ou politeísmo de valores toma dimensões exacerbadas. Aqueles que são movidos por um sentimento partilhado, que vislumbram a aura estética emanada pelo grupo e que, por conseguinte, reconhecem-se nela, passam a se agregar para partilhar da experiência ética e a praticar os costumes, ou seja, os rituais inerentes a cada tribo.

4.3 ERA DIGITAL: IDENTIDADE FRAGMENTADA E CALDO CULTURAL

Todo esse movimento próprio do neotribalismo (MAFFESOLI, 1998) é acompanhado pela globalização, cuja atuação conduz a mudanças profundas no todo social, bem como na maneira como as relações se davam desde a modernidade. Os discursos que unificavam a ideia de nação e indivíduo vêm sendo abalados pelo processo interacional, característica própria da globalização. Surgem, portanto, outros discursos: descontinuidade, fragmentação, ruptura, diferença, alteridade. A identidade antes fixa e inabalável se articula num jogo de identidades, termo empregado por Hall (2006) para se referir a este caldo cultural (MAFFESOLI, 1998) no qual a alteridade é acentuada pela interação do processo de globalização. “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida.” (HALL, 2006, p. 20).

Hall (2006) expõe uma tensão sobre a desintegração das ideias de identidades nacionais por conta da homogeneização cultural, aqui no sentido de partilha cultural, e não no sentido de uniformidade. Por outro lado, as identidades locais se reforçam em resistência a esse processo. Em decorrência dessa tensão, identidades nacionais são diluídas e as locais reforçadas em resistência, novas identidades híbridas atravessadas tomam corpo. Dessa forma, observa-se uma tensão entre global e local. Todavia, aquele não toma o lugar deste, ao invés disso, há uma nova articulação desses dois elementos que remetem à pluralização e ao hibridismo. Assim, tem-se a alteridade em multiplicidade.

Em tempos de ruptura, como no momento atual, há sempre algo que vai na contramão, que escapa e quebra a lógica da coerência, idiosincrasias das fronteiras movediças. Logo, surge o termo identidade entendido como atravessado gerando diversas formas de ser e estar na pós-modernidade. Nesse sentido, o que Hall (2006, p. 84) chamou de “proliferação de novas posições – identidades”, pode ser traduzido nas *personas* de Maffesoli (1998), ou seja, as máscaras que as pessoas se apropriam ao entrar e sair dos grupos. Nesse caminho, misturam-se culturas para formar o caldo cultural.

Vinculada a esse processo de aceitação de múltiplas identidades e a seu favor, a era da informática vem acelerar de modo significativo seu progresso, quando as noções sobre tempo e espaço se modificaram em definitivo. Nessa perspectiva, Maffesoli (1998, p. 146) já previa o neotribalismo oriundo das novas tecnologias da era digital: “[...] com o auxílio da nova informática, essas formas de associação em vias de extensão que são as redes (o neotribalismo contemporâneo) se apoiam na integração e na recusa afetiva.”

Como exposto, na concepção de formação das tribos por afinidade, há dissolução da individualização que é agora agravada pela globalização. Levando em conta o espaço territorial, seja ele físico ou simbólico, é onde os laços de afinidade são consolidados pela formação das tribos. Tal fenômeno vem ocorrendo de maneira vertiginosa nas redes sociais que interconectam os diversos lugares da superfície terrestre. Em suma, a proximidade, proxemia, e o afetual são fatores determinantes para a integração em tribos na sociedade da era digital.

Em alusão ao espaço compartilhado por afinidade afetual, Maffesoli (1998) menciona a religião, re-ligare, entendida como lugar de ligação. Nesse sentido, o espaço evoca enquanto emana uma aura de um conteúdo simbólico que tem por função unir as pessoas. O espaço se torna, portanto, um ponto de referência para o grupo. Tanto a inscrição espacial, o território, bem como a partilha afetual – o cimento emocional – são elementos vitais da tribo. O espaço

hoje inserido na lógica digital tem a imagem como ferramenta imbuída de carga simbólica, esta, por sua vez, poderá funcionar como memória coletiva.

O simbólico familiar no sentido do reconhecer-se é o chamariz que orienta as práticas cotidianas de integração às tribos, agora identificadas nas avalanches de comunidades nas redes digitais, entre as quais emanam um imaginário coletivo a contaminar os sujeitos para então criar elos e adesões. Tal fenômeno ocorre de modo efêmero, o que importa é o aqui e agora. Desse jeito, o atual século traz em seu gene o presenteísmo, esse compromisso com o momento presente, no qual as máscaras são vestidas de acordo com os laços de afinidade de cada tribo. E graças à multiplicidade de tribos, os modos de ser e estar no mundo parecem efêmeros, mutantes e diversos. Neste panorama, a imagem é elemento-chave a multiplicar-se estruturando os primeiros elos entre os componentes das tribos, ou seja, é também por meio do visual e da aparência que se costuma promover a vontade de estar juntos pela sensação de pertencimento a um grupo. Frisando que na atualidade prevalece uma era movida pela opticalidade, logo, a visibilidade dos corpos ou espaços - físicos ou simbólicos - é primordial nesse processo.

Ainda conforme o autor: “[...] a valorização do espaço, pelo viés da imagem, do corpo, do território, seria, simplesmente, a causa e o efeito de superação do indivíduo num conjunto mais amplo.” (MAFFESOLI, 1998, p. 193). Tais noções entram em consonância com as ideias da autora Sibilia (2016), pois ela compreende a visibilidade do eu como meio de interação entre as pessoas, no qual desencadeia-se um processo de desconfiguração do eu individual, mediante uma multiplicidade de personalidades sobrepostas, fragmentadas e dirigidas ao outro. A autora (2016, p. 307) elucida:

Por ser alterdirigida, esta só pode se construir diante do espelho legitimador do olhar alheio. E, no caso específico das mídias sociais, essa legitimação opera através dessa etiqueta de pequenas trocas afirmativas. Graças ao clique no polegar para cima, por exemplo, dado pelo outro que observa e julga, o autor-personagem é reconhecido como portador de algum tipo de singularidade aparentada com a antiga personalidade artística de estirpe romântica.

Assim, o sujeito que integra a tribo quer servir ao grupo, como autor-personagem se expõe e espera consentimento e aprovação, orienta-se mais pelo outro, ocupa-se, portanto, em estar junto. Nas palavras de Hall (2006, p. 39), “A identidade surge não tanto como plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é „preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.” Nesse sentido, reconfigura-se o eu fragmentado, ou nas palavras de Hall (2006), as identidades em crise se encontram em processo de descentração surgindo

identidades fragmentadas. Quando as identidades se encontram em transformação é costumeiro o debate entre o global e local num contexto em que ambos disputam e negociam marcas de identidades.

No rastro desse pensamento, os termos homogeneidade e heterogeneidade são usados com frequência. Nessa circunstância, ao contrário das primeiras ideias acerca do termo globalização, que remetiam à ideia de homogeneização da cultura pela atuação das forças globais, surge: “[...] Uma fascinação com a *diferença* e com a mercantilização da etnia e da „alteridade”.” (HALL, 2006, p. 77). Fato que remete à questão da segmentação do mercado, característica do atual sistema econômico regido pela lógica do consumo e produção constantes, principalmente no que concerne à comunicação. Dessa maneira, em lugar de uma cultura homogeneizada como se imaginava, as identidades locais se reforçam bem como a produção de novas identidades em pluralidade. O que seria, nas palavras de Maffesoli (1998), as *personas* que integram os grupos diversos e que resultam no caldo cultural das tribos em efervescência.

Ao que tudo indica, o *locus* de negociação entre as culturas é impulsionado pelo digital em que diferentes nacionalidades e imaginários se entrecruzam e se unem por afinidade, por sentimento de pertencimento aos grupos no aqui e agora, ou seja, movidos pelo presenteísmo (MAFFESOLI, 1998). Na contemporaneidade em que a heterogeneidade é artefato recorrente e o ajustamento afetual- novas configurações na atualidade- se dá em lugar da antiga conjuntura racional, as tribos destituídas dos poderes das velhas instituições se formam de maneira orgânica. O afetual e o simbólico tomam agora a cena. Para Maffesoli (1998, p. 202), a nebulosa afetual tem uma lógica que difere da instituída pelo iluminismo por ser mais ampla e generosa, assim, para compreendê-la o autor sugere generosidade por parte do observador social para dar atenção ao que existe agora: “[...] multiplicação das tribos que não se situam à margem, mas são múltiplas inscrições pontuais de uma nebulosa que não tem mais um centro preciso.” Logo, se não há centro, não há também margem, o que opera agora são redes e o acaso toma espaço.

A racionalidade do século XIX se referia à história, ao que chamarei de atitude extensiva (ex-tensão), a racionalidade que se anuncia agora é principalmente proxêmica, intensiva (in-tensão), se organiza em torno de um eixo (guru, ação, prazer, espaço) que ao mesmo tempo liga as pessoas e as deixa livre. (MAFFESOLI, 1998, p. 202).

Aqui a metáfora do navegante sem destino é pertinente. Esse navegante desbrava o mundo com a única intenção de fazer parte das tribos atraído pelo sentimento de pertença,

sendo, simultaneamente, livre para continuar o percurso redefinido ao acaso, uma vez que não tem uma rota pré-determinada. Não é à toa que na internet se usa o termo navegar. Ademais, o que Maffesoli (1998) avistava nos anos 1990 hoje se configura de modo acentuado pela tecnologia digital. A racionalidade escapa através do surgimento de um emaranhado de tribos regidas por leis próprias, que se multiplicam de maneira orgânica e se guiam pelo acaso.

O que Maffesoli (1998) previa como rede composta em tribos que se engendra ao acaso proxêmico e ignoram os poderes valendo-se da autorreferência vem ratificar a ideia da propagação de informações via tribos nas redes sociais. Alguns discursos são eleitos em detrimentos de outros que não sobrevivem, entretanto, todos são regidos pela proximia e é, nesse sentido, que o banal muitas vezes se populariza e toma visibilidade. “Assim, é por contaminações que se cria aquilo que é chamado realidade social.” (MAFFESOLI, 1998, p. 205-206). Nesse caso, os sujeitos são mais atravessados pelas informações do que propriamente agentes delas, portanto, já não opera o indivíduo senhor de si. Trata-se mais uma vez da metáfora dionisíaca, em que aquilo que se propaga o faz pela proximia, que, por sua vez, propicia o acaso, a oportunidade, no presente.

Diante disso, é possível retomar a ideia de Sibilia (2016) de que só se torna mais real aquilo que é exibido numa tela por meio da linguagem audiovisual. Assim, as novas tecnologias digitais parecem efetivar essa lógica da contemporaneidade que é a constituição em redes e tribos. A visibilidade faz seu papel: contamina e dá forma à realidade social e, por fim, propaga-se de maneira mais abrangente e veloz pela compressão de tempo e espaço promovida pela globalização. Igualmente, a formação das tribos também é maior em número e mais efêmera, o que não significa que não seja real, para ser real é necessário existir e unir-se em tribo pelo acaso proxêmico, sendo o sentimento de pertença ou sentimento em comum o elo, a força que rege o querer estar juntos. Os ritos praticados pelos sujeitos- nós- mais afetados pela informação do que agentes, nas redes sociais –lugar- compõem a rede em estrutura dionisíaca, desestrutura o individual e confirma o coletivo, desestrutura as instituições e configura a socialidade.

Consequentemente, o cotidiano toma forma pelos ritos diários via redes sociais. Nesse contexto, muitas vezes as massas se valem da autorreferência, tomando as rotas de fuga, driblando resquícios da antiga lógica iluminista, fazendo-a desmoronar, estruturando-se em redes que operam por lógica própria da nebulosa afetual, considerando a ética de grupo, os contratos inerentes às tribos, os quais em geral se contrapõem aos poderes institucionalizados. O modo como operam essas nebulosas, certamente malvistas pelo olhar iluminista, se configura pela ligação em redes em que as tribos se multiplicam promovendo a harmonia

conflitual, na qual permanecem apenas fronteiras cambiantes e movediças. Parece ser necessário um novo olhar, não para modular o novo nos velhos moldes, mas para compreender o estado dos fenômenos na contemporaneidade.

Para compreender o fenômeno da constituição de tribos no espaço digital, é imprescindível explorar como funciona a plataforma digital *Facebook*, parte do objeto de estudo desta pesquisa. Faz-se importante, portanto, encontrar pistas que façam entender como se dá a relação das tribos no espaço digital com a plataforma, ou seja, a relevância das estruturas que influenciam ambas mutuamente. Em sua tese sobre a construção do *feed* de notícias do *Facebook*, Araújo (2017) discorre sobre alguns conceitos expressivos para a compreensão de como atuam as plataformas digitais. O *feed* é uma ferramenta que atualiza o usuário do *Facebook* a respeito de ações que os algoritmos determinam ser importantes, tais como atividades de grupos, de outros usuários ou até da plataforma. Entre os conceitos tratados pelo autor, a Teoria Ator-Rede (TAR) traz ideias relevantes, pois tem como objeto de estudo os processos e os aspectos relacionais, considerando o hibridismo em que atuam forças humanas e técnicas.

Araújo (2017) relata que os estudos de ciência e tecnologia explicam baseados nas teorias de comunicação que o entendimento de real e realidade como constructo se faz nas práticas cotidianas, e não se orientam por definições deterministas. Isso explica a fluidez das relações mantidas pelos actantes, termo que se refere a agentes sem figuração, algumas vezes entendidos como invisíveis, que podem pela agência atuar com ou sem intencionalidade. A agência, por sua vez, faz alusão às entidades humanas ou não que operam interferindo em uma rede onde as relações se constituem no fazer. Portanto, Araújo (2017) explica que os actantes podem interferir nas ações dentro da plataforma, entretanto, são agentes sem figuração. E de maneira diferente tem-se a noção de ator que representa o actante dotado de um personagem, ou seja, é nomeado, como é o caso de Mark Zuckerberg, criador da plataforma.

“A noção de *agenciamento*, como um conjunto multilinear que possibilita comportamentos e processos específicos, evidencia a recusa da bifurcação da agência entre o que é humano e o que é técnico.” (ARAÚJO, 2017, p.36). O agenciamento, então, não pode ser considerado como exclusivo apenas das forças humanas, pois tal bifurcação se funde e atua de modo a mediar as relações em plataformas digitais. Portanto, as relações sociais são influenciadas ou não pelas ações humanas, sendo necessário avaliar a força de ação das tecnologias e os não humanos. Sendo assim, é imprescindível reconhecer a agência das materialidades. As ideias do pensamento ator-rede se fazem na:

[...] recusa da oposição inicial entre sujeito e objeto, abrindo espaço para uma análise das interações que passe a reconhecer as formas de agir das materialidades. [...] as materialidades (os não humanos), assim como os sujeitos (humanos) são considerados efeitos relacionais de arranjos materiais e discursivos. (ARAÚJO, 2017, p.42).

Nesse sentido, a materialidade, enquanto entidade, é concebida como força mediadora, desempenhando papel nas relações estabelecidas via plataformas, logo, as materialidades são também discursivas. A TAR não hierarquiza a posição de humanos e não-humanos considerando a ação de ambos pela mediação numa rede híbrida sociotécnica. Rede fica entendida como ideia de movimento, que se embasa no fazer e não em ser, portanto, o conjunto de relações está em constante mediação.

Com o advento das plataformas digitais e das redes sociais o modo de relacionar-se vem mudando consideravelmente. Comumente se utiliza a metáfora corpo e mente para *hardware* e *software*, respectivamente. Segundo Chun³ (2008, p.2, apud ARAÚJO, 2017, p. 56) “Software tem se tornado uma metáfora para mente, para cultura, para ideologia, para biologia e para a economia.” Assim, há um apelo para designar os mecanismos de *software* como algo imaterial e invisível.

Quanto à propagação desses conceitos, Sibilia (2015) disserta sobre o uso comum da concepção da mente como alma, etérea (*software*), e o corpo como máquina (*hardware*), e também enfatiza a ideia de que o digital vêm sendo mais valorizado em detrimento do físico, a ponto de se conceber o material genético (DNA) como informações a serem controladas pela biotecnologia no futuro. Da mesma forma, Araújo (2017) explana sobre a propagada ideia do algoritmo como mito a controlar as ações humanas na rede. Inclusive a autora menciona a analogia de que pensamento equivale a informações como as que se guarda em um *HD* (*hard disk*) que, por sua vez, equivaleria ao cérebro. No mesmo caminho, Taylor (2011) pondera a demasiada valorização da razão instrumental, que é desengajada de emoções. Em suma, é propagada com frequência na contemporaneidade a ideia de que a razão prevalece sobre as subjetividades, as emoções, e, portanto, se assim fosse, estas últimas seriam passíveis de manipulação pela ciência.

Em torno disso se cria o mito do controle, principalmente, no que se refere ao uso de algoritmos. Entretanto, Araújo (2017) defende que, ao observar a realidade empírica, os algoritmos são instáveis e sujeitos ao controle humano, logo, o *software* funciona como mediador: “que pode agir à distância e, por isso, é menos visível.” (ARAÚJO, 2017, p. 59).

³ CHUN, W. H. K. On “sourcery,” or code as fetish. *Configurations*, v. 16, n. 3, p. 299–324, 2008.

Então o *software* irá agir como actante mediando e moldando a realidade. Entretanto, é fundamental considerar que os algoritmos, ao recolherem um grande fluxo de informações procurando padrões, necessitam da ação humana para decidir a quais fins esses dados atenderão, já que eles tratam apenas de uma parte da realidade específica de cada usuário. Portanto, estrutura-se um mito de que os algoritmos têm capacidade de decisão e atuam invisivelmente. Por outro lado, não se pode desconsiderar sua agência ao mediar as relações, ocorre que sua ação é limitada pela aleatoriedade das forças na realidade empírica. Nesse caso, os algoritmos não são capazes de determinar comportamentos humanos, mas sua existência influencia em parte os rumos dos que navegam nas plataformas digitais, bem como nas ações do mercado que, com frequência, baseiam-se nos dados recolhidos para aperfeiçoarem seus serviços e atingirem com maior eficácia os públicos potenciais.

“Na computação, algoritmo é entidade fundamental, como método de formalização de uma tarefa computacional em passos bem definidos.” (ARAÚJO, 2017, p. 96). O algoritmo recolhe informações como entrada (*input*) e as compilam, organizam e transformam de acordo com a intenção para qual foi criado, tem-se o produto final desse processo (*output*). Atuam, assim, com tamanha precisão que desconsideram a fluidez das relações humanas que operam nas mídias sociais. É nesse sentido que se torna ineficiente, pois precisaria submeter o comportamento humano em rede a outras avaliações não mecânicas. Em outras palavras, transformam o mundo real que é desordenado em uma sentença bem definida e concisa, e não dão conta da aleatoriedade dos acontecimentos. Assim, os algoritmos, ao automatizarem processos de tomada de decisões sem considerar a realidade empírica e sua fluidez, dão como produto final a incerteza. Logo, julgar a atuação dos algoritmos como eficaz, precisa, coerente, em que obedecem a uma relação de causa e efeito, desconsidera a complexidade das relações nas plataformas digitais e “[...] reproduz algoritmos como um herói mitológico, poderoso e misterioso.” (ARAÚJO, 2017, p. 96). Sibilía (2015, p. 113) compartilha de ideia semelhante:

[...] o homem não raciocina em termos binários (*os bits*), mas por meio de configurações intuitivas e hipotéticas. Além disso, aceita dados imprecisos e ambíguos, cujo enquadramento não é apenas focalizado, mas também lateral: “não negligencia os apartes, as margens de uma situação.

Ambos autores evidenciam o equívoco do entendimento de controle sobre as ações humanas e da vida, portanto, não cabem determinismos.

Similarmente a performatividade, segundo Araújo (2017), é sinônimo de prescrição que opera como roteiro que prevê as ações. Nessa perspectiva, os actantes, ainda que

materiais e discursivos, antecipam as ações e modulam as relações, estabelecendo modos para agir. Isto quer dizer que prescrição: “[...] é a forma como, por exemplo, um dispositivo textual age ao construir um cenário para a ação, antecipando quem são os atores e qual a relação entre eles.” (ARAÚJO, 2017, p.116). Nesse sentido, alguns comportamentos são encorajados em detrimento de outros que são considerados ilegítimos. As prescrições podem ser os termos de uso da plataforma, que se baseiam em como as pessoas agem para indicar como o usuário deve se comportar, funcionam como roteiros a serem seguidos.

Conforme Van Dijck⁴ (2013 apud ARAÚJO, 2017, p. 70-71): “As plataformas são constructos sociotécnicos e cultural-ideológicos construídos para criar e mediar um novo tipo de capital social: conectividade.” Para a TAR, a plataforma faz a mediação das relações ocorridas em rede, influenciando as postagens dos usuários, entretanto, o inverso ocorre quando os usuários através de suas ações demonstram suas necessidades. Nesse caso, os *softwares* são modificados com vistas a atendê-los.

Nesse contexto, *softwares* que bloqueiam *nudes* surgem, e apesar da precisão com que detectam a quantidade de exposição de pele, não são capazes de bloquear todas as imagens com nudez ou podem até bloquear imagens por engano, embora também existam ações humanas para esse fim. Conforme o *site* da *BBC News Brasil* (2018) em notícia de 4 de janeiro de 2017, foi o caso da imagem da escultura de Netuno que foi bloqueada por ter conteúdo sexualmente explícito, já que a obra retrata um deus romano nu na praça de Bolonha. Na mesma notícia, fala-se sobre uma pintura de 1964, da artista Evelyne Axell, que retrata uma jovem lambendo um sorvete num fundo colorido. A postagem foi bloqueada segundo a reportagem com a mensagem “mostra um excesso de pele ou tem conteúdo sugestivo”.

O que começou com uma proibição total, como com a divulgação de imagens de seios desnudos, após algumas reivindicações passaram a ser aceitas algumas situações como amamentação ou mastectomia. As pessoas passaram a reivindicar o direito de abordar tais assuntos para fins educativos, de prevenção e de saúde. Já com a temática recorrente da pornografia de vingança, outros dispositivos são postos a serviço dos usuários para que possam se conectar e trocar imagens com nudez -*sexting*- de maneira segura. Existe também o uso de táticas para driblar a inteligência artificial, como cobrir pequena parte do corpo para que a nudez não seja percebida. São as tessituras híbridas sociotécnicas de que fala a TAR,

⁴ Facebook and the engineering of connectivity: a multi-layered approach to social media platforms. **Convergence: the international journal of research into new media technologies**, v. 19, n. 2, p. 141–155, maio, 2013b. Disponível em: <<http://con.sagepub.com/cgi/doi/10.1177/1354856512457548>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

quando as temáticas passam a ser negociadas ou dribladas conforme as demandas. Tudo isso mostra a aleatoriedade dos algoritmos comprovando sua instabilidade.

Araújo (2017) ainda reflete como o *feed* de notícias foi sendo construído ao longo de dez anos. Nos primórdios de sua existência, o *feed* divulgava a ideia de transmissão de conteúdo que surgiu com a primeira mudança em 2006. Por transmissão de conteúdo, entendia-se que as ações dos usuários eram transmitidas entre os outros diversos usuários. Pela primeira vez, os usuários eram avisados a cada atualização dos amigos na rede social. Começa-se a construir a ideia de que os usuários são aqueles que desejam saber, atualizar-se sobre o que os amigos fazem. No entanto, a princípio, algumas resistências surgiram e algumas pessoas passaram a expressar a ideia de invasão de privacidade. Um relato deixa claro tal insatisfação, o autor transcreve a fala de um participante que se dizia descontente com a mudança: “[...] é um pouco estranho, pois todo mundo vai saber agora que às 10 da manhã eu atualizei o meu perfil no *Facebook* e que não estava na aula.” (ARAÚJO, 2017, p.140). O que no início era estranho passou a se tornar comum se comparado às demandas depois de dez anos, visto que atualmente o desejo por visibilidade é mais presente.

Então, a ideia de transmissão foi dando lugar à ideia de compartilhamento, surgem, portanto, mudanças para modificar o entendimento sobre o que o *feed* de notícias pretendia e anular a ideia de invasão da privacidade. Através de postagens assinadas pelo próprio Mark Zuckerberg, em 2006, logo após as mudanças, procurou-se construir a ideia de compartilhamento com base na noção de laços de amizade consolidados pela rede social em questão. Nas falas de Zuckerberg transcritas pelo autor, a ideia de transmissão foi sendo substituída pela ideia de compartilhamento, ele dizia que nada era transmitido e sim compartilhado com as pessoas que se importavam por serem amigos na rede social. Nesse sentido, o *Facebook* passou a construir a ideia de ser um espaço detentor do fluxo de informações dos círculos sociais das pessoas. Assim, a concepção de visibilidade vai ganhando maior consistência. Com o tempo, a ideia de personalização também se faz presente, mais fortemente com o surgimento do botão curtir que passa a ser uma: “[...] estratégia de construção material e discursiva dos processos de produção de dados sobre os usuários.” (ARAÚJO, 2017, p.158).

A noção de compartilhar só foi ficando mais consolidada com o tempo e aceitação dos usuários, bem como com alguns ajustes da plataforma com relação à privacidade. Ideias sobre tempo real também foram construídas em meados de 2009 a partir do uso do *Live Feed*. Nesse momento, a divulgação de conteúdos começou a ser compartilhada para que os usuários pudessem acompanhar e serem informados do que acontecia no círculo de amizades, sendo

atualizados em tempo real. Nesse sentido, a vida começa a migrar do espaço físico para o digital. Isso fica evidente quando a interação em tempo real acontece por meio de debates e exposições de opinião pessoal sobre assuntos diversos, como a política ou assuntos polêmicos do momento. Nesse período, surgem as páginas que trazem informações de pessoas públicas, bem como de empresas e organizações. Estas funcionam como perfis do *Facebook*, porém agora são voltadas para celebridades e organizações. O que se espera do mecanismo é a estimulação da ideia de intimidade baseada na ideia de amizade e atualização que faz o *feed* de notícias sobre, agora não mais apenas, com relação aos amigos como também dessas páginas que divulgam no espaço digital: “[...] conteúdos atuais, tratados com o mesmo peso, seja sobre sua melhor amiga ou sobre o presidente da república.” (ARAÚJO, 2017, p. 165). Aliada à ideia de compartilhamento em tempo real vem a ideia de interação, uma vez que os participantes se sentem encorajados a participarem, opinarem, enfim, interagirem. Aqui também se faz presente tanto o conceito de direito à celebridade, ou o crescimento de biografias na contemporaneidade (SIBILIA, 2016), como a construção de personalidades originais, que almejam visibilidade e ascensão pública ao obter sua melhor performance (EHRENBERG, 2010).

Conforme o fluxo de informações foi crescendo, em 2010, o *feed* de notícias passa a se dividir em dois: principais histórias e mais recentes. No primeiro ficam compiladas as postagens que são eleitas, graças aos algoritmos que selecionam os assuntos que parecem ser mais relevantes para cada usuário. O segundo se dedica a atualizar os acontecimentos do círculo de amizades em tempo real. Segundo o autor, os algoritmos atuam para construir o *feed* de notícias com base na quantidade de amigos em comum do usuário que comentaram e curtiram determinada postagem, ou seja, se foi curtida por um amigo deve ser de interesse do círculo de amizades. Logo, relevância tem a ver com popularidade, isto quer dizer que é relevante aquilo que foi curtido e comentado. Assim, o algoritmo é ferramenta crucial para definir o que parece ser relevante. Em 2013, o *feed* de notícias passa a publicar atualizações de amigos, páginas e grupos que cada usuário mais interage caminhando num rumo que a personalização se torna mais evidente. A personalização passa a ser construída pelos dados traduzidos pelos algoritmos que revelam as afinidades de cada usuário. Assim, vai se naturalizando a concepção de compartilhar a intimidade ao publicá-la, e as atualizações do *feed* promovem maior conectividade, já que se trata de um mecanismo que nada mais faz que avisar o usuário de que algum assunto de seu interesse está em ação na rede ou de que alguém está interagindo com ele. Interesses que são selecionados pelos algoritmos.

Em 2010, o *Facebook* passa a se estender para toda a *web* através dos *plug-ins* sociais, ou seja, os botões de curtir passam a se expandir e não se limitam apenas aos espaços do *Facebook*. A partir disso, é possível curtir e compartilhar em outras plataformas, e os dados continuam sendo compilados com vistas a contribuir com a ideia de personalização para melhor serviço de interação na rede, bem como para consumo de produtos e serviços. Surge a ideia de *web* social e personalizada. Juntamente com os *plug-ins* que se expandiram para além do *Facebook*, Zuckerberg lança o conceito de *social Graph* que se trata de mapear todas as conexões entre as pessoas dentro e fora da rede social, ou seja, em toda *web*. A partir desse mapeamento pode-se formar um gráfico, já que as pessoas podem ser definidas pelas conexões que fazem e relações estabelecidas via *Web*, pelas atividades que deixam suas marcas no ambiente digital. Assim, a construção de si de que fala Sibília (2016) pode ser feita através de conteúdos que os usuários compartilham e curtem.

[...] personalização é uma noção construída nesses dispositivos pelas práticas de rastreamento e tradução em dados dos relacionamentos dos usuários, assim como o uso desses dados para transformar mecanismos digitais e apresentar anúncios com maior probabilidade de estarem de acordo com o comportamento rastreável dos usuários. Essas transformações são geralmente adjetivadas como adequadas, inteligentes, melhores etc. Do mesmo modo, social é um valor usado também como adjetivo para destacar o benefício desses mecanismos. (ARAÚJO, 2017, p.190).

Logo, aliada à personalização, a ideia de individualidade começa a surgir a partir do rastreamento das afinidades dos usuários e, consecutivamente, aquilo que é relevante para cada qual. Nessa circunstância, o usuário constrói o seu lugar no espaço digital. Aqui confluem as ideias de Ehrenberg (2010) em que cada pessoa deve construir seu lugar no mundo: “Hoje, cada um, independentemente de onde venha, deve realizar a *façanha* de *tornar-se* alguém por meio de sua própria singularização.” (EHRENBURG, 2010, p.172). Ou ainda a ideia presente na cultura da autenticidade de Taylor (2011), uma vez que a construção do eu autêntico é possível pelo reconhecimento com o outro. Será então o rastreamento que o algoritmo faz um facilitador nesse processo, uma vez que seleciona e conecta os semelhantes ou o que parece relevante. Contudo, de maneira nem sempre eficaz, pois há a aleatoriedade das interações, como dito.

Nesse sentido, o algoritmo faz seu papel colaborando para uma experiência personalizada, portanto, também individual na *web*. Já em 2013 e 2014 o fluxo informacional produzido pelos usuários cresce consideravelmente e passa a se tornar um problema, uma vez que muita informação passa a ser exibida, e muitas podem ser desinteressantes para o usuário. Para sanar tal problema, surge a noção de algoritmo certo (ARAÚJO, 2017), que busca saber

selecionar o conteúdo certo para cada usuário ou usuária que passa a ser responsável por aquilo que deseja saber e ver. Para isso, o algoritmo se baseia naquilo que o usuário esconde ou curte, assim, este passa a ser autor de seu próprio meio. A análise para encontrar o conteúdo certo se fundamentava apenas com base no engajamento dos usuários, ou seja, curtidas, comentários e compartilhamentos, entretanto, agora deseja obter informações por meio de outras ações dos usuários, além de engajamentos como curtidas e comentários. Para tal, o conteúdo exibido é antes filtrado, pois o usuário agora tem a opção de esconder aquilo que não deseja ver e ao fazer uso dessa opção o algoritmo passa a descartar informações de teor semelhante.

[...] há nessa definição uma racionalização sobre o uso do Feed de Notícias que norteia o sistema de classificação: a interação do usuário ou da usuária com um conteúdo significa seu interesse por mais conteúdos do mesmo tipo. Assim como esconder deve significar desinteresse. (ARAÚJO, 2017, p. 207).

Assim, o *Feed* tem papel de dar visibilidade ao conteúdo certo para a pessoa certa e no momento adequado, visando proporcionar a melhor experiência via plataforma. Quando melhor experiência quer dizer aumento de interação, isto é, mais tempo de uso do espaço digital, aqui o algoritmo passa a ser usado com uma preocupação com a qualidade do conteúdo exibido. Mais interação com determinado conteúdo significa sucesso nesse intento, significa que o conteúdo certo foi escolhido. Assim sendo, o algoritmo é propulsor, mas não fator determinante sobre a postagem que terá maior ou menor visibilidade. Como nem tudo o que os usuários gostariam de ver em seu *feed* de notícias é avisado ao algoritmo através de curtidas, a lógica do algoritmo certo é tida como falha, surgindo o algoritmo centrado no usuário. Conforme Araújo (2017, p. 263), os usuários: “[...] ao narrarem suas práticas no *Facebook*, nem sempre afirmam curtir aquilo que gostariam de ver mais em seus *feeds*. [...] o sistema é definido como incapaz de traduzir em dados o chamado *fator subjetivo*. ”

O algoritmo centrado no usuário surge então no período de 2014 a 2016 (ARAÚJO, 2017). Quando se procura aperfeiçoar a experiência na plataforma, agora se ocupando de mostrar o que mais interessa a partir de relatos, em lugar do que era tido como conteúdo certo para a pessoa certa por engajamentos. A fluidez das relações dos actantes revela a instabilidade dos mecanismos que operam na coleta de informações sobre os usuários, já que perceberam que nem tudo que recebe clique ou curtida é de fato relevante para o usuário, ou ainda a ausência de clique diante de algo que pode ser relevante para o usuário. A compilação de dados passa a reivindicar a necessidade de se orientar pela ideia de qualidade e, então, a rede social em questão passa a contratar usuários para avaliar o sistema de classificação do

Facebook. Logo, fica evidente que a subjetividade humana se torna incompatível com a objetividade dos algoritmos, o que requer a adoção de recursos humanos para avaliações. Então, o *feed* de notícias se baseia não apenas no que as pessoas fazem, clicar, curtir e comentar, mas no conteúdo expresso por elas, nesse sentido, o foco passa a ser a experiência das pessoas.

O *feed* de notícias começou a ser questionado enquanto produtor de bolhas ideológicas por conta dos filtros algorítmicos, pois o conteúdo indicado para cada usuário se apoiava nas respostas, dados compilados, e nas conexões de cada usuário na plataforma. Como resultado, surge a crítica quanto à diminuição da diversidade de informação. Diante do exposto, é possível compreender que a plataforma cria, através dos actantes como os algoritmos, a formação de grupos com base em suas afinidades e interesses. Parece haver aqui o que Maffesoli (1996) chamou de neotribalismo, em que a proxemia algumas vezes se faz quando os algoritmos ao coletar as informações através das conexões dos usuários os aproxima por meio de interesses em comum, quando publica aquilo que parece ter relevância para um dado grupo ou tribo no ambiente digital.

Quanto às práticas proibidas pela plataforma, como é o caso da postagem de *nudes* nos grupos, “[...] existe uma certa „moral dentro da imoralidade... uma certa moral que o clã forjou somente para si mesmo”, e que tem por corolário a indiferença frente à moralidade em geral.” (MAFFESOLI, 1996, p.134). Portanto, as regras são infringidas em prol da consolidação do laço social desses grupos no ambiente digital, ou seja, há um pacto entre os que pertencem ao grupo, que visa manter o silêncio quanto às práticas proibidas. Assim, parece que os mecanismos que operam para conectar grupos de interesse em comum corroboram, quando publicam pelo *feed* de notícias o conteúdo certo para a pessoa certa, a ideia de reconhecimento para aglutinação em tribo. Assim, os algoritmos não se estruturam apoiados num controle das práticas na plataforma, o que ocorre são negociações, visto que há fluidez pelas agências nas relações de humanos ou não. Sendo assim, o que o *feed* de notícias faz, através da ação dos algoritmos quando publica conteúdo relevante para os usuários, não determina, mas influencia em certa medida o fluxo dos acontecimentos.

Marra [Greg Marra, engenheiro do *Facebook*] é o nerd responsável pelo algoritmo que a rede social utiliza para decidir que conteúdos terão prioridade no *feed* de notícias dos usuários, que compõem cerca de 20% da população mundial [...]. A carreira de Marra não está focada em jornalismo ou estudos da comunicação de massa, mas seu poder é tanto que se mudasse a configuração do sigiloso algoritmo do *Facebook*, algo que a empresa já experimentou, poderia afetar o comportamento

na vida de cada pessoa. (MEJÍA⁵, documento *on line* 2015 apud ARAÚJO, 2017, p.234).

Por conseguinte, apesar de os algoritmos fazerem diferença no fluxo dos acontecimentos, a subjetividade e fluidez das relações sociotécnicas na plataforma fazem contrapeso. Para Araújo (2017), “[...] o *Feed* de Notícias é construído nesses roteiros como uma estrutura técnica em branco que ajuda os usuários a se conectar com o mundo sobre o qual tem interesse.” (ARAÚJO, 2017, p.236). Dessa forma, cada um se insere em seu lugar de interesse como é o caso das tribos de Maffesoli (1996), e constrói o seu lugar no mundo através das postagens conforme a ideia de Ehrenberg (2010), em que cada um deve obter sua melhor *performance* como herói de si almejando autorrealização e sucesso. Ou seja, quanto melhor a interação e experiência na plataforma, e isso quer dizer mais tempo nela, melhores são as conexões muitas vezes indicadas pelos algoritmos. Maior visibilidade também é alcançada, uma vez que maior permanência na plataforma implica em maior produção de conteúdo que gera informações, que, por sua vez, acarretarão em devolutiva, pelos algoritmos, através de publicação do conteúdo ideal para cada usuário. Ainda, a fabricação da identidade apoiada no modelo único, original, de que fala Taylor (2011), pode ocorrer com a ajuda da personalização do que é publicado no *Feed* de Notícias.

Diante do exposto, o botão curtir passa a ser uma prática naturalizada. Os agenciamentos de actantes, humanos ou não despertam percepções a respeito de compartilhar, curtir e relevância, ou seja, estas ideias incorporadas vêm tomando formas de modo a se tornarem valores cotidianos. Araújo (2017) mostra em seu trabalho o longo processo pelo qual passou o *feed* de notícias. Ainda hoje é visto como um campo em que negociações acontecem, já que a plataforma costuma com frequência atualizar, por exemplo, a política de uso a partir das devolutivas dos usuários ao navegarem e interagirem, por meio de análises com base nos actantes humanos ou não.

Para Machado (2003), toda época traduz seu tempo em imaginário. O nacional-socialismo o fez elaborando tecnologias de controle, o marxismo elaborando tecnologias da crença, na escola de Frankfurt pela teoria crítica elaborou as tecnologias do espírito/mente. “Em todos esses casos, a técnica está sob suspeita. Teme-se a imagem [...]. Passa-se do tudo é controle ou do tudo é instrumento ao jogo complexo da apropriação/distorção. Reinventa-se o

⁵ Conheça greg marra; o jovem que decide o que você lê no facebook. **Link Estadão**, [S.l.], 2015. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/geral,conheca-gregmarra-o-jovem-que-decide-o-que-voce-le-no-facebook,10000029647>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

olhar.” (MACHADO, 2003, p. 95). Para o autor, não há controle sem negociação com o “controlado”, o que coloca em descrédito a ideia de controle absoluto. Há de se considerar a potência (MAFFESOLI, 1996) inerente ao neotribalismo na sociedade contemporânea. Assim, Machado (2003) recomenda as tecnologias do imaginário que não ignoram a potência da recepção.

“O imaginário é uma força, um catalisador, uma energia e ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e estilos de vida.” (MACHADO, 2003, p.10). Os sujeitos irão beber na fonte do imaginário que funciona como reservatório/motor onde ficam armazenadas ideias relacionadas aos estilos e, por isso é provedora das práticas de grupo, pois alimenta e motiva modos de ser e estar em tribo. O imaginário impulsiona uma tomada de posição e postura de grupo, é a aura da qual fala Maffesoli (1996). Grupo pois “[...] o imaginário, tribal, retira o indivíduo da solidão para inseri-lo numa atmosfera de partilha.” (MACHADO, 2003, p. 15).

Machado (2003) diferencia imaginário de cultura ao considerar a segunda como dado objetivo, tal qual cristalizações das práticas engendradas pelo imaginário. Assim sendo, o imaginário em sua subjetividade toma forma por meio da cultura. Se pela sociologia compreensiva entende-se o imaginário como imponderável, como a aura que se perfaz mutante, como motor ao mobilizar as práticas, o autor propõe o termo Tecnologias do Imaginário, ao avaliá-lo como mais apropriado à pós-modernidade. Antes tomava-se o conceito de ideologia para explicar as relações de classes, em que os Aparelhos Ideológicos de Estado, conforme Althusser (1996), atuavam para reprimir e incutir modos de agir nos dominados, usualmente pela força física, mas antes pela ideologia. “[...] pois está claro que é nas formas e sob as formas de sujeição ideológica que se assegura a reprodução da qualificação da força de trabalho.” (ALTHUSSER, 1996, p. 109).

O termo tecnologias do imaginário também se torna mais adequado, segundo Machado (2003), à medida que se instaura no contexto da sociologia compreensiva. “A ideologia obedece ao princípio da racionalização; o imaginário, da empatia. A ideologia vincula-se ao aparelho da manipulação; o imaginário, às tecnologias da sedução.” (MACHADO, 2003, p. 20). Nesse sentido, enquanto um manipula e, portanto, é imbuído de racionalidade e imposição, o outro seduz e atrai.

Para Machado (2003), Foucault supera Althusser quando propõe o conceito de tecnologia política do corpo, já que os Aparelhos de Estado fazem uso da ideologia para o controle. Em outras palavras, as tecnologias de política do corpo são vertentes mais eficazes do qual os Aparelhos de Estados fazem uso para dominar, e estão dentro do terreno da

argumentação, apropriando-se da persuasão e vigilância em que a ideologia tem papel crucial. O que está em jogo é o controle, a persuasão com objetivo de domínio dos súditos. No entanto, conforme o autor, quando a comunicação se torna fenômeno ao abranger a sociedade ocidental na pós-modernidade, o controle torna-se desnecessário. Machado (2003) apresenta as tecnologias do imaginário com a proposta de superar as tecnologias de sujeição do corpo, uma vez que leva em consideração a questão da interação, por exemplo, via meios de comunicação. Nesse cenário, destacam-se as redes sociais, espaços de interação e também negociação, como dito por Araújo (2017), embora ainda haja a disseminação do mito de controle pela ação dos algoritmos, que são sujeitos a falhas e não dão conta da aleatoriedade da realidade empírica.

“Na modernidade, política e participação formavam um par administrado pela consciência. Na pós-modernidade, a interação substitui a participação, assim como a economia do cotidiano toma o lugar da política.” (MACHADO, 2003, p. 24). A manipulação, vigilância e punição dão lugar à sedução própria das tecnologias do imaginário. Pela sedução, os sujeitos aderem num contrato revogável a qualquer momento em que a recompensa é prazer imediato, o hedonismo se faz presente. A manipulação pretende convencer, utiliza-se de procedimentos para alcançar seu alvo, o dominado. As tecnologias do imaginário não distorcem ou manipulam, elas seduzem, já que “[...] desliga-se da razão para afundar cada indivíduo nas ondas da interatividade lúdico/emocional.” (MACHADO, 2003, p. 27).

O autor faz uma crítica às teorias que pretenderam categorizar uma divisão clara entre dominantes e dominados, em que há emissores poderosos e receptores passivos à mercê da dominação, portanto, da manipulação feita pelo domínio da técnica. A divisão ordenada em pares é fruto do iluminismo, assim como a ideia de que a razão deve prevalecer para resistir à dominação. No enalço de tais noções divide-se a cultura industrial e arte, uma em oposição à outra. Entretanto, Machado (2003) chama a atenção para a ambiguidade, hibridismo e fluidez presentes na sociedade pós-moderna. Então, ao querer fundar conceitos e categorias, a humanidade passa a produzir outros significados:

Persiste, contudo, a expectativa da classificação pura, da decifração total, da separação absoluta do bem e do mal [...]. A humanidade é uma indústria mitológica. Poluente. Uma indústria que interpela a natureza cultural humana e muda o cenário de cada época com sua produção (um fazer-vir que desloca o universo posto em nome de um novo mundo proposto). (MACHADO, 2003, p. 32).

Poder e potência se relacionam, respectivamente, à ideia dos pares submissão/controle e libertação/efervescência. O poder tem a ver com força por contingência, enquanto que

potência tem a ver com força irrefreável. Entende-se técnica como produção, alteração no meio, nesse caso, Machado (2003) chama a atenção para a ideia de sujeito interpelante/interpelado, uma vez que ao modificar o meio é também modificado. Ao controlar se vê simultaneamente controlado, nesse contexto, negociação e interação são palavras-chave. Ao desvendar o que pulsa nos submundos do social, outras e diversas forças são reveladas, por isso a sociologia compreensiva vê os fenômenos na sociedade como imersos no imponderável. “A técnica seria antes de tudo, potência, potencial, possível, possibilidade.” (MACHADO, 2003, p.42). Portanto, a técnica e o algoritmo não podem ser compreendidos como uma força estática, estável e determinista.

“A internet, emblema da técnica em seu apogeu pós-cartesiano, seria a prova do que diz o pensador do tribalismo urbano: não há poder sem potência, não há técnica que não faça distorção. Todo controle enfrenta a corrosão da potência do controlado.” (MACHADO, 2003, p.43). O autor se refere ao conceito de tribalismo de Maffesoli (1996), quando as pessoas driblam as formas de controle em nome do grupo e de suas práticas. Machado (2003) disserta sobre tecnologia da crença, tecnologia do espírito/mente, tecnologias da inteligência e tecnologias do imaginário. Nessa trama argumentativa, vai destrinchando e relacionando-as com a modernidade e a pós-modernidade, na qual está imersa a tecnologia do imaginário, por estar em maior consonância com a contemporaneidade, e pela presença marcante do imponderável e fluido.

A tecnologia da crença é aquela em que há o virtual encarnado, nesse sentido, a obrigação de crer em algo, a necessidade de crer para ser, dessa maneira: “O homem é interpelado, provocado e produzido pelas ideias que produz. O simbólico afeta o material.” (MACHADO, 2003, p.46). Logo, a humanidade cria o simbólico a partir da crença, das ideias. A comunicação se faz no deslocamento das mensagens- crença, pelos interlocutores e enunciadores, num determinado meio para ser disseminado. A crença é explicação, inscrição, impõe regra, enquanto que o imaginário é interpretação, narrativa, leitura que propõe, dá vazão a probabilidades. Já as tecnologias do espírito/mente fundamentam-se na ideia de manipulação que se estabelece no jogo entre emancipação e controle. “As tecnologias do espírito/mente são dispositivos de manipulação e de intervenção no espírito/cérebro, dos indivíduos. Diretivas e com vistas à eficácia, querem um resultado. Investem na supremacia do emissor sobre o receptor.” (MACHADO, 2003, p.52).

Por sua vez, as tecnologias da inteligência parecem se refutarem às anteriores, as quais inscreviam os indivíduos em esquemas, quando a técnica os aprisionava e controlava. Com a ideia de ciberespaço, os indivíduos passam a dominar a técnica, e pela interação tornam-se

todos emissores e receptores. Trata-se de um regime de inclusão, nesse sentido, a supremacia do emissor pelo receptor é superada. Entretanto, Machado (2003) explica que, nas tecnologias da inteligência, a ideia de domínio da técnica ainda se ampara no conceito de sujeição e emancipação, sendo necessário atingir a consciência para libertá-la. Assim, em lugar da manipulação há a libertação, portanto, apesar de operarem em sentidos opostos (tecnologias da crença e espírito/mente *versus* tecnologias da inteligência), todas encontram soluções e respostas bem ordenadas, fruto da linhagem iluminista que trabalha o par manipulação/sujeição e consciência/libertação.

Já as tecnologias do imaginário se conduzem por outras vias não tão bem nítidas e definidas.

O imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros. Nesse sentido, o imaginário é sempre uma biografia, uma história de vida. Logo, é menos redutor do que a ideologia, mais aberto do que a crença e menos completo do que a cultura, na qual se insere e a qual alimenta. Trata-se de uma memória afetiva somada a um capital cultural. Mesmo estimulado por tecnologias, o imaginário guarda uma margem de independência total, de mistério, de irredutibilidade, de fictício, de inútil, e nunca se reduz ao controle absoluto do agente tecnológico emissor. (MACHADO, 2003, p.57).

Assim, o imaginário é o legado do indivíduo ou grupo dentro de uma cultura e, mais que isso, ele também participa da formação dela. O imaginário surge nas interações, nos contatos perceptivos de maneira anárquica pelo indivíduo/grupo e grupo/sociedade, logo, no macro com o micro, desenvolvidos nas caogêneses sociais. São as erupções do imaginário que o sistema procura neutralizar.

Ao ultrapassar a ideia de “panóptico”, de Foucault, na qual se inserem as tecnologias da crença, espírito/mente e inteligência, em que tudo é preciso ver para poder controlar, Machado (2003) sugere a tecnologia do imaginário como o “panórgico” em que o exibir e contemplar operam. Consequentemente, a exposição da privacidade comumente contemplada nas plataformas de redes sociais é concebida como práticas resultantes do panórgico. O panóptico invade a privacidade para controlar, o panórgico recomenda que o privado invada o espaço público para ser contemplado.

A ideia de controle existe, não se pode negar, ainda que por sedução ou indução. Entretanto, como demonstra Machado (2003, p. 69): “A comunicação publicitária tem uma ambição: a eficácia. Logo, a supremacia do emissor. Felizmente o destinatário possui filtros perceptivos e nem sempre responde adequadamente”. Nesse caso, determinismos não cabem na contemporaneidade. Algo similar ocorre com relação aos algoritmos que são tidos como controladores nos meios digitais. Pode-se dizer que nessas relações há influência,

organicidade, afinal há interação e movimento. Todavia, termos como controle, certeza, convicção e outros que trazem em sua essência a ideia de estabilidade já não estão em consonância com a pós-modernidade.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Primeiramente, torna-se necessário relatar a trajetória desta pesquisa, uma vez que apresenta aspectos relevantes acerca do funcionamento das relações estabelecidas entre as comunidades, os administradores e a plataforma. Tais aspectos merecem atenção, pois servirão como subsídios para a análise. O caminho percorrido mostra, não somente a multiplicação de comunidades desse tipo na plataforma *Facebook*, como a potência intrínseca deste fenômeno (MAFFESOLI, 1998). Afinal, na busca da autopreservação, as comunidades forjam meios de burlar regras com o objetivo de manterem suas práticas (*nudes*).

Existe uma diferença entre moderadores e administradores, geralmente os primeiros não são donos da comunidade e atuam apenas como colaboradores, outras vezes são eleitos tanto moderadores quanto administradores pelos donos das comunidades. Aos administradores cabem funções de maior poder, como optar por conceder ou retirar a função de administrador e mudar as fotos, configurações de privacidade e nomes da comunidade. Quando esta pesquisa se iniciou, o objeto de estudo era a comunidade Ad adultos picante (2018). O contato com a administradora da comunidade não foi possível, pois somente a moderadora respondia às mensagens. No momento em que a etnografia virtual (HINE, 2015) começaria, a moderadora da Ad adultos picante comunicou sua saída da comunidade devido à instabilidade do grupo. As constantes notificações feitas pela administração do *Facebook* levantaram a possibilidade de fechamento iminente da comunidade.

Por esse motivo, a moderadora resolveu abrir uma nova comunidade para administrar: a *Ousadia permitida*. Além disso, contava com bastante experiência no assunto, ao ter moderado outras comunidades por dois anos. Nesta nova comunidade, ela dizia que tinha preferência por qualidade em vez de quantidade, algo que julgava como um equívoco na Ad adultos picante. A grande quantidade de participantes e a dificuldade em administrá-los resultavam em diversos conflitos entre os usuários e no recebimento de muitas notificações do *Facebook*, graças ao desrespeito às políticas de uso, principalmente no que concerne à publicação de *nudes*, nudez total, presença de menores de idade e discussão entre os participantes. Enquanto moderadora da Ad adultos picante, tinha que resolver sozinha a maioria dos conflitos e, por serem muitos, a comunidade era observada de perto pela administração do *Facebook*.

Aliás, muitas das comunidades derivadas da Ad adultos picante, como Ad adultos picante o proibido, Ad adultos LGBT (GLS), Adultos picante ardentes, não existem mais. Inclusive à época em que seria iniciada a pesquisa de campo, a Ad adultos picante o proibido

se encontrava arquivada. Uma estratégia da administradora da Ad adultos picante era, conforme a fundadora da *Ousadia permitida*, ter mais de um perfil e várias comunidades, pois, no caso de fecharem uma, poderia haver a possibilidade de os participantes migrarem para outra. E no caso de ter um perfil bloqueado, o outro estaria ativo.

A mudança contínua nas políticas de publicações é uma característica da plataforma *Facebook*, portanto, há instabilidade e os administradores precisam estar sempre se atualizando. De acordo com as demandas, a plataforma costuma fazer alterações no conteúdo a ser publicado. Trata-se aqui da negociação da qual fala Araújo (2017). Por meio de *feedbacks* e informações coletadas dos usuários, é possível informar a respeito da interação nas comunidades, ou seja, com o emprego de mecanismos sociotécnicos. Assim, os responsáveis pela plataforma passam a modificar e reestruturar as políticas de uso, por exemplo. Tais mudanças visam promover a melhor experiência na plataforma, o que significa gerar mais engajamento (ARAÚJO, 2017). Logo, fazem parte desse processo tanto o trabalho dos algoritmos ao coletar dados, como os *feedbacks* dos usuários, mediante denúncias.

Diante do risco de fechamento da comunidade Ad adultos picante, definiu-se como objeto de estudo a comunidade *Ousadia permitida*, que preza pela qualidade a fim de não sucumbir. Para tanto, a administradora contava com experiência no sentido de saber como recorrer a diversos meios para evitar o fechamento do grupo. Como estratégia, lançaram desde o início a chamada sala secreta para postar imagens que poderiam ser detectadas pela inteligência artificial (*softwares* que bloqueiam *nudes*). A sala secreta funciona como uma conversa privada de grupo. Mas ainda assim fotos ousadas são compartilhadas publicamente entre os participantes.

As comunidades desse tipo se encaixam nos chamados grupos fechados, em que é necessária uma solicitação aos administradores para entrar. Normalmente, é preciso responder a algumas perguntas que visam revelar a idade, justificar a participação no grupo e indagar sobre o comprometimento com as regras. Inclusive há perguntas sobre se a pessoa se compromete a participar e a adicionar mais integrantes, tratando-se de comunidades que buscam reunir quantidade de participantes. Não houve dificuldade de entrar em vários grupos desse tipo, entretanto, o contato com os administradores e moderadores é muito difícil. Só houve êxito na comunicação com a fundadora da comunidade *Ousadia permitida*, apesar de procurar vários grupos, recebeu-se pouca ou nenhuma atenção nessas tentativas de contato.

Todavia, na comunidade escolhida, embora os participantes fossem aparentemente mais comedidos em suas postagens, a dinâmica na interação é bem semelhante à da Ad adultos picante. As postagens com nudez completa não são permitidas conforme as políticas

de uso da plataforma, entretanto, foram encontradas fotos em que a nudez é quase total. Quando a postagem é notificada pela equipe do *Facebook*, ela é considerada conteúdo questionável, então a plataforma passa a negociar com usuários e administradores. Já quando a quantidade de denúncias alcança número elevado, a comunidade fica visada e entra em risco de ser extinta. Durante a pesquisa de campo, não houve problemas com relação à possibilidade de fechamento do grupo selecionado, graças às táticas utilizadas pelos administradores.

5.1 A ENQUETE

Para a realização da enquete, vale dizer que houve dificuldade em obter as respostas. Segundo a administradora A, que consentiu a postagem da enquete no grupo, isso ocorreu devido à desconfiança por parte dos participantes que temem expor suas opiniões e serem identificados, ou por não ter um chamariz de cunho sexual. A administradora orientou que fosse acrescida alguma imagem ao questionário para que chamasse atenção e, ainda assim, foi preciso atualizar a postagem dias e dias para que algumas pessoas respondessem. A enquete vinha com o seguinte título: Cultura digital/ Relacionamento no espaço digital, e uma imagem de um casal vestindo roupas íntimas, um de frente para o outro, porém, entretidos em seus *laptops*. Aqui é possível deduzir que, por um lado, os participantes têm medo de se expor a ponto de serem rastreados e bloqueados. Por outro lado, há interesse apenas no prazer momentâneo e no dispêndio de tempo naquilo que interessa aos participantes da comunidade, logo, prevalece a ênfase no hedonismo e presenteísmo (MAFFESOLI, 1998).

Com o intuito de obter mais respostas outra medida foi adotada, o *link* para preenchimento da enquete passou a ser compartilhado não somente no grupo para todos os participantes acessarem, mas por meio da ferramenta de bate papo de maneira individual, ou seja, encaminhou-se um pedido para cada participante para que a enquete fosse respondida. Alguns apenas a visualizavam e ignoravam, outros tentavam contato. Tal decisão culminou em diversos recebimentos de *nudes* masculinos em que o órgão sexual era totalmente exposto, surgiram algumas abordagens mais sutis como convite para conversa acompanhados de *memes* cumprimentos ou até convite para sexo virtual e troca de *nudes*, porém, desvinculados de imagens. A administradora afirma que é natural o recebimento de *nudes* via bate papo, uma vez que é justamente esse um dos objetivos do grupo e que ela tem mais de cem mensagens não lidas, pois não são de amigos conhecidos.

Na enquete respondida por 30 integrantes, encontrou-se pistas que corroboram as teorias desta pesquisa. Entre os respondentes, 13 pessoas (43,3 %) são do sexo feminino e 17 pessoas (56,7%) do sexo masculino. Embora houvesse a opção outros, além de sexo feminino e masculino, não foi escolhida por ninguém. Com relação à faixa etária, duas pessoas (6,6%) têm entre 18 e 20 anos, ambas do sexo feminino, sete pessoas (23,3%) entre 21 e 30 anos, todas do sexo masculino. A maioria, 19 pessoas (63,3%), tem entre 31 e 59 anos, sendo dez do sexo feminino e nove do sexo masculino. Nessa pergunta, duas pessoas (6,6%), uma do sexo masculino e outra do sexo feminino, anularam ao marcar mais de uma opção. Entretanto, é possível afirmar que a maioria dos participantes atinge a maturidade no que se refere à idade adulta.

Com a pergunta “Ao postar *selfies*, qual a reação esperada?”, a opção mais escolhida foi receber comentários com dez respostas (33,3%), sendo sete pessoas do sexo masculino e três do sexo feminino (gráfico 1). Em segundo lugar, a opção receber curtidas ou botões de reação obteve sete respostas (23,3%), sendo duas pessoas do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Em terceiro lugar, a opção de preferência por convite para conversas via *in box* (conversa privada) obteve seis respostas (20%), com cinco pessoas do sexo masculino e uma do sexo feminino. Em quarto lugar, a opção referente ao desejo por sexo virtual obteve quatro respostas (13,3%), com três pessoas do sexo feminino e uma do sexo masculino. Em último lugar, convite para encontro pessoal alcançou três respostas (10%), sendo duas pessoas do sexo masculino e uma do sexo feminino.

Gráfico 1 – Pergunta formulada para enquete: Ao postar *selfies*, qual a reação esperada?

30 respostas

Fonte: Carolina Murad, 2018.

Diante do exposto, é perceptível o anseio dos participantes em ter visibilidade e aprovação do olhar alheio (SIBILIA, 2016) durante a interação no ciberespaço. A necessidade

de receber comentários aliada à segunda opção (receber curtidas e reações) demonstram o desejo de reconhecimento do outro (TAYLOR, 2011). Enquanto os homens preferem receber comentários, as mulheres preferem ser mencionadas via engajamento nos botões de reações.

Já para a pergunta “Gostaria de encontrar pessoas do grupo presencialmente?”, das 28 pessoas (93,3%) que manifestaram ter esse desejo, 17 eram do sexo masculino e onze do sexo feminino. Somente duas pessoas (6,7%), ambas do sexo feminino, disseram não ter interesse em encontro presencial. E, sobretudo, parece ser mais importante a aprovação e o reconhecimento do outro por meio de engajamentos na plataforma.

Quanto à pergunta “O que te motiva a participar dessa comunidade?”, 16 pessoas (53,3%) disseram que queriam fazer amigos, entre sete do sexo masculino e nove do sexo feminino. Já 12 pessoas (40%), nove do sexo masculino e três do sexo feminino, queriam conversas mais ousadas no privado, e duas pessoas (6,7%), uma do sexo masculino e outra do feminino, revelaram almejar encontrar um parceiro. Tais respostas comprovam o desejo de interação no meio digital em detrimento do encontro e relacionamento presencial. Em vista disso, o momento presente, o presenteísmo, bem como a consolidação de laços de amizade, são mais significativas que estabelecer um relacionamento duradouro, pois este ficou como última opção.

No que diz respeito à pergunta sobre postagem de *nudes*, “Já postou *nudes* na comunidade?”, 23 pessoas (76,7%) contaram que nunca postaram *nudes*, sendo onze do sexo feminino e 12 do sexo masculino, e sete pessoas (23,3%) afirmaram ter postado *nudes*, sendo três do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Apesar da prática ser proibida na plataforma *Facebook*, algumas pessoas se arriscam e colocam em certa medida o grupo todo em risco. Conforme a administradora A, as imagens masculinas com nudez são mais perseguidas pela plataforma que as femininas, resultando em maior número de bloqueios de perfis masculinos. No entanto, com relação à postagem de *nudes*, as respostas ficaram bem equilibradas quanto ao gênero.

Com a pergunta “Já teve um encontro presencial com alguém da comunidade?”, oito pessoas (26,7%), seis do sexo masculino e duas do sexo feminino, revelaram que sim e 22 pessoas (73,3%), onze de cada sexo, informaram que nunca se encontraram presencialmente com alguém da comunidade. Assim sendo, o número de pessoas que tiveram um encontro presencial (26,7%) ainda é menor do que o número de pessoas que gostariam de se encontrar pessoalmente (93,3%). Logo, as relações se efetivam majoritariamente via espaço digital.

A pergunta “Já recebeu convite para sexo virtual?” obteve as seguintes respostas: 25 pessoas (83,3%) deram respostas afirmativas, sendo 13 do sexo masculino e 12 do sexo

feminino, e cinco (16,7%) negaram, sendo que quatro pessoas são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Aqui fica comprovada a fala da administradora A de que um dos objetivos do grupo é o sexo virtual na plataforma, quando ocorre o *sexting*, ou seja, a troca de *nudes* e mensagens de cunho sexual, embora ela também afirme que muitos não têm coragem de assumir que compartilham dessa prática, principalmente as mulheres. Vale ressaltar que, apesar dos participantes demonstrarem ter interesse em fazer amizades, uma boa parcela parece procurar relacionamentos sexuais no ambiente digital, visto que pouquíssimas foram as respostas que mencionavam algo relativo à pesquisa quando o *link* da enquete foi compartilhado via *Messenger* com o objetivo de encontrar mais respondentes.

Para a pergunta que visava saber quais publicações eram mais interessantes, 17 pessoas (56,7%), nove do sexo masculino e oito do feminino, escolheram as brincadeiras interativas. Já nove pessoas (30%), seis do sexo masculino e três do feminino, elegeram *nudes*. Por sua vez, quatro pessoas (13,3%), duas de cada sexo, indicaram as enquetes como postagens mais interessantes. Novamente, o desejo de interação se fez presente, pois as postagens do tipo interativas promovem a conversa e a postagem de *selfie* por meio de comentários. As enquetes se diferenciam um pouco das brincadeiras interativas porque não incitam as pessoas a interagirem por meio de comentários, mas permitem que se construa uma ideia acerca de si por meio de opiniões. O desejo de observar as *selfies* com *nudes*, que ficaram em segundo lugar, reafirma a temática da sexualidade inerente à nebulosa afetual na comunidade (MAFFESOLI, 1998). Em outras palavras, fica expresso o desejo de trocas íntimas, seja por meio de brincadeiras que com frequência abordam a temática de relacionamentos íntimos ou de visualização de *nudes*, trazendo em si a plasticidade carregada de intimidade.

5.2 AS POSTAGENS

Durante três meses, foram observados e coletados dados sobre a comunidade *Ousadia permitida*, tais como: postagens diárias, quantidade e tipos de reações, e comentários. As postagens foram divididas em temas diferentes, que serão explicados a seguir.

Toda postagem que incentivava os participantes a interagirem foi denominada brincadeira interativa (figura 1). Essas costumavam pedir aos participantes para interagirem, geralmente, com as pessoas do comentário acima, sendo comum que esse tipo de postagem recebesse mais comentários. As interações consistiam muitas vezes em responder sim ou não para a pessoa do comentário acima do seu, e a pergunta costumava partir do autor da

postagem. Em outras situações eram lançados os chamados desafios, quando os participantes eram convidados a postarem *selfies* do rosto, partes do corpo ou livremente. Nas brincadeiras interativas, nota-se a ideia da construção de si (SIBILIA, 2016), uma vez que, pelos comentários postados, uma noção acerca de como cada participante é vai se formando. Seja por meio de textos que expõem opiniões ou de *seflies* do corpo, ambas exposições dão forma e comunicam aos demais integrantes. Tais práticas também dão corpo à nebulosa ou ambiência emocional que formará um corpo social da comunidade que, por sua vez, comunica por proxemia (MAFFESOLI, 1996, 1998). Aqui as máscaras (MAFFESOLI, 1998) são vestidas adequando e modelando subjetividades a fim de alcançar o maior número de engajamentos, visibilidade (SIBILIA, 2016), portanto, a busca por um lugar de destaque (EHRENBERG, 2010).

Figura 1 – Post ilustrativo de brincadeira interativa na página *Ousadia permitida* em 6 set. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018b).

As enquetes (figura 2), comumente, visam saber a opinião dos participantes a respeito de sua vida sexual como práticas, preferências, hábitos, fidelidade, ou ainda sobre essas condutas no ambiente digital. Nesse caso, o número de comentários foi considerado alto, poucas vezes essas enquetes eram feitas por participantes usando *post* mensagem com texto na comunidade, sendo em sua maioria composta de imagem com pergunta elaborada pelos administradores.

Figura 2 – Post ilustrativo de Enquete na página *Ousadia permitida* em 3 jun. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018c).

Outra forma de interação acontece com o uso de *memes*, imagens com mensagens que podem ser replicadas pelos usuários via internet (figuras 3, 4 e 5). Em geral, os *memes* sintetizam a mensagem unindo imagem e texto. Assim, estes foram divididos em três categorias: *meme* cumprimento, *meme* mensagem e *meme* piada. O primeiro se refere aos cumprimentos de bom dia, boa tarde, bom fim de semana e similares. O *meme* cumprimento tem função de comunicar, abordar para iniciar a interação, funciona como um pretexto para iniciar uma conversa e, ao mesmo tempo, reforça os laços de amizade. O segundo corresponde às mensagens e informações sobre sexo, relacionamentos, amizade etc. O terceiro se refere às ideias cômicas na maioria das vezes associadas também ao sexo e relacionamentos, ou seja, sobre as temáticas frequentes do grupo.

Figura 3 – Post ilustrativo de *Meme* Cumprimento na página *Ousadia permitida* em 9 mai. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018d).

Assim, *posts* que se referiam a essa prática foram denominados de sala secreta. Já as postagens de texto na comunidade, aquelas que permanecem no *feed* de notícias, foram chamadas de *post* mensagem. Majoritariamente, trata-se de mensagens de agradecimento por terem sido aceitos no grupo (figura 6).

Figura 6 – Ilustração de *Post* Mensagem na página *Ousadia permitida* em 5 jul. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018g).

De maneira geral, as postagens se concentravam nas categorias citadas, entretanto, outros tipos de postagens foram separados por não se encaixarem nestas. São eles: *post* fotos, *post* foto cumprimento, vídeos. As fotos não se encaixavam em *Selfies*, pois eram fotos, normalmente, feitas pelos usuários com temas aleatórios, como o caso de um participante que colocou a foto dos filhos no grupo, ou de outro que postou foto de alagamento do lugar em que mora. Outras fotos faziam referência ao órgão sexual masculino, isto é, eram imagens de objetos semelhantes ao falo. As fotos/ cumprimento referem-se a uma prática dos administradores do grupo de parabenizar os participantes no dia do aniversário ou comemoração de aniversário de namoro, casamento e afins.

Das 748 postagens coletadas (tabela 1), foram identificadas 215 *selfies* - comuns e com *nudes*, 195 enquetes, 194 *memes* - cumprimento, mensagens e piadas, 92 postagens com brincadeiras interativas e 31 posts com mensagens em texto, foto/cumprimento e *post* só com foto em maior quantidade. Em seguida, houve sete registros sobre a sala secreta e 14 de vídeos (com conteúdos aleatórios, mensagens, vídeo cumprimento e piada).

Tabela 1 – Listagem de postagens.

TIPO DE POSTAGEM	Nº DE OCORRÊNCIAS	TOTAL
Selfie	182	215
Selfie/ nudes	33	
Enquete	195	195
Meme/Cumprimento	52	194
Meme/mensagem	74	
Meme/piada	68	
Brincadeira interativa	92	92
Post mensagem	17	31
Post foto/cumprimento	7	
Post fotos	7	
Sala secreta	7	7
vídeo/aleatórios	2	14
vídeo/mensagem	2	
vídeo/cumprimento	1	
vídeo/Piada	9	
TOTAL		748

Fonte: Carolina Murad, 2019.

Quanto ao aspecto da interação, os comentários aparecem em maior número, seguidos de reações como *Like* (curtidas), *Love* (amei), *Wow* (uau), *Hahaha* (risos), *Sad* (triste) e *Angry* (raiva). Somam no total 11794 engajamentos entre comentários e reações. Agrupando apenas as reações, obtém-se a quantia de 5.258 engajamentos (tabela 2).

Tabela 2 – Quantidade e tipos de engajamentos.

ENGAJAMENTOS	Nº DE OCORRÊNCIAS
Comentários	6536
<i>Like</i>	4122
<i>Love</i>	512
<i>Wow</i>	350
<i>Hahaha</i>	264
<i>Sad</i>	8
<i>Angry</i>	2
TOTAL (REAÇÕES)	5258
TOTAL (REAÇÕES E COMENTÁRIOS)	11794

Fonte: Carolina Murad, 2019.

É natural que o botão de curtidas seja o mais utilizado, já que as demais reações surgiram anos depois no *Facebook*. O botão de curtir aparece em 2009, ou seja, sete anos antes dos botões de reações, segundo Fernandes (2018). Somente em janeiro de 2016 é que surgem os botões de reações na plataforma, até então só era possível curtir o conteúdo

(GOMES, 2016). Por isso, o botão de curtir parece ser o mais popular. Um dado discrepante foi a identificação de somente duas reações de raiva entre as 5.258 reações ou 11.794 manifestações totais, quando acrescentados os comentários.

5.3 ENGAJAMENTOS VIA COMENTÁRIOS

Tabela 3 – As dez mais comentadas.

	TIPO DE POST	CONTEÚDO	COMMENTS	LIKE	LOVE	ANGRY	SAD	HAHA	WOW
1	Brincadeira interativa	Opinião sobre a pessoa do comentário acima.	142	6				1	
2	Brincadeira interativa	Sexo oral com a pessoas do comentário acima.	101	9				1	
3	Brincadeira interativa	Diga a hora que vc viu esse post.	73	13					
4	Brincadeira interativa	Sobre interesse dos participantes em outros integrantes.	69	6					
5	Selfie/ nudes	Selfie seios feminino (participante).	68	11	5				1
6	Brincadeira interativa	"Pegar" a pessoa acima.	59	13					2
7	Selfie	Selfie feminina corpo inteiro (administradora A).	54	33	14				3
8	Sala secreta	Convite para grupo secreto	49	26	2				
9	Enquete	Tem algum amor secreto no grupo?	47	9					
10	Enquete	Comportamento no <i>whatsApp</i> .	45	6				1	1

Fonte: Carolina Murad, 2019.

Das postagens líderes em comentários (tabela 3), foram encontradas cinco de brincadeiras interativas, duas de enquetes, uma de *selfie nudes*, uma de *selfie* e uma de sala secreta. É esperado que esse tipo de *post*, brincadeira interativa, tenha mais comentários, dada a proposição de incentivar as pessoas a interagirem por meio de comentários. Normalmente, as brincadeiras interativas e as enquetes são de autoria das administradoras. A maioria das postagens que parte dos administradores é bastante visualizada. Aqui é enfatizada a ideia de busca não só de visibilidade como de direito à celebridade (SIBILIA, 2016).

Uma das brincadeiras interativas se refere à interação ao indagar: “A pessoa acima tem cara de santinha ou safadinha? Começando por mim”. (figura 7). A interação é feita ao formular e expor uma opinião a respeito dos integrantes da comunidade, momento em que pode ocorrer a legitimação do olhar dos outros via cliques nos botões de reações disponíveis para cada comentário.

Ao observar a interação via comentários, percebe-se que recebem engajamentos do tipo curtida, amei, risos e uau. Dessa forma, ninguém se comporta de maneira capaz de ofender, criticar, contrariar ou se sentir contrariado com relação às respostas dos colegas, portanto, o clima é amistoso e não há vestígios de desaprovação.

Figura 7 – Interação em brincadeira interativa na página *Ousadia permitida* em 24 jul. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018h).

Figura 8 – Interação por comentários na página *Ousadia permitida* em 28 jul. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018i).

Outra brincadeira interativa propunha uma interação mais ousada (figura 8). Os participantes deviam mencionar se aceitavam ou não praticar sexo oral com a pessoa do comentário acima. É comum nas postagens desse tipo os usuários dizerem não aos colegas de

mesmo gênero, ou ainda que as mulheres digam não aos homens, os quais podem reagir com o botão de tristeza pela investida mal sucedida. Então, normalmente, as mulheres se sentem à vontade para negar as tentativas de flertes masculinas, entretanto, isso não costuma ocorrer quando as tentativas partem das mulheres.

Em outro *post* de tipo brincadeira, a interação se orienta de maneira diversa. Os participantes devem dizer a que horas visualizaram o referido *post*. Com o intuito de interagir, as pessoas costumam comentar no *post*, obtendo visibilidade como consequência. Por esse viés, pode-se acrescentar a ideia de panórgico (MACHADO, 2003), uma vez que a intimidade invade o espaço público para ser contemplada, na medida em que via comentários algumas pessoas dão pistas do que estão fazendo, se estão conectadas durante a madrugada ou em horário comercial. Os horários nos comentários são bem diversificados, demonstrando a interação em “tempo real” e a constante conexão (figura 9).

Figura 9 – Brincadeira interativa sobre conectividade na página *Ousadia permitida* em 16 ago. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018j).

O *feed* de notícias procura manter a conectividade e interação por meio do acionamento dos usuários na plataforma, de modo similar, as postagens enquadradas no tipo brincadeira interativas têm esse propósito. O *feed* colabora avisando aos participantes da comunidade a cada atualização dos administradores do grupo ou de comentários dos demais participantes na postagem em que o usuário curtiu. Essa união das ações dos administradores e dos algoritmos ilustra bem a ideia de relações sociotécnicas (ARAÚJO, 2017).

Uma *selfie nudes* aparece como *post* de autoria de uma participante. Tratava-se de uma imagem dos seios em que apenas os mamilos eram tapados por dois *emojis*, aquelas imagens

que simbolizam e sintetizam uma ideia e emoção. Nesse caso, havia duas bocas femininas entreabertas cobrindo os mamilos. A participante dizia que era nova no grupo e perguntava se merecia um oi. O *post* recebeu muitos comentários, entretanto, alguns dias depois a participante não estava mais no grupo. Situações semelhantes em que uma pessoa entrava no grupo, passava alguns dias postando fotos bem ousadas e depois saía foram notadas algumas vezes.

Esse tipo de comportamento revela a quebra do sentimento comum, e o querer estar juntos deixa de fazer sentido para esses participantes que, então, abandonam o grupo corroborando a ideia de que o sentimento é instável (MAFFESOLI, 1998). Segundo a administradora A, “[...] quanto às pessoas saírem dos grupos é muito comum mesmo, devido ao fato de não se identificarem com os padrões do grupo ou não encontrarem o que realmente buscam”.

A sala secreta é uma postagem fixa, e por isso está sempre visível independentemente do fluxo de informações na comunidade. A imagem contém os seguintes dizeres: “Convite especial. Você está convidado(a) a participar de um grupo secreto... responda sim e continue...”. E por ser um *post* fixo é natural que tenha muitos comentários.

Das duas enquetes publicadas, uma pretendia dar visibilidade aos possíveis flertes na comunidade, uma vez que perguntava se os participantes tinham um amor em segredo no grupo. E a segunda era investida de teor cômico ao perguntar: “Se Deus pedir seu histórico do *Whatsapp*, você entra no céu? Sim ou não”. Quando se observa a noção de furor confessional (SIBILIA, 2016), no qual as pessoas se utilizam dos meios digitais para falarem de si paralelamente em que constroem a si próprios.

A intimidade e a privacidade que antes se limitavam aos círculos sociais e de amizade agora ocupam o ciberespaço, sendo divulgadas para um número bem maior de pessoas, de novo corrobora com o panórgico (MACHADO, 2003). No referido *post*, as pessoas ao mencionarem a entrada ou não no céu dão pistas de seu comportamento revelando subjetividades e modos de ser no âmbito privado, principalmente quando se leva em conta que o aplicativo *Whatsapp* é uma ferramenta de comunicação que costuma ser usada para assuntos confidenciais.

5. 4 ENGAJAMENTOS VIA REAÇÕES

Tabela 4 – As 10 mais curtidas.

	TIPO DE POST	CONTEÚDO	COMMENTS	LIKE	LOVE	ANGRY	SAD	HAHA	WOW
1	Selfie	Selfie feminina de rosto (administradora C).	19	34	4				
2	Selfie	Selfie feminina de corpo inteiro (administradora A).	54	33	14				3
3	Selfie	Selfie feminina de corpo inteiro (administradora A).	12	31	5				1
4	Selfie	Selfie feminina somente corpo (participante/ marido).	30	28	3			1	2
5	Sala secreta	Convite para grupo secreto.	49	26	2				
6	Selfie	Selfie feminina de rosto (administradora C).	13	25	3				
7	Selfie/ nudes	Selfie feminina nudes (participante/ marido).	27	24	2			1	5
8	selfie/ nudes	Nudes feminina das nádegas (participante).	18	23	3				3
9	Selfie/ nudes	Selfie feminina seios (participante).	21	23	9				2
10	Selfie	Selfie feminina de rosto (administradora C).	41	22	4				1

Fonte: Carolina Murad, 2019.

Ao selecionar as postagens que mais receberam *Like* (tabela 4), destacam-se as *selfies* femininas. Das dez postagens, duas são *selfies* da administradora A e três da administradora C. Como exceção, encontra-se o convite para a sala secreta, que se trata de uma postagem fixa e, portanto, está sempre visível, o que pode acarretar mais engajamentos, como dito.

Três *selfies* do tipo *nudes* duas são imagens de nádegas e um de seios cobertos por uma blusa molhada e transparente. Duas imagens eram de uma participante que se dizia solitária e à procura de sexo. Um participante que divulgava imagens de sua esposa recebeu engajamentos pela postagem de um *selfie nudes* e uma *selfie* comum. Em ambas, o rosto não era exposto. A moça exibia parte das pernas e a roupa íntima era revelada, na outra a esposa estava deitada de costas. O marido pedia aos outros homens opiniões a respeito da esposa.

Tabela 5 – As dez mais *love*.

	TIPO DE POST	CONTEÚDO	COMMENTS	LIKE	LOVE	ANGRY	SAD	HAHA	WOW
1	Selfie	Selfie feminina corpo inteiro (administradora A).	54	33	14				3
2	Selfie	Selfie feminina de corpo inteiro (participante).	13	10	10				5
3	Selfie/ nudes	Selfie feminina seios (participante).	21	23	9				2
4	Selfie	Selfie de rosto (casal de administradores A e B).	8	18	8				
5	Brincadeira interativa	Poderão ter calendário com sua foto no mês de aniversário.	19	16	8				5
6	Meme/ mensagem	Sobre mulheres obesas.	19	17	8				
7	selfie/ nudes	Selfie feminina de calcinha (participante).	20	21	8				5
8	Foto/ cumprimento	De aniversário para administradora A.	11	7	7				
9	Foto/ cumprimento	Cumprimento de administradora D.	15	16	6				
10	Brincadeira interativa	Sobre comemoração de 2 meses da criação do grupo.	23	9	6				2

Fonte: Carolina Murad, 2019.

Entre as postagens líderes em engajamentos do tipo *love* (tabela 5), sobressaem-se as *selfies* femininas. Mesmo os *posts* que fazem parte de outra categoria, como é o caso dos de foto/ cumprimento e brincadeira interativa, trazem *selfies* femininas. Uma das brincadeiras interativas contém três *selfies* ousadas da administradora A. Nesta, o administrador B

anunciava a nova brincadeira que consistia em fazer um calendário com fotos ousadas que deveriam ser enviadas pelos participantes para os administradores, e quem estreava era sua esposa numa montagem de calendário do mês de setembro. Por sua vez, as duas fotos/cumprimento trazem imagens das administradoras A e C.

Outra brincadeira interativa abria a possibilidade de visibilidade no grupo, uma vez que mencionava os integrantes por meio de agradecimentos pela comemoração de dois meses de existência do grupo, solicitando para que se apresentassem postando *selfies* nos comentários. À época, julho de 2018, foram contabilizados 23 comentários, entretanto, aproximadamente sete meses depois, havia 60 comentários neste *post*.

O único *post* do tipo *meme*/mensagem fazia uma crítica ao preconceito da sociedade a respeito de mulheres que estão fora do peso e, portanto, distante do padrão de beleza disseminado na atualidade (figura 4). Ao que parece, algumas pessoas se sentiram representadas pelo *post*, isto quer dizer que houve reconhecimento e aceitação gerando sentimento de pertencimento à tribo. Ainda que essas pessoas estejam fora do padrão de beleza ostentado atualmente, a alteridade é acolhida em harmonia conflitual (MAFFESOLI, 1998).

Tabela 6 – As dez mais *wow*.

	TIPO DE POST	CONTEÚDO	COMMENTS	LIKE	LOVE	ANGRY	SAD	HAHA	WOW
1	Brincadeira interativa	Poderão enviar foto para ser capa da playboy por um dia	19	15	4				7
2	Brincadeira interativa	Poderão enviar foto para ser capa da playboy por um dia	11	15	6				6
3	Selfie/ nudes	Selfie feminina nudes (participante/ marido).	24	21				1	6
4	selfie/ nudes	Selfie feminina de calcinha (participante).	12	12	3				6
5	Brincadeira interativa	Poderão ter calendário com sua foto no mês de aniversár	19	16	8				5
6	Selfie	Selfie feminina meio corpo (participante).	26	16	2				5
7	Selfie	Selfie feminina de corpo inteiro (participante).	13	10	10				5
8	Selfie	Selfie feminina de rosto (participante).	13	21	5				5
9	Selfie/ nudes	Selfie feminina nudes (participante/ marido).	27	24	2			1	5
10	selfie/ nudes	Selfie feminina de calcinha (participante).	20	21	8				5

Fonte: Carolina Murad, 2019.

Com relação às postagens que mais receberam reações do tipo *wow* (tabela 6), as *selfies* ganharam mais uma vez evidência. Três *selfies* comuns são de participantes. Três brincadeiras interativas também trazem *selfies*, em duas estão a administradora A e, em outra, uma participante. Trata-se de uma montagem para capa da revista *playboy*. Esse tipo de brincadeira parece fazer referência à ideia de celebridade suscitada por Sibilia (2016), e há possibilidade das pessoas se sentirem em lugar de destaque (EHRENBERG, 2010). Em ambas as montagens, pode-se ler as frases: Seja capa da *Playboy* por um dia; Mande sua foto pelo *Messenger*; Aqui a brincadeira fica mais ousada; A revista do homem; Só para ousados.

Todavia, na primeira, o nome da administradora A precede os dizeres: A musa do ousadia. E, na segunda, o nome de uma participante antecede os dizeres: A ousadia nas formas de uma mulher misteriosa.

Em duas *selfie nudes* reaparece o perfil do marido que divulga imagens da esposa. Em um dos casos, diferentemente dos outros *posts*, a fala é da moça, embora o perfil seja do marido: “Boa tarde gp sou casada 46 anos porisso ninguém vai comenta tou gostosa ou não”. [sic]. Outras duas *selfie nudes* são de uma participante, numa ela puxa a roupa íntima com a mão numa referência de tirá-la, e em outra imagem varia o enquadramento colocando as nádegas em evidência. Em todas essas o rosto não aparece, a ênfase é dada ao corpo.

Tabela 7 – As dez mais *hahaha*.

	TIPO DE POST	CONTEÚDO	COMMENTS	LIKE	LOVE	ANGRY	SAD	HAHA	WOW
1	Meme/ piada	Mãe e filha na praia.	23	11				9	
2	meme/ Piada	Infidelidade.	5					9	
3	Meme/ piada	Encontrar a outra metade.	4	1	1			5	
4	Meme/ piada	Estado civil.	4	4				4	
5	Meme/ piada	Piada sobre sexo.	5	3				4	
6	Enquete	Gafes no ato sexual.	16	5				4	1
7	Meme/ piada	Imagem de olho que parece órgão genital feminino.	4	2				4	
8	Meme/ piada	Dificuldade de viver sem as redes sociais.	5	3				4	
9	Meme/ piada	Sexo oral.	3	2				4	
10	Enquete	Preferência por mulheres fora do padrão.	20	12	1			4	1

Fonte: Carolina Murad, 2019.

Sobre as postagens que receberam mais reações do tipo *hahaha* (tabela 7), os *meme* piada são naturalmente a maioria, há apenas duas enquetes e ambas investidas de teor cômico. Mas não há nenhuma *selfie*. Um dos *posts* se refere à imagem de uma senhora e uma moça com os seguintes dizeres: “Pra pegar a filha tem que pegar a mãe”, acompanhado de um desenho de um homem como os seguintes dizeres: “Traz a véia”. (figura 5). Embora o grupo seja constituído basicamente por pessoas maduras, ninguém se manifestou em desagrado pelos botões de tristeza ou raiva, não houve identificação com o *post* nesse sentido, talvez pelo caráter cômico da mensagem. Todos os outros *posts* se guiam por temas sexuais e de relacionamentos permeados pela comicidade. Como exceção, há uma piada abordando a dificuldade que as pessoas têm de viverem sem a tecnologia digital e os aparelhos celulares e, apenas neste, o teor sexual não existe.

Tabela 8 – Dois engajamentos do tipo *Angry*.

	TIPO DE POST	CONTEÚDO	COMMENTS	LIKE	LOVE	ANGRY	SAD	HAHA	WOW
1	Enquete	Deixar de fazer algo para agradar alguém.	11	9		1			
2	Meme/ piada	Piada de duplo sentido.	6	2		1		2	

Fonte: Carolina Murad, 2019.

Entre os 5.258 engajamentos considerando reações, foram identificadas somente duas reações de raiva (tabela 8). Um dos *posts*, do tipo enquete, que recebeu a reação de raiva se referia a deixar de fazer algo para agradar alguém. Aqui está presente a ideia de autenticidade em que há a troca dialógica, defendida por Taylor (2011). A ideia de ser por si próprio colide com o desejo de aprovação do outro, ou ainda pode-se dizer que a autorrealização não se cumpre ao se submeter à aceitação do outro, algo que parece incomodar o participante.

O outro *post* de autoria de um participante da comunidade referia-se à suposta preferência das mulheres por dinheiro em detrimento do tamanho do órgão sexual masculino. Neste *post*, uma participante demonstrou descontentamento. O número irrisório desse tipo de reação negativa se mostra relevante, pois os integrantes da comunidade parecem não querer demonstrar a máscara da insatisfação. Em outras palavras, procuram não dar vazão ao lado crítico fomentando uma ideia de que estar ali interagindo só traria bons sentimentos, baseando-se na proposta de exibir um personagem mais aurático e atraente possível (SIBILIA, 2016).

Além disso, a não aprovação mútua pode exprimir falta de consideração entre os que integram a comunidade. Evidenciar raiva pode levar à ideia de não cordialidade e desaprovação infringindo a experiência ética (MAFFESOLI, 1998) desejada na interação em grupo, ou a aprovação do olhar alheio que traz por consequência a visibilidade por meio do botão *like* (SIBILIA, 2016). A ausência de reações de raiva em *selfies*, por exemplo, comprova que se evita fazer qualquer menção à ideia de desaprovação quanto ao eu construído por cada indivíduo. Faz parte das práticas de grupo, portanto, a aceitação e aprovação mútua. Tem-se como aura estética, o sentimento em comum, a noção do desejo de aceitação emanada pela tribo, e que regula a ética de grupo, práticas e regras próprias, adepta ao acolhimento dos participantes por meio da aprovação. (MAFFESOLI, 1998).

Tabela 9 – Engajamentos do tipo *sad*

	TIPO DE POST	CONTEÚDO	COMMENTS	LIKE	LOVE	ANGRY	SAD	HAHA	WOW
1	Enquete	Relacionamentos: "Vc já se apaixonou virtualmente?"	14	9			1		
2	Enquete	Traição por sexo virtual.	4				1	2	1
3	Enquete	Sexo no período menstrual.	6	3	1		1		
4	Enquete	Como os participantes estão se sentindo emocionalmente.	10	4			1		
5	Post mensagem	Quero uma amor que seja recíproco (participante).	22	10	1		1		
6	Enquete	Sobre já ter sido amante.	10	7			1		
7	Enquete	Encontrar seu sobrenome na imagem.	20	11			1		
8	Meme/ mensagem	Relacionamento (decepções amorosas).	5	7			1		

Fonte: Carolina Murad, 2019.

Algo similar ocorre com o botão ligado à tristeza, este sentimento foi manifesto apenas oito vezes entre 5.258 engajamentos via reações (tabela 9), sendo uma única vez para cada *post*. Dois *posts* se referiam a relacionamento virtual, ambos de autoria de participantes da comunidade. Um deles sobre traição e o outro perguntava se os participantes já tinham se apaixonado virtualmente. O *post* que abordava o tema traição aludia à prática de deixar de se relacionar com a esposa e preferir fazer sexo virtual.

Figura 10 – Participante comenta sobre arrependimento por relacionar-se no ambiente digital na página do *Ousadia permitida* em 03 jul. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018k).

Já o *post* que perguntava sobre paixão virtual, além da menção do botão de tristeza no *post*, houve o comentário de uma pessoa que reagiu com tristeza dizendo que havia se arrependido de apaixonar-se. Outros participantes mostraram-se solidários em seus comentários (figura 10). Logo, a ideia de fazer amigos como resposta (53,3%) à pergunta “O que te motiva a participar dessa comunidade?” passa a fazer sentido quando se apoiam em postagens que trazem confidências.

Diante dessas reações isoladas sobre relacionamento no ambiente virtual, pode-se refletir acerca da vontade de manter encontro presencial expressa pela maioria dos respondentes na enquete, já que 93,3% gostariam de encontrar pessoas da comunidade. Parece haver descontentamento com relação à interação restrita ao espaço digital, ou ainda à ideia de reconhecer a distância física como barreira.

Outros três *posts* relatavam problemas enfrentados na vida amorosa. O primeiro mencionava a reciprocidade no amor, referindo-se a um *post* mensagem de uma participante que dizia desejar um amor recíproco, prevalecendo a noção de confidenciar a vida íntima. O segundo, de autoria da fundadora da comunidade, perguntava se os participantes já tinham

sido amantes, uma pessoa respondeu afirmativamente e demonstrou tristeza pelo botão de reação. O terceiro, também de autoria da fundadora, falava sobre o fim de relacionamentos por comportamentos inadequados como ciúmes, mentira, desrespeito etc. Nesse caso, predominou um discurso de apoio entre os participantes, conforme nota-se nos comentários, assim, a administradora A afirma em entrevista que muitas vezes age como uma psicóloga virtual (figura 11).

Figura 11 – Comentários com confidências e apoio entre os participantes na página *Ousadia permitida* em 23 ago. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018l).

Um *post* de uma participante visava saber se apreciavam a prática sexual durante o período menstrual e, outro, divulgado em nome da administradora A, perguntava sobre o estado emocional dos participantes, quando alguém quis demonstrar como se sentia usando o botão de reação.

Torna-se interessante realçar que houve uma abordagem diferenciada que não mencionava relacionamentos afetivos. Tratava-se de um *post* no qual os participantes deveriam procurar seu sobrenome numa imagem que dispunha vários sobrenomes sobrepostos, entretanto, uma participante se decepcionou por não encontrar o seu. Esta integrante parece demonstrar descontentamento por sentimento de exclusão no grupo.

5.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para entender como se estabelece a comunicação na comunidade, é preciso avaliar *posts* com mais ou menos números de engajamentos. Um número inferior de engajamento pode indicar certa hesitação por parte dos integrantes, e por isso sua importância. A partir disso, é possível compreender a nebulosa afetual que emana do grupo na qual estão imersas as temáticas mais discutidas e as motivações que engendram o sentimento comum, como elo de afinidade que une a pessoa à tribo. Sendo assim, *selfies* e brincadeiras interativas se destacam quando compilados os *posts* que receberam mais engajamentos. Nesse caso, todas as mobilizações apontam emoções positivas por meio dos botões de reações *like*, *love* e *wow*.

Já as enquetes surgem com mais frequência entre os que recebem reações que ilustram sentimentos negativos como *angry* e *sad*. Elas aparecem seis vezes entre as oito que receberam menções de tristeza, e um registro entre as duas que mencionam a reação de raiva. Ainda assim, o número de menções à raiva e tristeza é raro, avaliando o total de 5.258 reações. Isto pode indicar que nas enquetes as pessoas se sentem mais à vontade para revelar opiniões críticas do que nas brincadeiras interativas.

A exemplo das enquetes, os *meme*/mensagem, apesar de publicados em grande número (74 *posts*), só aparecem duas vezes quando selecionadas as dez postagens mais mobilizadoras. Aparece uma vez entre as que receberam menção no botão *love* com um *meme*/mensagem sobre mulheres obesas de corpo fora do padrão e da dificuldade de aceitação por parte das pessoas. E outra vez entre os poucos que receberam reações de tristeza, referindo-se ao fim dos relacionamentos por comportamento imprudente. Aqui as dificuldades de autorrealização são compartilhadas entre os participantes. O único registro de *post* mensagem também compartilha as dificuldades no relacionamento amoroso elencado entre as poucas reações de tristeza. Ademais, não há ocorrência de *meme*/cumprimento (52 *posts*). Já os *meme*/piada (68 *posts*) aparecem quase onipresentes entre os que geraram mais engajamentos do tipo *hahaha*, com oito registros.

Atitudes audaciosas como a do marido que divulgava fotos da esposa trouxeram bastante visibilidade, sendo encontrados entre as que receberam mais *like* e *wow*. Todavia, esses *posts* receberam uma reação do botão *hahaha* em duas das postagens, de modo a satirizar a situação, mas não houve conflito entre os participantes.

A divulgação de *selfie* é uma prática frequente, inclusive as brincadeiras interativas trazem diversas vezes as imagens dos administradores ou incentivam a divulgação de imagens dos participantes por meio de comentários. Assim, é conseguida a almejada visibilidade

sendo, portanto, a principal prática na comunidade que leva às outras interações que são consequência da divulgação de si. Ademais, as duas fotos/cumprimento são *posts* que expressam imagens de participantes, administradores e moderadores.

Torna-se importante ressaltar que as *selfies* da administradora C ou do casal de administradores A e B estão entre as preferidas. Inclusive, é possível encontrar uma única *selfie* da administradora A em três relações de postagens mais mobilizadoras com reações: *love*, *wow* e *like*. A exemplo disso, a brincadeira interativa que traz a proposta de montagem de calendário, na qual a administradora A figura estreando também se repete entre as mais ressaltadas com *love* e *wow*. Esse tipo de *post* visava dar lugar de destaque (EHRENBERG, 2010) e visibilidade (SIBILIA, 2016) aos que enviassem por *Messenger* as suas *selfies* para usar no calendário do mês ou participar de uma montagem como capa da revista *Playboy*.

Em diversos *posts* que buscavam promover interação, nota-se os chamados desafios, em que os participantes são estimulados a postarem *selfies* do corpo ou parte do corpo e a partir daí esperam comentários e curtidas. Os mais ousados costumam ter grande número de curtidas. Aqui é corroborada a ideia de Ehrenberg (2010) sobre o esporte-aventura em que as pessoas são incentivadas a competirem entre si em busca da maior visibilidade. O próprio termo ousadia já traz consigo conceito e originalidade, bem como a ideia de desafio traz a noção de assumir riscos, uma vez que os *posts* são submetidos aos cliques como forma de aprovação, a depender da ousadia de cada participante. Sobrevive quem tem maior visibilidade, aquele que melhor se destaca nas provas ofertadas na comunidade. Aliás, em alguns desafios, é solicitado que as pessoas postem fotos, enquanto outros deem nota, o que elucida o sentido de competição. Ou quando os participantes são homenageados com a categoria foto/cumprimento, que se assemelha à ideia de eleição de funcionários do mês, comumente encontrada nas práticas empresariais, concedida aos escolhidos maior visibilidade.

As *selfies* masculinas não aparecem entre as que lideram em engajamentos, pelo contrário, ocupam os últimos lugares quando selecionadas apenas as *selfies*. A administradora A diz que os perfis masculinos costumam ser mais perseguidos, sendo maior a chance de bloqueio pela plataforma.

Dada a alta manifestação de postagens com *selfies*, é notória a confirmação da teoria de Sibilia (2016) quanto à autopromoção do sujeito contemporâneo, cujo uso explica a intenção da construção de si. A extimidade, ou seja, a visibilidade da intimidade, comentada pela autora, é ressaltada tanto nas *selfies* com *nudes* ou comuns, haja vista um elemento frequente na maioria das imagens que é o cenário. Normalmente, trata-se da casa dos

participantes que exibem o quarto ou banheiro, enfim, a intimidade do lar é adentrada por estranhos por meio dos olhos de vidro das lentes fotográficas dos aparelhos eletrônicos. A cada *selfie* se faz a autopromoção em busca de um eu visível, que pode ser aceito mediante cliques, comentários e curtidas. Aqui se faz presente também a ideia de panórgico (MACHADO, 2003), em que a intimidade invade o espaço público para ser contemplada.

Nas enquetes, as pessoas podem construir e divulgar ideias acerca de si que se orientam pela noção de intimidade. Então a extimidade é realçada com frequência, salvo raras exceções, pois promovem o debate acerca de hábitos, preferências, opiniões, majoritariamente com relação ao sexo. Muitas dessas enquetes visam ainda a divulgar as relações entre participantes, o que pode promover e reforçar os laços de amizade na comunidade, como é o caso de apoio mútuo quando são reveladas confissões íntimas via comentários. Nessa perspectiva, as brincadeiras interativas também tem essa intenção ao promover um diálogo nos comentários a partir de perguntas que visam incentivar os participantes a interagir uns com os outros, a partir disso os que já se conhecem reforçam a interação ou podem conhecer novos participantes.

No que diz respeito aos costumes e práticas na contemporaneidade, a administradora A, ao ser indagada sobre as mudanças na maneira de se relacionar na era digital, diz acreditar que os novos formatos vieram para “substituir as cartas de antigamente” (Administradora A). Todavia, as correspondências entregues pelos carteiros não eram públicas, e ainda não são, já as postagens e conversas acontecem num espaço acessado por muitos. Sobretudo, há tempos as pessoas se comunicam bem menos por cartas convencionais. Sibilia (2016) faz uma analogia semelhante relacionando as escritas confessionais do século passado e os *blogs* na atualidade. E é possível encontrar em *posts* mensagens, comentários, *memes*, confissões a respeito da intimidade que ocupavam a intimidade do lar, e que agora passam a ocupar o ciberespaço. Nesse sentido, os participantes são emissores, receptores e produtores de conteúdos. Partes das biografias ficam à disposição na comunidade, seja por meio de relatos ou de imagens. Trata-se das ideias de divulgação da vida real, pois, segundo Sibilia (2016), só corroboram a ideia de realidade os relatos de conteúdo íntimo, privado. A proposta de forjar um eu no espaço digital fica expressa numa fala da administradora A, ao ponderar sobre as temáticas mais discutidas:

Tudo que envolve relacionamento afetivo, sexual. Na verdade, a grande maioria entra no grupo achando que vão poder postar de tudo, mas não é a finalidade nossa. Era somente pra ser um espaço onde os adultos pudessem falar de algo que são limitados no seu mundo real, pessoas querem tirar dúvidas, paquerar [*sic*]. (Administradora A).

Tal trecho indica que as pessoas se sentem mais à vontade para abordar tais assuntos no espaço digital, entendido como lugar para se extravasar os sentimentos. A administradora A afirma inclusive que muitos participantes são casados e só procuram distração, essa busca por distração se refere às ideias sobre o hedonismo contemporâneo, bem como as noções de instabilidade e presenteísmo (MAFFESOLI, 1998), já que não há preocupação com o futuro e apenas com prazer imediato no momento presente. Outras pessoas querem desabafar e procuram o grupo para isso.

Eu costumo dizer que sou uma psicóloga virtual. Meu divã vive cheio. [...] Muitas pessoas tem problemas nos seus relacionamentos e querem conselhos. Eles veem meus comentários e isso chama a atenção [...]. Fico até lisonjeada com o carinho delas comigo. Sou muito verdadeira e digo o que penso, como sou e com isso sou muito assediada [sic]. (Administradora A).

A vida dos participantes e os corpos divulgados por meio de *selfies* comprovam o quanto a vida está imersa no ambiente digital, ou seja, fenômenos do cotidiano se digitalizam e são tidos como informação, o que revela as mudanças dos paradigmas que a sociedade da era digital vem sofrendo. Portanto, há a migração ao menos de parte das relações do espaço físico para o ciberespaço. A própria administradora A assegura: “Na madrugada vejo que tem muitas pessoas solitárias e que buscam apenas um pouco de carinho, que talvez não encontram. Querem companhia pra ajudar a passar o tempo”. Aliás, ela garante que a dinâmica do grupo funciona como terapia, havendo troca de experiências.

Tais relatos confirmam que a administradora A também busca aprovação e afeto dos participantes na comunidade. Inclusive, ela conta que foi pedida em casamento e que já teve vários amigos virtuais que a idealizavam como mulher e se apaixonaram. O assédio sofrido parece fazer referência ao direito de espaço como celebridade do qual fala Sibília (2016). Não à toa que a própria foto de capa da comunidade carrega sua *selfie*, que é divulgada em muitos *posts*, numa espécie de marca d'água. A administradora A revela querer estabelecer uma identidade visual cuja marca do grupo consiste na sua própria *selfie*.

O que o Ehrenberg (2010) chama de imitar a si mesmo, em lugar de copiar grandes celebridades, uma perspectiva corroborada por Sibília (2016) ao mencionar o desejo de ter seu espaço como celebridade na contemporaneidade, é identificada por meio do sucesso das *selfies*. O teor íntimo que na maioria das vezes acompanha esses relatos ou imagens é considerado realidade. A realidade é entendida quando se divulga a vida nos bastidores, a vida como ela é, conforme Sibília (2016). Alguns *posts* também desafiam os participantes a provarem que não são perfis falsos, ou seja, os chamados *fakes*. Para tanto, é necessário que

postem uma *selfie* para provarem quem são e como são. Implícita na ideia de *fake* está a ideia de não se mostrar como se é de verdade, isto é, revelar a intimidade é mostrar a realidade.

O princípio de se tornar uma celebridade defendido por Sibilia (2016), assim como a noção de figura idealizada proposta por Maffesoli (1996), fazem compreender a notoriedade conferida aos fundadores da comunidade. São eles que, em certa medida, operam como mecanismo de atração. O chefe, herói ou guru são necessários, mas são relegados a segundo plano quando a aglutinação predomina. Então, a função primordial dos administradores é mover a estrutura de identificação que visa o estar juntos. Suas ações na comunidade comunicam e promovem a interação, ainda mais quando se leva em conta que as postagens mais mobilizadoras são de autoria destes.

O administrador B faz uma descrição significativa em um *post* de comemoração de dois meses da criação do grupo:

Ser livre depende de escolhas que proporcionamos a nós mesmos...e quer melhor maneira para demonstrar tal liberdade do que ousando...assim é a proposta desse grupo...extrair de cada um aquilo que permanece adormecido dentro deles...a ousadia nos permite sermos iguais, sem distinção, sem deboches, sem preconceitos e acima de tudo...sem correntes...Felizmente estamos atingindo nossa finalidade e tornando a vida das pessoas...inclusive a nossa.. melhores. Os parabéns não recai a uma idéia, mas para aqueles que a tornaram real...então os parabéns são de todos vcs e a nós os administradores, nos resta, agradecer, pois sem a participação de todos.. cada um do seu jeito...isso tudo não seria possível...obrigado família!!!! E não economize ousadia. [sic].

Os conceitos de liberdade de escolha, enfrentamento de desafios, construção de si mesmo e de construção de espaço ocupado no mundo, estão presentes neste relato. Ademais, a ideia de empresarização da vida e espírito de equipe, uma vez que menciona a participação de todos, também se faz presente. A imagem de herói de si mesmo, falado por Ehrenberg (2010), fica explícita no trecho acima, isto que dizer que é possível obter sucesso por meio de suas próprias escolhas. No enalço dessas noções, o conceito de autogoverno é evidenciado quando a responsabilidade se torna um compromisso individual. A ideia de desafio do conceito de esporte-aventura de novo é transmitida pela proposta de ser ousado. Ainda com relação à empresarização da vida, curtidas e comentários agem como maneiras de motivar as pessoas a postarem. Uma coisa leva a outra, imagens são propaladas em busca de aprovação, servindo como motivação para que as pessoas continuem postando. Os parabéns e agradecimentos do administrador B também tem intenção de motivar o grupo, comportamento típico de empresas, e abaixo de uma *selfie* do casal administrador pode-se ler um comentário em que diz: chefe (figura 12). De forma simultânea, as ideias de família e equipe se mesclam.

Figura 12 – Post de comemoração da fundação do grupo na pagina *Ousadia permitida* em 05 jul. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018m).

Em entrevista, ambos administradores admitem que o grupo funciona como terapia ou ferramenta de autoaceitação. Não se é capaz de afirmar que se trata da ideia de indivíduos sob perfusão que buscam mecanismos de conforto psicológico, comentado por Ehrenberg (2010), pois seria leviano fazer tal assertiva sem uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto, mas há algumas evidências. Por exemplo, existe a possibilidade dessas pessoas terem problemas emocionais até pela pressão a que são expostas na contemporaneidade. Por pressão, entende-se os argumentos apresentados por Ehrenberg (2010) e Sibilia (2015, 2016) e discutidos nos capítulos teóricos, como a necessidade de atualização constante inclusive do corpo, a busca constante pelo melhor desempenho, e a necessidade de avaliação e aprovação constante etc. É importante observar que o perfil dos participantes da comunidade se concentra na faixa etária de 40 a 60 anos. Logo, há indícios de que a comunidade sirva de ambiente para fornecer apoio e conforto psicológico, algo que ocorre espontaneamente por meio de encontro casual de pessoas no espaço digital sem custos, sem pagamento.

As comunidades não visam lucro, contudo, os administradores podem abrir páginas no *Facebook* para gerar renda, pois nestas pode haver publicidade a depender da quantidade de acessos dos usuários. No entanto, a administradora A afirmou em entrevista que não tem essa intenção. É comum que administradores fundem comunidades e depois que conseguem reunir muitos participantes, tornando a comunidade popular, acabem abrindo uma página com nome igual para angariar renda. Isso explica a necessidade de obter grande número de participantes, o que não é o caso dessa comunidade objeto do estudo que surgiu no intuito de ter qualidade,

segundo a fundadora, sendo necessário passar por uma espécie de seleção para se associar ao grupo.

Sobre a necessidade de ganhar *like*, a administradora A comenta: “É o que mais vejo. Alguns até reclamam justamente disso, pelo fato de algumas mulheres só buscarem uma promoção pessoal. Mas há aqueles que querem elevar a autoestima, se sentirem desejados”. O administrador B ratifica quando questionado sobre o que leva as pessoas a postarem *nudes*: “Autoafirmação, carência, sentir que ainda provoca algo em alguém, alguns por puro exibicionismo ou apenas porque gosta de brincar ou jogar”. É perceptível o desejo de aprovação alheia em ambas afirmativas, entretanto, na fala do administrador B também se destaca a ideia de disputa e concorrência (EHRENBERG, 2010). Fica explícito que a postagem de *selfies nudes* ou comum chama a atenção pelo teor íntimo que carrega, alcançando bastante mobilizações.

Além das interações entre os participantes na comunidade que fomentam o relacionamento virtual, o grupo conta com diversos *posts* que abordam a temática de relacionamentos no ciberespaço em si. Tais como a possibilidade de encontrar um amor nas redes sociais, ou a ideia de trazer alguém do virtual para o real, ou apaixonar-se virtualmente. Diante dessa circunstância, as duas linhas em tensão relatadas por Sibília (2015) parecem presentes. Os preceitos de vocação faústica se encontram nessa tendência de digitalização das relações. Assim como surgem abordagens sobre os corpos que não se enquadram no padrão estipulado pela sociedade. Por outro lado, os preceitos de vocação prometeica, que entende que a natureza tem seus limites, reivindicam e legitimam os corpos de mulheres obesas, por exemplo (figura 13). Em *posts* do tipo mensagem foram levantadas problemáticas que pretendiam ponderar a noção de aceitar a si ainda que com imperfeições. Inclusive, muitas *selfies* demonstram despreocupação com relação a certos padrões como a necessidade de manter a juventude ou o padrão estético de magreza.

Muitos participantes são maduros e não se intimidam em divulgar a aparência por meio de *selfies*. Várias imagens de corpos também são expostas sem a preocupação de esconder possíveis imperfeições quando comparados aos modelos de beleza cobiçados por muitos na atualidade, sendo que, às vezes, recorre-se a procedimentos cirúrgicos para se aproximar de um imaginário de perfeição. Logo, os preceitos de vocação fáustica, os quais não toleram o inevitável envelhecimento e imperfeições, não despontam como determinantes. Consequentemente, prevalece a proposta de se mostrar como se é, ratificando a ideia de realidade.

Figura 13– Post ilustrativo de mulheres fora do padrão na página do *Ousadia permitida* em 22 set. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018n).

No que diz respeito ao estabelecimento de contato presencial, ele não foi totalmente descartado. Aliás, a maioria dos respondentes disse que gostaria de encontrar as pessoas com as quais se relacionam na comunidade presencialmente. O relacionamento do casal administrador é uma situação ilustrativa. A administradora A conta que conheceu seu parceiro, hoje marido, em uma comunidade similar à administrada atualmente. A relação migrou do digital para o presencial. Todavia, para a pergunta que visava saber se as pessoas da comunidade tinham se encontrado presencialmente, a maioria respondeu negativamente. De igual modo, a ideia de encontrar um parceiro na comunidade também não obteve número elevado de respostas positivas.

Na pergunta que visava saber o que esperam os participantes ao postar *selfie*, Uma parcela de respondentes admitiu querer sexo virtual na comunidade, entretanto, essa opção ficou em penúltima opção na enquete. Portanto, em certa medida, a prática de sexo via ciberespaço não foi rejeitada.

As constantes mudanças na política de publicações e a necessidade dos administradores se atualizarem revela a instabilidade da plataforma. Trata-se de um movimento circular, uma vez que os gestores do *Facebook* ficam atentos às demandas dos usuários que também oscilam bastante. Muitas imagens, por exemplo, de quando os dados foram coletados não estão mais disponíveis hoje para consulta, seja porque o conteúdo foi apagado, o participante saiu do *Facebook* ou até por bloqueio do usuário pela plataforma. Os participantes são instáveis em seu comportamento. Muitos entram no grupo, ficam alguns

dias, interagem e postam fotos, mas logo saem, geralmente por livre vontade, segundo a administradora A.

Nesse sentido, as imagens, as publicações e até os grupos são efêmeros. Sobrevivem as comunidades que conseguem driblar e/ou respeitar as políticas de uso da plataforma, e também quando os administradores conseguem manter seus participantes ativos. Contudo, a ideia de presenteísmo (MAFFESOLI, 1998), em que os contratos são revogáveis, bem como a ideia de hedonismo ganham ênfase, à medida em que os participantes não se sentem obrigados a continuarem na comunidade, nem em migrarem do relacionamento no digital para o físico. O importante é a interação e autorrealização (TAYLOR, 2011) no aqui e agora, quando o participante integra à tribo ao reconhecer no outro o sentimento comum (MAFFESOLI, 1998). Isto quer dizer que a nebulosa afetual que emana da tribo o atrai, mas não o obriga. Segundo Machado (2003), trata-se das tecnologias do imaginário cujo poder de sedução é mais eficaz na sociedade contemporânea que nas anteriores, momento em que a manipulação se fazia presente. Hoje, os sujeitos são então dominados pela adesão.

A comunidade *Ousadia permitida* que tem como diferencial, conforme os administradores, a qualidade ao invés da quantidade, contava com aproximadamente 300 participantes em um mês de existência, em junho de 2018; já em dezembro de 2019 contava com 858 e, finalmente, em janeiro de 2019 registrava 766 participantes. Assim, observa-se a instabilidade da participação e das próprias relações. Porém, a administradora A assegura que muitos saem por conta própria ou por bloqueio da plataforma, ou seja, por violarem as regras estabelecidas. O administrador B elucida:

Muito raro tomarmos qualquer atitude de exclusão, isso se deve a forma como aceitamos as adesões. No grupo, pelo fato das pessoas procurarem nudes explícita ou reciprocidade e o *Facebook* não permitir, muitas desistem, quanto à sala, a permanência é maior [sic].

Nesse trecho, ele se refere à análise a qual os participantes são submetidos antes de permitirem a entrada no grupo, evitando possíveis perfis falsos e menores de idade. Segundo o casal de administradores A e B, os integrantes que mais interagem são os participantes da sala secreta e “[...] muitos parecem mais fantasmas ou enfeites.”. (Administradora A). Ao considerar as pessoas pouco participativas, o *Facebook* apresentou uma novidade informando que irá remover aqueles perfis que não se manifestarem por meio de interações nos grupos. Em 24 de janeiro de 2019, alguns administradores estavam alertando os participantes das comunidades por meio de publicações. No entanto, tal informação não foi encontrada em

nenhum documento oficial na plataforma, e talvez fosse apenas uma tática dos administradores para que as pessoas passassem a interagir mais.

Todavia, postagens proibidas pela plataforma, como a publicação de *nudes*, são praticadas na sala secreta, que é uma peculiaridade do grupo *Ousadia permitida*, a fim de evitar que essas imagens sejam detectadas pela gerência da plataforma. Para ser aceito, mesmo que uma pessoa não tenha foto no perfil, é obrigatório que mostre uma foto sua para o administrador via *in box*. Isto é necessário, pois além de ser uma maneira de provar que não se trata de um *fake*, o que pode gerar complicações futuras como denúncias, estabelece uma relação de confiança entre os participantes. É exigido também o respeito entre os participantes na sala, não fazer *download* do que é postado, interagir sem exclusão e concordar com tais acordos (figura 14).

Apesar disso, às vezes, são divulgadas imagens de *nudes* total quando o participante consegue driblar o *software* que bloqueia esse tipo de conteúdo.

Figura 14 – Participante pergunta sobre as regras na página da *Ousadia permitida* em 30 out. 2018.

Fonte: *Ousadia permitida* (2018o).

Nas palavras da administradora A, há jogos eróticos e brincadeiras na sala secreta, onde é possível fazer o que a plataforma proíbe: “Funciona como uma terapia, troca de experiência. Muitos já se descontraíram, postam fotos mais ousadas e conseguem se sentir mais sexys, sem ter vergonha do próprio corpo [...]. Postam tudo que não pode ser postado no *Facebook* comum”. [sic]. A questão da liberdade ainda é bastante tratada nas falas dos

administradores A e B, principalmente no que se refere às expressões no campo da sexualidade. A própria sala secreta foi criada com esse propósito, já que lá pode-se interagir de maneira mais livre, isto é, longe da vigilância dos mecanismos do *Facebook* e até de usuários *fakes*, que podem causar problemas ao denunciar postagens mais ousadas.

A existência da sala secreta funciona como potência intrínseca (MAFFESOLI, 1998) ao permitir a prática de troca de *nudes* sem colocar em risco a existência da comunidade, ou seja, ocorre o deslocamento do social para a socialidade. As pessoas passam a vestir a máscara ou persona dentro do grupo. Pode-se dizer, ainda, que se trata da autorreferência, em que a tribo elege suas próprias regras e despreza o poder de instituições, no caso a plataforma *Facebook*.

A sociedade, julga, rotula, condena tudo que acham ser diferente. Detesto esse tipo retrógrado de pensamento. eu me permito ser livre e não julgar ninguém. Ai que tá o xis da questão. As pessoas não se importam com os outros, massacram sem piedade todos que não seguirem o que a sociedade nos impõem. Tudo que é diferente incomoda as pessoas. Muitas denúncias nos grupos são justamente porque as pessoas não tem coragem de ser o que gostaria e se incomodam com quem tem essa ousadia. Ai eu pergunto. Se são tão certinhas, o que estão fazendo dentro de um grupo de conotação sexual não é? Sou a favor de sexo consensual seja ele da forma que vier, se for pra dar prazer aos envolvidos. As pessoas deveriam se informar, pesquisar e se livrarem dos rótulos e preconceitos referentes ao sexo. Nada é sujo, pelo contrário, é bonito, prazeroso e deixa a pessoa mais feliz, quando ela está completamente satisfeita. Eu fui criada com todo rigor e numa cidade de 5 mil habitantes, mas sempre li muito, me informo sobre relacionamento e graças a Deus sou livre pra pensar diferente. Não faço nada que me envergonhe. Tenho um marido muito parceiro, só que mais liberal do que eu sou de fato kkkkkkk. [sic]. (ADMINISTRADORA A)

Diante do exposto, fica explícita a fuga dos padrões impostos pela sociedade e a exaltação da liberdade com o intuito de defender e exercer a construção de si em busca da autorrealização. Inclusive aqueles que, inseridos em um grupo de conotação sexual, como diz a administradora A, incomodam-se defendendo ideias contrárias à liberdade sexual, demonstram através dessas ações a fragmentação da identidade comum na atualidade (HALL, 2006). A administradora A não se refere apenas a infiltrados na comunidade, mas sim às pessoas que entram na comunidade e, em determinado momento, desaprovam alguma prática. Os infiltrados nas comunidades, segundo ela, algumas vezes são donos de comunidades que entram em outras comunidades de temáticas semelhantes para espionar e tentar aliciar membros e levá-los para seus grupos. Além desses, há também os que entram apenas para arrumar confusão e os que não concordam com alguma prática. Ainda nesse relato,

predominam as noções de prazer e satisfação. Trata-se da autorrealização (TAYLOR, 2011), do presenteísmo (MAFFESOLI, 1998) ou do desafio de ser si próprio (EHRENBORG, 2010).

O depoimento a seguir do administrador B denuncia mais uma vez a ideia de liberdade para autorrealização e presenteísmo. A ideia de que o tempo deve ser aproveitado, e de que a vida não deve ser desperdiçada delatam a ideia de hedonismo. Assim como a noção de que as ideias disseminadas no grupo fazem oposição às que são propagadas pelas instituições religiosas.

[...] temos o maior prazer em compartilhar nossas ideias...a liberdade começa na mente e quanto mais pessoas conseguirmos ajudar a se livrarem das regras criadas por um sociedade opressora ou das correntes impostas pela igreja para tornar as pessoas controladas por seu domínio e interesses pessoais...temos o livre arbítrio...temos o direito de fazer nossas próprias escolhas, mesmo sendo elas certas ou erradas...tenha uma linda vida e não perca seu tempo, nem um único segundo, pois um segundo perdido...é um segundo nunca mais recuperado...estaremos sempre a sua disposição... [sic]. (ADMINISTRADOR B)

As regras não ficam em postagem fixa na comunidade, como ocorre em muitos outros grupos. Entretanto, os administradores A e B afirmam fazerem uma seleção prévia com base na qualidade para aceitarem novos integrantes no grupo.

Quanto ao crescimento do grupo ele foi seletivo, ou seja, procuramos add pessoas com uma certa idade mais definida, carentes sim, solitários, pessoas educadas e inteligentes...tolerância e muita discrição...parceiras...amigas...e sem qualquer forma de discriminação...evitamos colocar jovens, de Cultura ruim, aproveitadores, exibicionistas é que não sabem respeitar...não queríamos quantidade...queríamos qualidade... [sic]. (ADMINISTRADOR B)

A nebulosa afetual postulada por Maffesoli (1998) está presente no grupo a partir da vontade de estabelecer amizades, bem como interagir expondo suas opiniões acerca dos temas relacionados à sexualidade, ou nas palavras que compõem o nome da comunidade, permitindo-se ser ousado. Nas palavras do administrador B, ao responder se as postagens são avaliadas e autorizadas antes de serem publicadas: “[...] se o propósito do grupo é permitir e incentivar as pessoas a se sentirem livres para ousarem, filtrar postagens já seria o oposto a estas ideias, no grupo todos podem tudo, menos causar desavenças, discriminar ou desrespeitar”. A perspectiva de liberdade faz parte da nebulosa afetual e também se enquadra nas teorias de Ehrenberg (2010), em que o indivíduo forja sua existência com liberdade de escolhas ante os desafios.

Além do grupo, onde tudo segue as regras politicamente corretas do *Facebook* e tudo é superficial, temos também em anexo, uma sala secreta, mais seletiva e estritamente liberal, nela tudo pode. As pessoas se oferecem para participarem, são avisadas das regras, algumas ficam, outras não, mas as que ficam criam um laço muito forte de amizade, intimidade, respeito, confiança e autoajuda, os laços são como o de uma família [*sic*]. (ADMINISTRADOR B).

A sala secreta, apesar de ter um número restrito de participantes, já que estes são selecionados com cuidado, parece ser o ambiente que fortalece de maneira mais efetiva o vínculo entre os participantes. Araújo (2017) demonstra, ao dissertar sobre a evolução e as mudanças do *feed* de notícias, que as ideias antes tidas como invasão de privacidade quando o *Facebook* passou a fazer a transmissão em tempo real do que os amigos faziam passam a ser entendidas como compartilhamento. Isto quer dizer que em lugar de transmissão prevalece a ideia de compartilhar. Tal noção hoje encontra-se totalmente incorporada enquanto valor cotidiano nas plataformas de rede sociais. As notificações no *feed* de notícias, portanto, facilitam e promovem a interação. Na comunidade a quebra de privacidade acontece quando alguém invade o *in box* com *nudes* ou cantadas sem ser convidado (Figura 15). Como ocorreu quando o *link* da enquete aplicada durante a pesquisa foi enviado para que os participantes respondessem.

Figura 15- Participante reclama invasão de privacidade na página *Ousadia permitida* em 17 jan. 19.

Fonte: *Ousadia permitida* (2019a).

Represálias não são bem-vindas e são tidas como falta de respeito. Denúncias na comunidade, retaliação frente a opiniões dos integrantes e ofensas, enfim, tais

comportamentos podem resultar em exclusão (Figura 16), pois significam a quebra da experiência ética na tribo (MAFFESOLI, 1998).

Figura 16 – Participante expulso por denunciar postagem na página *Ousadia permitida* em 17 jan. 19.

Fonte: *Ousadia permitida* (2019b).

Há, portanto, dentro da ética de grupo (MAFFESOLI, 1998), a proposta de aprovação mútua, liberdade para expressar-se, principalmente com relação à sexualidade, assim como o respeito e cumplicidade quanto às regras da comunidade. Quando as regras da plataforma não são cumpridas à risca, é preciso manter sigilo das práticas de *nudes* do grupo e não as denunciar. Comentários, curtidas e desafios nas postagens formam o combustível que alimenta o grupo, promovendo visibilidade e aprovação dos olhares alheios.

6 CONCLUSÕES

A quebra dos paradigmas do século anterior se evidencia pela divulgação do que antes era considerado íntimo e agora ocupa espaços públicos para adquirir visibilidade, como o caso de comunidades de *nudes* na plataforma do *Facebook*. A construção de si se faz por meio da troca dialógica (TAYLOR, 2011) efetivada por meio de engajamentos via comentários, botões de reação e desafios nas postagens, predominantemente constituídas pelas imagens dos integrantes da comunidade *Ousadia permitida*. Portanto, a extimidade elaborada pelos produtores, emissores e receptores de conteúdo (SIBILIA, 2016) se concretiza no espaço digital.

A intimidade invade o espaço público para ser contemplada, o panórgico (MACHADO, 2003). Logo, a temática frequente na comunidade é a de cunho íntimo, com ênfase em relacionamentos íntimos e sexuais normalmente abordados em torno de *selfies* e *selfies nudas*. Para os participantes do grupo, o *in box* é considerado espaço privado e deve ser respeitado. Nesses grupos em que a prática de *nudes* é reiterada, apesar de serem classificados como comunidades fechadas, não há dificuldade para entrar, já que é preciso apenas responder a algumas perguntas, de modo a firmar um compromisso de respeito com os demais integrantes e regras da comunidade.

Nas postagens enquadradas em reações do tipo *like*, *love*, *wow* e mais comentadas, isto é, reações que demonstram sentimentos positivos, estão sempre as *selfies*, as brincadeiras interativas e as fotos/cumprimento. Em geral, são *posts* que divulgam imagens de participantes, administradores e moderadores. Nessa perspectiva, a necessidade de ocupar lugar de destaque (EHRENBERG, 2010) e de obter visibilidade para se transformar em celebridade (SIBILIA, 2016) fica evidente com o sucesso conquistado pelas brincadeiras. Por exemplo, para fazer montagens com as imagens de participantes e administradores para a capa da revista *Playboy* e calendários do mês. As brincadeiras interativas que visam divulgar *selfies* são as mais populares, sendo que a exibição do corpo é o que move a interação.

Por sua vez, as enquetes receberam engajamentos como *angry* ou *sad*, de maneira a configurar a ideia de espaço para a construção de opiniões divergentes e, ainda assim, somando pouquíssimos engajamentos, apenas seis entre o total de 5.258 reações. Observa-se a manifestação do hedonismo, o prazer se impõe em lugar de posturas críticas. Trata-se da *persona* que se adequa ao padrão comunicacional desse tipo de comunidade, no qual o clima da interação é marcado pelo prazer vivido no momento presente, o presenteísmo (MAFFESOLI, 1998).

Os participantes não se atrevem a satirizar as *selfies*, e nem há espaço para isso, uma vez que pode representar uma ofensa, ou seja, vai na contramão da nebulosa afetual da tribo quebrando o sentimento comum (MAFFESOLI, 1998), que é a aprovação mútua dos olhares (SIBILIA, 2016). E aqui faz sentido que os respondentes da enquete digam que ao postar *selfies* esperam obter comentários ou menções a partir dos botões de reação, pois tal anseio reforça o objetivo maior que é a aprovação do outro para ajudar a promover a visibilidade. Dessa forma, a subjetividade alterdirigida supre o desejo de ser amada por seus pares (SIBILIA, 2016).

Em certa medida, os relacionamentos estabelecidos se limitam ao ciberespaço, explicando o porquê da maioria (73,3%) dos respondentes não ter tido um encontro presencial, apesar de ser altamente desejado (93,3%). Consequentemente, há tensão entre os preceitos de vocação fáustica e prometeica em que o físico e o digital dividem espaço (SIBILIA, 2015). Embora o anseio por encontro fora do espaço digital seja predominante, ele não se materializa. Uma prova é que a resposta quanto a encontrar parceiro ou parceira na comunidade ficou com 6,7% para a pergunta “O que te motiva a participar dessa comunidade”? A resposta “fazer amigos” alcançou 53,3%, e “conversas mais ousadas no privado” 40%. Tal constatação revela a despreocupação com compromissos futuros e o desejo de apoio dos amigos na comunidade.

O grupo é constituído majoritariamente por pessoas maduras, portanto, a postagem de *selfies* e *selfies nudes* nem sempre atendem às demandas do padrão estético de beleza em vigência imposto pelo mercado, mediante a necessidade de manter-se jovem e esbelto. No entanto, a busca de aprovação pelos pares parece ser um meio de amenizar a pressão sofrida por tais demandas. Nesse sentido, os corpos expressos por meio das *selfies* muitas vezes deixam revelar o que poderia ser considerado como imperfeições. O número de curtidas e comentários demonstram a aceitação, a avaliação é sempre positiva, do contrário seria concebido como falta de respeito entre os participantes.

A autoconstrução de si é feita mediante a interação na plataforma. O conceito de herói sobrevivente concorrendo em busca da melhor performance (EHRENBERG, 2010) requer atitude ousada conforme as práticas na comunidade, porém, com cautela para driblar possíveis bloqueios da plataforma. Participar dos desafios, respeitar a liberdade de opinião e se manter ativo pela interação são atitudes aspiradas no grupo. As práticas da comunidade podem revelar o sentimento comum ou sentimento de pertença que funciona como fator de agregação, por meio de rituais como o costume de postar *selfies* e interagir pelas enquetes e, principalmente, pelas brincadeiras, que agem também como flerte e reforçam os laços de

amizade. A ambiência emocional ou aura estética comentada por Maffesoli (1998) se constitui por meio das práticas rituais regulando a experiência ética na moral própria da tribo. A moral vai sendo modulada de acordo com o sentimento comum que faz querer estar junto, a partir da articulação entre visibilidade e aprovação mútua dos participantes, usando *likes*, postagens de *selfies* e comentários.

A cada interação, existe a possibilidade de adquirir visibilidade ao promover a mobilização por meio de curtidas que, por sua vez, aparecerão no *feed* de notícias. Diante disso, a dinâmica de conexão e interação nas quais opera o *feed* ao colaborar para melhorar a interação (ARAÚJO, 2017) é parte das práticas do grupo. É preciso considerar a ideia de constructo sociotécnico em que a técnica influencia e é influenciada pelas ações dos usuários. O aviso no *feed* de notícias de que alguém curtiu ou comentou certa postagem ajuda a promover a interação. A exclusão e bloqueio de usuários nem sempre parte da ação dos algoritmos, algumas vezes se deve a divergências entre os próprios participantes. Ocorre a quebra da experiência ética quando alguém não respeita as regras da comunidade e denuncia uma postagem.

A criação da sala secreta é uma estratégia para manter a publicação de *nudes* sem que o grupo seja excluído pela administração do *Facebook*. Trata-se da potência intrínseca (sala secreta) que procura driblar o poder extrínseco (regras do *Facebook*), do qual fala Maffesoli (1998). Trata-se da passagem da sociabilidade para a socialidade em que há a desobediência com relação aos contratos inerentes às instituições para, enfim, agregar-se à tribo afetual com o intuito de mantê-la viva e ativa.

Por outro lado, quando o participante não está mais de acordo com as regras da comunidade ou não encontra mais afinidade com as práticas e costumes, ocorre o abandono do grupo, visto que não há dificuldade para se desligar quando o interesse acaba, comprovando a inconstância das pessoas e também das relações nas tribos. Trata-se da natureza orgânica dessas novas configurações sociais e ainda da instabilidade própria da contemporaneidade. É notável a existência de contratos revogáveis sendo que as tecnologias do imaginário atuam por sedução (MACHADO, 2003).

As máscaras são vestidas e os comentários e postagens vão dando forma à personalidade que se deseja exibir. A comunidade é justamente o espaço de exibição e aceitação. A identidade agora na contemporaneidade para Maffesoli (1996) funciona a partir da lógica de identificação. As pessoas se sentem atraídas pela aura que emana da comunidade, incorporam a *persona* que mais se adequa à ocasião e então passam a integrar o grupo sem assumirem um contrato duradouro. A permanência se faz enquanto houver identificação.

Contudo, dada a fluidez das relações na contemporaneidade e, sobretudo via ciberespaço, as identificações são voláteis. Esse descompromisso em ser alguém firmado numa identidade rígida, ou seja, a identidade é agora fragmentada (HALL, 2006), é uma característica presente na contemporaneidade, bem como na comunidade estudada, corroborando o comprometimento com o prazer imediato.

Conforme Maffesoli (1998), essas pessoas vestem as máscaras ao participarem das tribos afetuais. A incompatibilidade de alguns que se manifesta vez ou outra por meio de denúncias, assim como a liberdade para pensar diferente estando de acordo ou não com as práticas da comunidade, demonstram a alteridade acolhida pela harmonia conflitual. Todavia, a liberdade de posicionamento é regulada pela experiência ética na comunidade que se orienta pela aceitação do outro. Novamente, entra em cena a ideia de autorrealização que é regulada pela troca dialógica (TAYLOR, 2011).

Na comunidade *Ousadia permitida*, o casal de administradores A e B corporifica a proposta de subjetividade alterdirigida, a qual deseja ser apreciada e amada por seus pares. Desse modo, o casal figura como elemento central para a própria existência do grupo. O administrador B é o agente facilitador de visibilidade da esposa, a administradora A, ao promover postagens a tendo como protagonista. Trata-se, assim, da representação da publicização da vida íntima pela divulgação de si. São artistas de si ao forjarem sua melhor imagem construindo-se como celebridades ao divulgarem a vida íntima no ciberespaço como autobiografia. A intimidade como espetáculo passa a ser vislumbrada permeada pela originalidade e liberdade de mostrar-se como se é.

Por fim, a noção de grupo como suporte para terapia e autoajuda frequente nos relatos revela a necessidade de se trabalhar a autoestima. A aprovação alheia parece preceder a autoaceitação que, quando conseguida, gera conforto amenizando a solidão e a carência de muitos participantes da comunidade. A aprovação pode ocorrer não apenas com o alcance de curtidas, mas pela aceitação para se inserir na sala secreta e pela liberdade de expressão de opiniões. Ademais, a comunidade como corpo, que enquanto aparência comunica e dá forma, cria um imaginário social, permeado pelas ideias de amizade e sexualidade. Portanto, movimenta-se como nebulosa afetual emanando um sentir em comum (a estética) que, como dado comunicacional, ao se deixar ver, agrega, une operando como cimento social num território (MAFFESOLI, 1996, 1998) ocupado pela comunidade *Ousadia permitida*.

REFERÊNCIAS⁶

- AD ADULTOS PICANTE [Facebook]. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1734272123563028/>> Acesso em: 23 fev. 2018.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (notas para investigação). In: ŽIŽEK, Slavoj (Comp.) **Um mapa da ideologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105 - 142.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário**, n. 20, p. 34-40, 2008.
- ARAÚJO, Willian Fernandes. **Os algoritmos do Facebook**: Um estudo dos primeiros 10 anos do *feed* de notícias. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de pós graduação em comunicação e informação, Faculdade de Biblioteconomia e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157660/001020105.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 07 abr. 2019.
- BBC. News Brasil [homepage]. *Facebook se desculpa por censurar por engano foto de estátua*. 04. jan. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-38501017>>. Acesso em: 03 ago. 2018.
- CURTIDAS NO PERFIL E STATUS. 2019. [Facebook]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/324918734625085/>>. Acesso em: 18 fev.
- 2019 DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. In: _____. O proletário como sujeito e como representação. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017. p. 61 – 71.
- DELEUZE, Gilles: **Conversações** In: _____. Post escriptum sobre as sociedades de controle, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 219 –226.
- DIOGO, Lígia Azevedo; SIBILIA, Paula. Vídeos de família: entre os baús do passado e as telas do presente. **Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 14, p.313-314, 2013. Disponível em: <<http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc>>. Acesso em: 21 mar. 2018.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.
- EHRENBERG, Alain: **O culto da performance**: Da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

⁶ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023 (2002).

EL PAIS [homepage]. Governo de SP suspende reorganização escolar após protestos. 13 jan. 2016. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/04/politica/1449237423_542806.html>. Acesso em: 22 fev. 2019.

FACEBOOK [homepage]. 2018. Padrões da comunidade. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/communitystandards>> Acesso em: 27 mar. 2018.

FARTHING, Stephen. **Tudo Sobre Arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FERNANDES, Bárbara. *Facebook* faz 14 anos: veja curiosidades sobre a história da rede social. **Techtudo**, 04 fev.2018. Disponível em:<
<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/facebook-faz-14-anos-veja-curiosidades-sobre-a-historia-da-rede-social.ghml>>.Acesso em: 22 jan.2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. *In*: _____ Os corpos dóceis. Petrópolis- RJ: Vozes, 2014. p.133-166.

GERMANO, Felipe. Quer fazer um ménage à trois? **Uol**, 24 jan. 2019 Disponível em
<<https://sexting.blogosfera.uol.com.br/2019/01/24/quer-fazer-um-menage-a-trois-estes-apps-te-ajudam/?cmpid=copiaecola>> Acesso em: 24 jan. 19.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2011.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOMES, Helton Simões. *Facebook* libera cinco novos botões alternativos ao “curtir”. **O Globo**, 24 fev. 2016. Disponível em:
<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>. Acesso em: 23 jan. de 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HAMANN, Renan. Você sabe o que *sexting*? **Tecmundo**, 10 nov. 2009. Disponível em:<<https://www.tecmundo.com.br/celular/3070-voce-sabe-o-que-e-sexting-.htm>. Acesso em: 23 jan. 2019.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet**: Embedded, embodied and everyday. London: Bloomsbury Academic, 2015.

LIMA, Nina *Facebook* muda regras sobre nudez e permite imagens de amamentação. **O Globo**, 13 Jun.2014. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/facebook-muda-regras-sobre-nudez-permite-imagens-de-amamentacao-12842258o>> Acesso em: 26 mar. 2018.

MACHADO, Juremir. **Tecnologias do imaginário e sociologia compreensiva**: do conceito ao método. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MACHADO, Nealla Valentim. **“Manda nudes?”**: Imagens íntimas e as representações de gênero na mídia brasileira. 2016. Dissertação (mestrado)- Programa de Pós-Graduação em

Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016

Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4453333 Acesso em: 30 jan. 2018.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro-RJ: Forense Universitária, 1998.

_____. **No fundo das aparências**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

MÜLLER, Leonardo. Fim do 'nude accidental'? Site identifica fotos de pessoas sem roupas na web. **Tecmundo**. 25 de jun. 2015. Disponível em:

<<https://www.tecmundo.com.br/imagem/82099-is-it-nude-site-consegue-identificar-pessoas-roupas-fotos-web.htm>> Acesso em: 26 mar. 2018.

MY LIFE [Homepage]. 2018. Disponível em < <https://www.mylife.com/> > Acesso em: 8 Jan. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018a. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/groups/1654051967983310/>> Acesso em: 28 jan. 2019.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018b. [*Post* ilustrativo de brincadeira interativa na página *Ousadia permitida* em 6 set. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=460640861105617&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 6 set. 2018

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018c. [*Post* ilustrativo de Enquete na página *Ousadia permitida* em 3 jun. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=443862579415800&set=gm.1722791627776010&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018d. [*Post* ilustrativo de *meme* cumprimento na página *Ousadia permitida* em 9 mai. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=577145432669930&set=gm.1657741100947730&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 9 mai. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018e. [*Post* ilustrativo de *meme* mensagem na página *Ousadia permitida* em 23 ago. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=160287484851476&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018f. [*Post* ilustrativo de *meme* piada na página *Ousadia permitida* 29 jun. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2048347932084875&set=gm.1716698728385300&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018g. [Ilustração de *Post* Mensagem na página *Ousadia permitida* em 5 jul. 2018].

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1654051967983310/?fref=nf>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018h. [Interação em brincadeira interativa na página *Ousadia permitida* em 24 jul. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=147666659446892&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018i. [Interação por comentários na página *Ousadia permitida* em 28 jul. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=149651855915039&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018j. [Brincadeira interativa sobre conectividade na página *Ousadia permitida* em 16 ago. 2018].

Disponível

em:<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=446509692518734&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018k. [Participante comenta sobre arrependimento por relacionar-se no ambiente digital na página do *Ousadia permitida* em 03 jul. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=443862579415800&set=gm.1722791627776010&type=3&theater&ifg=>>> . Acesso em: 03 jul. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018l. [Comentários com confidências e apoio entre os participantes na página *Ousadia Permitida* em 23 ago. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=453341935168843&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018m. [*Post* de comemoração da fundação do grupo na pagina *Ousadia permitida* em 05 jul. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=405564433279927&set=gm.1726429320745574&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018n. [*Post* ilustrativo de mulheres fora do padrão na página do *Ousadia permitida* em 22 set. 2018].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=171289563751268&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 22 set. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2018o. [Participante pergunta sobre as regras na página da *Ousadia permitida* em 30 out. 2018].

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1654051967983310/?fref=nf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2019a. [Participante reclama de invasão de privacidade na página *Ousadia permitida* em 17 jan. 19].

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1654051967983310/?fref=nf>>. Acesso em: 17 jan. 19.

OUSADIA PERMITIDA [Facebook]. 2019b. [Participante expulso por denunciar postagem na página *Ousadia permitida* em 17 jan. 19].

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2184299961823004&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1><https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2184299975156336&set=g.1654051967983310&type=1&theater&ifg=1>>. Acesso em: 17 jan. 19.

NEVES, Luís Felipe Fernandes; PAVAN, Ricardo. Conteúdo digital viralizante: o *meme* como expressão do receptor na sociedade midiaticizada. **Panorama: Revista científica de comunicação social**, Goiás, v. 8, p. 12- 17. Jan./ Jun. 2018.

PEREIRA, Leonardo. Usuários poderão escolher se querem ver nudez no *Facebook*. **Olhar Digital**, 17 Fev. 2017. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/usuarios-poderao-escolher-se-querem-ver-nudez-no-facebook/66199>> Acesso em: 26 Mar. 2018.

PETROSILLO, Isabela Rangel. **Esse nu tem endereço**: o caráter humilhante da nudez e da sexualidade feminina em duas escolas públicas. Dissertação (mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade federal Fluminense, Niterói, 27 Abr. 2016.

Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3942024> Acesso em: 30 de janeiro de 2018.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **Revista E-Compós**, v. 4, p. 1-22, 2005.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

_____. **O homem pós orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, Paula; DIOGO, Lígia Azevedo. Vitrines da intimidade na internet: imagens para guardar ou para mostrar. **Estudos de Sociologia**, 01 Abr. 2011, v.16, p.127-139 2011.

Disponível em: <<https://doaj.org/article/5d5cee1cb8ab448e883352f93bdf1327>>. Acesso em: 21 Mar. 2018.

SILVA, Sirlanda Maria Selau da **O discurso jurídico sobre pornografia de vingança no Brasil**. 2016a. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós -graduação em Ciências sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016a. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4086238>. Acesso em: 30 Jan. 2018.

SILVA , Luciola Carla Correia da. **Constelações visuais: o imaginário das fotografias e comunidades na rede**. 2016b. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016b. Disponível em:<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4256078>. Acesso em: 30 Jan. 2018.

SUMARES, Gustavo. 40% da população mundial estão nas redes sociais, diz estudo. **Olhar digital**, 07 ago. 2017. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/40-da-populacao-mundial-esta-nas-redes-sociais-diz-estudo/70226>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. São Paulo: É realizações, 2011.

UOL [homepage]. *Facebook quer seus nudes entenda*. 26 jan. 2018. Disponível em: <https://seguranca.uol.com.br/antivirus/dicas/curiosidades/facebook_quer_seus_nudes_entenda.html#rmcl>. Acesso em: 23 Jan. 2019.

VILLAÇA, Nízia, FRED Góes. **Em nome do corpo**. 2 ed. São Paulo: Estação das letras e cores, 2014.

APÊNDICE A- ENTREVISTA COM ADMINISTRADORES

1. Quando a comunidade foi fundada? E como ela foi crescendo em adesão ao longo dos anos?
2. Qual o motivo para a criação do grupo?
3. Considerando sua experiência como administrador(a)/ moderador(a), o que você acredita que leva as pessoas a postarem *nudes*?
4. As publicações são avaliadas e autorizadas antes da postagem?
5. Quais tipos de postagens geram mais engajamentos, considerando inclusive a marcação de reações?
6. Levando em conta que os integrantes apresentam níveis diferenciados de interação, como funciona a participação dos membros no grupo?
7. Qual a regra mais violada que pode levar ao desligamento de um membro do grupo?
8. É comum o desligamento do grupo, ocorre com qual frequência?
9. O que é mais frequente? A pessoa ser banida ou o abandono?

APÊNDICE B - ENQUETE APLICADA NA COMUNIDADE.

1. Faixa etária

18 a 20 () 21 a 30 () 31 a 59 () 60 a 80 () acima de 81 ()

2. Sexo

Feminino () Masculino () Outros () _____

3. Qual as motivações para participar do grupo *Ousadia permitida*?

Fazer amigos () Sexo virtual () Encontrar um parceiro ou parceira ()

4. Ao postar selfies, qual a reação esperada?

Curtidas/ reação () Comentários () Convite para sexo virtual ()

Convite para encontro pessoal ()

5. Já postou *nudes* na comunidade *Ousadia permitida*?

Sim () Não ()

6. Gostaria de encontrar pessoas da comunidade presencialmente?

Sim () Não ()

7. Já teve um encontro presencial com alguém da comunidade?

Sim () Não ()

8. Já recebeu convite para sexo virtual via in box?

Sim () Não ()

9. Quais postagens são mais interessantes?

Enquetes () *Nudes* () Brincadeiras interativas ()

10. Participa de outros grupos ou comunidades de *nudes*? Se sim, indique o nome do grupo e o canal *on-line* (Instagram, WhatsApp etc.).